

**PRÁTICAS DISCURSIVAS SOBRE
PARTICIPAÇÃO POLÍTICA JUVENIL:
entre os prazeres, orgulho e sacrifícios.**

Érika de Sousa Mendonça

**PRÁTICAS DISCURSIVAS SOBRE
PARTICIPAÇÃO POLÍTICA JUVENIL:
entre os prazeres, orgulho e sacrifícios.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Benedito Medrado

RECIFE.
2008

Mendonça, Érika de Sousa

Práticas discursivas sobre participação política juvenil: entre os prazeres, orgulho e sacrifícios / Érika de Sousa Mendonça. – Recife: O Autor, 2008.

140 folhas : il., fig.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Psicologia, 2008.

Inclui : bibliografia e anexos.

1. Psicologia. 2. Psicologia do adolescente. 3. Juventude. 4. Participação política. 5. Movimento social. 6. Práticas discursivas. 7. Multimodalidade investigativa. I. Título.

159.9

CDU (2. ed.)

UFPE

150

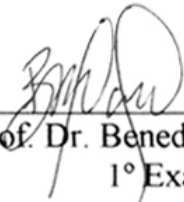
CDD (22. ed.)

BCFCH2008/27

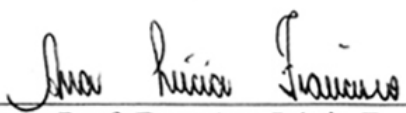
**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**PRÁTICAS DISCURSIVAS SOBRE
PARTICIPAÇÃO POLÍTICA JUVENIL:
entre os prazeres, orgulho e sacrifícios.**

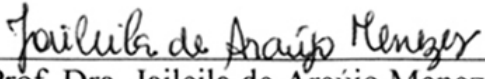
Comissão Examinadora:



Prof. Dr. Benedito Medrado-Dantas
1º Examinador



Prof. Dra. Ana Lúcia Francisco
2º Examinador



Prof. Dra. Jaileila de Araújo Menezes
3º Examinador

Recife, 27 de fevereiro de 2008.

Ao Deus que habita em mim,
pelos constantes diálogos e
indicações de caminhos a seguir.

AGRADECIMENTOS

Não imaginei que esta seria a parte mais doce e também a mais difícil da dissertação. Mais doce por trazer lembranças das pessoas que contribuíram nesse caminhar; mais difícil porque é o limiar entre a extravagância e o receio da injustiça, afinal não dá para nomear cada uma das pessoas que merecem ser citadas, mas há aquelas que não podem passar despercebidas.

Agradeço a *Deus*, cuja presença fortalece esperanças e me faz avançar nos projetos de vida.

Aos *meus familiares* que, mesmo na distância, são tão próximos e incentivadores: muito obrigada por jamais deixarem de acreditar em mim e em meus sonhos.

A *Edu*, companheiro de jornada, incansável apoiador de minhas investidas. Pelo amor, amizade, compreensão e paciência, sou-lhe grata.

Às grandes, presentes e dedicadas amigas *Renata*, *Giselle* e *Kátia*: sem a presença de vocês, toda essa trajetória - e principalmente a dureza da reta final - teria sido muito mais difícil.

À turma da *Em Cena Arte e Cidadania*: foi muito bom contar com a presença de espírito e estímulos de vocês. *Beta*, sua compreensão e apostas fizeram a diferença. Estou voltando.

Aos *java-amigos* agradeço pela atenção e amor partilhado, pelos aprendizados em construção no nosso caminhar da roda da vida, pelos risos soltos e desabafos de dores e cansaços. Valeu!

A *Benedito*, pelos diálogos, ensinamentos, disponibilidade e orientações; a todos que fazem o *Gema* e o *Instituto Papai*, especialmente *Edna*, *Ana Roberta*, *Karina* e *Jorge*: foram muitas as “desconstruções” e o crescimento. Ainda há muito a trilharmos juntos.

A *todos(as) os(as) amigos(as)* que, de alguma forma, são parte dessa trajetória, dos baianos aos pernambucanos, em algum lugar nos encontramos e nossos vínculos se mantêm. Sou grata especialmente a *tio Jorge*, *tia Laurinha*, *Lidia*, *Laine*, *Silvia*, *Rico*, *Pingo*, *Digo*, *Cida*...

Aos *professores do PPG-Psicologia*, pela coragem de fazer esse programa acontecer e pelos ensinamentos partilhados; especialmente a *Rose*, *Jaileila* e *Bel* deixo meus agradecimentos. *Pessoal da secretaria* - *Alda*, *Leticia* e *Bruno* -, *colegas de mestrado* com quem tive o privilégio de conviver: vocês também são parte dessa história.

Agradeço a *Monica Franch*, por todos os guias de leitura e dicas no caminhar deste estudo.

Aos *membros da banca examinadora*, especialmente a *Silke* que me despertou a curiosidade científica e me apoiou sempre: obrigada pelas contribuições em minha trajetória acadêmica.

Aos jovens interlocutores, agradeço a disponibilidade, a confiança e a riqueza dos diálogos.

À FACEPE, que apoiou e viabilizou o desenvolvimento deste estudo: muito obrigada!

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1: Características dos participantes da pesquisa	62
Figura 1: Esquema ilustrativo do percurso metodológico (etapa pré-campo)	71
Figura 2: Esquema ilustrativo do percurso metodológico (campo)	72
Figura 3: Esquema ilustrativo dos focos analíticos da pesquisa	75
Figura 4: Esquema ilustrativo das relações entre jovens e adultos a partir de construções discursivas dos participantes da pesquisa	80
Quadro 2. Termos utilizados pelos participantes para se referirem aos jovens	81
Quadro 3. Vozes identificados no diálogo com participantes da pesquisa	88

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CONJUBE – Conselho Nacional de Juventude

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

ENA – Encontro Nacional de Adolescentes

FSB – Fórum Social Brasileiro

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MAB – Movimento de Adolescentes do Brasil

OMS – Organização Mundial de Saúde

ONG – Organização Não Governamental

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TSE – Tribunal Superior Eleitoral

UBES – União Brasileira dos Estudantes Secundaristas

UNE – União Nacional dos Estudantes

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA

AGRADECIMENTOS

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT

Capítulo 1 – INTRODUÇÃO

1.1 Iniciando o percurso.....	11
1.2 Definindo a problemática de estudo.....	13
1.3 Dos capítulos dessa dissertação.....	16
1.4 Uma última observação.....	16

Capítulo 2 - CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROBLEMA

2.1 Adolescência e juventude: encontros e desencontros.....	18
2.1.1 Polissemia de sentidos.....	18
2.1.2 Sobre a adolescência e a Psicologia.....	20
2.1.3 Sobre a juventude e a Psicossociologia.....	22
2.2. Problematizando o estudo da juventude.....	24
2.2.1 Juventude: fase da vida ou construção social?.....	24
2.2.2 Do que se tem discutido sobre juventude.....	25
2.2.3 Jovens: portadores de apatias ou de utopias?.....	27
2.2.4 Expressões de juventude nas últimas décadas.....	30
2.2.5 Sociedade de consumo e produção de subjetividades.....	32
2.2.6 Viscumbando diferentes formas de participação política juvenil.....	35
2.3 Política e movimentos sociais: sentidos possíveis, sentidos adotados.....	39
2.3.1 Dos movimentos sociais.....	42

Capítulo 3 - ABORDAGEM TEÓRICO-EPISTEMOLÓGICA

3.1 Situando a abordagem teórico-epistemológica escolhida.....	45
3.2 Dos estudos em psicologia e a perspectiva construcionista.....	45
3.3 Dos estudos da linguagem, do discurso e das práticas discursivas.....	49
3.4 Das práticas discursivas e a produção de sentidos no cotidiano.....	51

Capítulo 4 – METODOLOGIA

4.1 Iniciando as escolhas: a pesquisa qualitativa.....	54
4.2 Primeiras aproximações ao universo de interesse.....	55
4.3 Definindo os participantes: trajetórias e escolhas.....	58
4.3.1 Das trajetórias.....	58
4.3.2 Da escolha.....	60
4.3.3 Caracterizando os informantes.....	61
4.4 Técnicas, instrumentos e criações.....	62

4.4.1 Observação participante.....	62
4.4.2 Oficinas de expressão.....	64
4.4.2.1 Entrevista coletiva.....	64
4.4.2.2 Expressões corporais: outras linguagens produzindo sentidos.....	65
4.4.2.3 Sobre as oficinas realizadas.....	68
4.4.3 Acompanhando o jovem por um dia.....	69
4.5 E o que vem depois?.....	70
Capítulo 5 - PREPARANDO CAMINHOS PARA A ANÁLISE	
5.1 O que levar em consideração?.....	72
5.2 Dos procedimentos de análise.....	76
Capítulo 6 – ANÁLISE	
6.1 Dialogando com os jovens.....	79
6.2 Das nomeações de jovens: aproximações aos jogos de posicionamento.....	79
6.2.1 Os jovens por eles mesmos.....	81
6.2.2 Os jovens pelos outros.....	85
6.2.3 Os outros jovens segundo os participantes de movimentos sociais.....	86
6.3 Interlocutores ou vozes.....	88
6.4 Repertórios.....	89
6.4.1 Poder e sujeitos (a)politizados.....	90
6.4.2 Não-participação de jovens em movimentos sociais.....	92
6.4.3 Investimento afetivo intenso e extenso.....	97
6.4.4 Consequências positivas, prazeres e orgulho.....	100
6.4.5 Dificuldades, desestímulos e sofrimentos.....	106
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	119
REFERÊNCIAS.....	127

APÊNDICES

Apêndice 01: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido utilizado no ENA

Apêndice 02: Ficha de identificação sócio-demográfica

Apêndice 03: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido utilizado na pesquisa

Apêndice 04: Quadro com categorias e sub-categorias temáticas

RESUMO

Este estudo focaliza a construção de sentidos sobre participação política juvenil, a partir de exercícios discursivos e corporais com um grupo de jovens que atua em movimentos sociais. Compartilha uma inquietação acerca do tratamento destinado ao jovem denunciado pela literatura crítica especializada, que aponta uma polissemia de definições de juventude, muitas vezes subsumida por perspectivas “adultocêntricas”. Jovens são, assim, situados entre dois pólos: por um lado, problema social e parcela da população alheia a questões políticas e voltadas apenas aos próprios interesses; por outro, aparecem referenciados em suas possibilidades de atuar e intervir em questões políticas, capazes de transformar realidades sociais. No conjunto desta literatura, especialmente a partir da década de 1990, emergem estudos e pesquisas que associam juventude à participação em movimentos sociais. Na aproximação com esta literatura, desenvolvem-se duas questões norteadoras desta pesquisa: em primeiro lugar, como jovens engajados em grupos e organizações que integram movimentos sociais produzem sentidos sobre juventude? Uma pergunta complementar é: como esses jovens se posicionam neste contexto e que versões sobre participação política produzem? Adotou-se, como referencial teórico, o construcionismo social, que busca desfamiliarizar sentidos e retóricas naturalizadas, definindo a produção de sentidos como um fenômeno interativo, a partir do qual as pessoas se posicionam na vida cotidiana. A metodologia tomou por base a multimodalidade, na tentativa de construir e registrar discussões que oferecessem um olhar mais ampliado aos sentidos sobre juventude e participação política em construção por jovens integrantes da rede MAB (Movimento de Adolescentes do Brasil), especialmente aqueles residentes na Região Metropolitana do Recife. Fez-se, assim, uso de diferentes recursos e procedimentos metodológicos: 1) observação participante; 2) oficinas de expressão, que incluíram expressões corporais como o teatro e a dança às discussões verbalizadas em grupo, inspiradas no modelo do Grupo Focal e 3) acompanhamento de jovens durante um dia de seu cotidiano. Os sentidos de juventude continuam - como na literatura especializada - plurais, porém novos (ou outros) repertórios são identificados, levando-se em consideração sua construção por atores sociais diretamente envolvidos nessa discussão, e até então com pouco espaço de expressão: os próprios jovens. Das análises efetuadas, empregando estratégias diversas de reorganização de enunciados, a partir da identificação de nomeações, gêneros de fala e outras expressões não verbais, podem ser destacados um conjunto de cinco repertórios lingüísticos por meio dos quais pudemos identificar jogos de posicionamento e interlocutores: poder e sujeitos (a)politizados; não-participação de jovens em movimentos sociais; investimento afetivo intenso e extenso; consequências positivas, prazeres e orgulho; dificuldades, desestímulos e sofrimento. Em linhas gerais, tais produções discursivas englobam prazeres e orgulhos, mas também dificuldades e sacrifícios da atuação política desenvolvida por esses jovens. As reflexões realizadas esperam contribuir ao debate sobre juventude e atuação política, agregando reflexões não apenas à comunidade acadêmica, mas também às políticas públicas, grupos e organizações sociais que atuam junto a jovens, destacando-se, também, contribuições aos próprios jovens, com a possibilidade de, numa perspectiva de atuação científica, ética e política, favorecer-lhes espaço de reflexão, discussão e questionamentos acerca de suas escolhas e projetos políticos negociados numa perspectiva intergeracional.

Palavras-chave: juventude; participação política; práticas discursivas; multimodalidade investigativa

ABSTRACT

This study focuses on the construction of meaning for the political participation of young people. It is based on the analyses of discussions and physical exercises carried on with a group of young people who take part in social movements. It also shares a concern about the treatment given to young people, as denounced in the specialized literature which shows a myriad of meanings for the youth. Moreover these meanings seem to be often from the adult point of view. Young people are considered in between two extremes. On one hand, they are seen as a social problem: selfish, individualists and who do not care about the political issues. On the other hand they are referenced as people who can act and intervene in political issues and are capable of transforming society. In the amount of literature searched, specially the one from the 1990s, it is possible to see some studies about the participation of young people in social movements and how it happens. And it gives rise to the two questions which guide this research: first of all how young people who are involved in social movements, groups and organizations make sense of the concept of youth? And a complementary question is: what position those young people take in this context and which versions of political participation they produce? The social constructionist perspective was adopted as theoretical reference for this study because it goes against the common sense and it states that making sense of things is an interactive phenomenon and the result of the interaction of people in the daily life. 1) Observing and taking part, 2) expression workshop, which included body movement, theater, dance and discussions inspired in the model of Focal Groups and 3) analyses of the daily routine of young people. All these methods were used to collect enough data to give greater scope to the meaning of the youth and the political participation that are being constructed by the integrants of MAB (Brazilian's Adolescents' Movement), especially those who live in Recife's Metropolitan Region. The definitions for youth remain the same in quantity as seen in the specialized literature. However, with differences in meaning which are given by the young people themselves. By employing several analytical strategies such as reorganization of the speech from the identification of nominations, types of speech and other not verbal expressions we found out a set of five linguistic repertoires which allowed us to identify attitude and interlocutors: power and non- politicized people; the non participation of young people in social movement; extended and affective investment; positive consequences; difficulties and lack of motivation. In general such discursive productions include pleasure and pride but also difficulties and sacrifices in the political acting for these young people. This study may contribute to the discussion about youth and political acting not only to the academic community, but also to groups and social organizations that act together with young people and maybe generates changes in the public services. At least but not last it is also intended to the youth as a contribution for their development as active members of society who are able to reflect and discuss about their choices and political projects.

Key words: youth – political participation – social movements – discursive practices – multimodal approach

1. INTRODUÇÃO

1.1 Iniciando o percurso

As discussões que esta dissertação tenciona suscitar dizem respeito à produção de sentidos sobre participação política juvenil, a partir da análise de práticas discursivas de jovens integrantes de movimentos sociais. Contudo, até chegar a essa problemática, um longo caminho foi percorrido, atravessado por constantes inquietações e reformulações.

Em um primeiro momento, o tema pensado se relacionava às interlocuções entre jovens e meios de comunicação de massa. Nesse sentido, eu buscava, sob o viés da relação entre cultura e subjetividade, compreender as possibilidades de singularidade ou massificação dos jovens, no contexto do *mass mídia* e da cultura de mercado.

Contudo, considerando minha atuação profissional em Organizações Não-Governamentais (ONG) voltadas a crianças e jovens em situação de exclusão social, outras inquietações foram surgindo e novas perspectivas foram se apresentando, mas ainda pautadas pelas discussões sobre a interface cultura-subjetividade, do “dentro e fora” simultaneamente, das possibilidades de posturas e ações singularizadas ou “massificadas”.

Nesse caminhar em busca de maior clareza da problemática a ser investigada, meus estudos sobre a juventude, objeto de interesse desde o princípio, foram-se ampliando e outra questão foi se apresentando. À medida que me deparava com artigos e construções científicas sobre os jovens, diferentes conotações iam sendo identificadas: jovens como portadores de utopias, capazes de provocar mudanças na sociedade (CRUZ, 2000; DIAZ; RAMOS, 2006); jovens como projeção do desejo adulto (CALLIGARIS, 2000; GROPPPO, 2000); como alvos fáceis da moda e da cultura do consumo (CALLIGARIS, 2000; COSTA, 2004; OLIVEIRA, 2001); como grupo que vem ampliando sua presença e participação social por meio de movimentos artístico-culturais (ABRAMO, 1994; ALVIM, 2002; FRANCH, 2002; NOVAES, 2005, 2006).

Há que se ressaltar, ainda, uma recente produção da UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância (CASTRO, 2001), em que outras múltiplas perspectivas de juventude puderam também ser percebidas, considerando suas inserções em diferentes contextos, com base nas diferentes propostas de atuação de instituições governamentais e não-governamentais em sete estados diferentes do Brasil, voltadas ao atendimento do público infanto-juvenil. Observando-se os dados apresentados neste produto da UNICEF e nas demais revisões bibliográficas realizadas, outra inquietação foi-se impondo: a diversidade de noções, construídas ou em construção, sobre a juventude na contemporaneidade.

Apesar dessa pluralidade, à medida que as leituras foram se efetuando e que fui dedicando maior atenção a observações de situações do cotidiano, um aspecto foi se destacando: na maior parte dos programas televisivos, em filmes, em peças teatrais, nas propagandas midiáticas, no discurso de pais e educadores, pude perceber uma possível tendência acerca dos sentidos de ser jovem na contemporaneidade, que os aproxima de um grupo de pessoas que se negam a participar e atuar no âmbito sócio-político centrando-se em seu lazer e nos próprios interesses. A juventude, nesse sentido, é tida como apolitizada, descompromissada e distante ou alheia a questões políticas ou de interesse social.

Uma situação ocorrida no âmbito das campanhas eleitorais no Brasil para a presidência da república pode ser utilizada para exemplificar essa discussão. Trata-se da “Campanha - MTV: ovos e tomates”, divulgada pela emissora MTV em julho de 2006, quando estavam sendo iniciadas as propagandas eleitorais em rede nacional. Naquela época, a emissora, de público predominantemente jovem, veiculou uma propaganda que recomendava à audiência o voto nulo, oferecendo como recursos “saco, ovos e tomate” para lidar como resposta à “inútil” e “marqueteira” propaganda política¹.

Contudo, embora a vinheta diariamente veiculada pela emissora de TV não parecesse indagar quais as predisposições dos jovens diante do voto, do processo eleitoral e da participação política, a resposta de grupos organizados de jovens diante desta vinheta, indicou, ao contrário, uma postura crítica e reflexiva. Diferentes manifestações contrárias a tal propaganda fizeram repercutir um posicionamento político ativo de uma parcela dos jovens brasileiros. Thiago Franco, presidente da UBES (União Brasileira dos Estudantes Secundaristas), declarou²:

¹ Para acessar o vídeo com a vinheta veiculada, consultar: www.mtv.com.br ou www.youtube.com. Acesso em: 07/08/2006.

² Este trecho de fala está contido na matéria “UNE e UBES protestam contra propaganda da MTV”. Consultar: http://www.une.org.br/home2/ubes_on_line_maio_2006/m_3207.html. Acesso em: 07/08/2006.

A emissora está totalmente equivocada ao propor um debate neste nível. Nós, do movimento estudantil, sabemos que a participação política dos jovens sempre foi fundamental para as principais mudanças que ocorreram no país e somente por meio dela é que vamos, de fato, conseguir construir um Brasil mais justo e soberano.

Também outras manifestações de grupos de jovens puderam ser destacadas naquela ocasião, como a apresentada pelos membros do CONJUVE - Conselho Nacional de Juventude – contendo informações sobre os dados do alistamento eleitoral para 2006, divulgados pelo TSE, evidenciando um aumento de 39%, em relação a 2002, do número de eleitores de 16 e 17 anos, faixa etária em que o voto é facultativo. Além disto, o Conjuve incluiu em seu protesto dados da pesquisa *Juventudes Brasileiras* (UNESCO, 2005), segundo a qual 68,8% dos jovens de 15 a 29 anos responderam acreditar que o voto pode mudar a situação do país e 66,6% deles afirmaram não ser aceitável não votar nas eleições³.

O que se ressalta nesse breve relato são versões contrastantes de juventude, para além de uma visão - possivelmente predominante - que posiciona os jovens como alheios à participação sócio-política. Vale lembrar que não estamos tratando aqui de uma atuação política partidária ou mesmo tão-somente vinculada ao processo eleitoral, mas incluem uma infinidade de ações que valorizam a participação cidadã no cotidiano.

Este parece ser o caso, por exemplo, de jovens que se empenham na participação de grupos e movimentos sociais diversos, tais como: mobilizações estudantis; movimento *Hip-Hop*; movimentos de mulheres, de jovens rurais, de grupos artístico-culturais, sindicais, religiosos e esportivos, em associações de bairros; ONG, dentre outros.

Foi então que, diante dessas novas inquietações, uma pergunta foi se sobressaindo: a participação dos jovens em espaços onde se exercitam manifestações de cunho político, não contribui para um reposicionamento no olhar sobre esses jovens, ante a uma visão pejorativa sobre seu não-envolvimento em questões mais amplas?

1.2 Definindo a problemática de estudo

Dos estudos já realizados acerca da juventude, pude perceber que pelo menos duas características se destacam. A primeira delas diz respeito à variabilidade de temáticas que são focadas. Neste caso, contudo, chama a atenção a quantidade de discussões que posicionam a juventude como problema social.

³ Para maiores detalhes sobre o pronunciamento do CONJUVE contra a “Campanha – MTV: ovos e tomates”, consultar na internet: www.une.org.br/home2/ubes_on_line_maior_2006/m_3207.html. Acesso em: 07/08/2006.

A segunda, por sua vez, refere-se às diferentes conceituações sobre juventude localizadas na bibliografia especializada. Nesse segundo aspecto, identifiquei definições que são, por vezes, contraditórias entre si, ora situando os jovens como portadores de utopias, capazes de provocar mudanças políticas, ora como grupo de pessoas distantes ou alheias a preocupações sociais ou, mais uma vez, identificadas como os próprios problemas sociais. Essas diferentes visões aparecem tanto em discussões propostas por autores distintos, quanto em uma mesma obra, conforme veremos mais adiante, no capítulo 2.

Nas leituras efetuadas, as reflexões que apontam características juvenis de participação social, política e cidadã, identificam os jovens como questionadores e atuantes, numa postura de busca pela reinvenção ou reposicionamento de estruturas pré-estabelecidas. Essas discussões aparecem, geralmente, associando tais posturas à inserção e atuação juvenil junto a grupos ou movimentos sociais, sejam eles movimentos estudantis, de associações de bairros, de ONG, de grupos artístico-culturais. Tal observação despertou ainda mais o desejo de investigar as noções de juventude a partir do contexto da participação juvenil em movimentos sociais.

No entanto, em meus interesses de pesquisadora, não bastaria estudar essa participação a partir de análise dos textos, mas sim dialogar com os próprios jovens que participam desses grupos ou movimentos sociais. Focalizar esses atores sociais, escutá-los na tentativa de compreender os sentidos de participação política juvenil: esse parecia ser um dos pontos mais relevantes de minha pesquisa.

Eis que identifiquei, a essa altura, que me aproximei da problemática que pretendo investigar: trata-se de buscar compreender os sentidos de juventude e atuar politicamente para os jovens participantes de movimentos sociais. Mas a pergunta que parecia definida foi levemente alterada por algumas experiências de aproximação ao campo-tema de interesse: participando de eventos como o II Fórum Social Brasileiro⁴ (FSB) e o XIII Encontro Nacional de Adolescentes (ENA)⁵ - cujas implicações serão melhor discutidas no decorrer da dissertação - uma outra questão se impôs.

Observando, escutando as falas e posicionamentos da maior parte de adolescentes e jovens que lá estavam, ficou evidente como eles se definiam: a partir de uma contra-referência a outros adolescentes e jovens que não são vinculados a movimentos sociais. Os participantes situavam os não-participantes como um público acomodado e submisso às estruturas

⁴ O Fórum Social Brasileiro foi realizado em Recife-PE, entre os dias 20 e 23 de Abril de 2006.

⁵ O XIII Encontro Nacional de Adolescentes foi realizado em Maragogi-AL, entre os dias 10 e 14 de Julho de 2006.

socialmente instituídas, em contrapartida a eles mesmos, que se apresentavam como preocupados com questões de cidadania e políticas de saúde, de educação e atuantes na luta por seus direitos e na negação a uma postura de acomodação diante de pressões sociais.

Diante desta auto-definição, foi surgindo o interesse por ter como informantes dois grupos: “os jovens de cá” - composto por jovens que se diziam atuantes - e “os jovens de lá” - o grupo ao qual cabia o sentido pejorativo da apatia diante do mundo ao seu redor. Optei, então, por conduzir meu estudo dialogando com esses dois grupos de jovens.

Tudo definido? Nem tanto. Passemos ao último vai-e-vem dessa história. Enquanto seguia com os estudos teóricos, aproximava-me de grupos juvenis e preparava-me para o segundo ano do mestrado, outras reflexões foram sendo construídas: o restrito tempo destinado a uma pesquisa de dissertação de mestrado; os critérios para escolha de jovens informantes pertencentes a diferentes grupos e espaços políticos, sociais e geográficos; as ferramentas metodológicas adotadas em sintonia com o viés teórico e político do construcionismo social (abordagem epistemológica eleita para esse estudo); a dúvida e as possibilidades de realização de um estudo comparativo; tudo isso em ebulição ainda com os diálogos provocados na banca de qualificação.

Enfim, esses elementos permitiram redimensionar o estudo, conduzindo-me à seguinte questão: **que sentidos de atuação política juvenil vêm sendo construídos por jovens participantes de movimentos sociais?** Desse modo, para além dos sentidos construídos como um produto fechado, único, buscava compreender também os sentidos em construção, levando em conta os processos implicados nos usos de repertórios discursivos, considerando sua polissemia.

Diante das idas e vindas no desenho dessa problemática, da implicação do orientador dessa pesquisa como ativista de movimentos sociais que atua com o público juvenil, das escolhas e decisões que tiveram que ser tomadas por mim, penso, enfim, ter encontrado um tema de investigação científica no campo da Psicologia, cujo estudo pode trazer contribuições para a produção de conhecimento, mas também para grupos e movimentos sociais que atuam com jovens e/ou para jovens. Contribuições também àqueles que se interessam pelo estudo da juventude, às políticas públicas voltadas ao público juvenil, a pais, educadores e a todos aqueles que se preocupam com a formação do jovem como sujeito social, participante de ações coletivas de cidadania. Contribuições, enfim, aos jovens diretamente envolvidos nessa pesquisa, que tiveram a oportunidade de se expressar e refletir sobre suas escolhas de vida, bem como acerca das implicações destas em seu cotidiano e na construção de expectativas de futuro.

1.3 Dos capítulos dessa dissertação

Apresento, então, os desdobramentos dessa pesquisa no formato de dissertação de mestrado que se inicia com este capítulo que contempla os caminhos na definição da problemática de estudo e apresenta também os objetivos dessa pesquisa. No capítulo seguinte (*capítulo 2*) apresento uma revisão da literatura crítica especializada sobre juventude e participação política. No *capítulo 3*, introduzo a abordagem teórico-metodológica das práticas discursivas que embasou as reflexões desse estudo, identificando razões epistemológicas, éticas e políticas para essa escolha.

No *capítulo 4*, discuto a metodologia de trabalho, caracterizando o grupo de jovens participantes, bem como introduzindo e discutindo os procedimentos metodológicos escolhidos a partir de uma perspectiva multimodal. No *capítulo 5*, descrevo os processos a que chamo pré-analíticos, quando detalho elementos de forma, dinâmica e conteúdo das práticas discursivas a serem levadas em consideração na análise; também indico quais os registros acumulados na pesquisa, sob os quais se centrarão análises possíveis.

Organizados os registros e indicados os procedimentos de análise, adentro no *capítulo 6*, levando em conta os diálogos construídos com os jovens em todas as etapas da pesquisa e também a revisão bibliográfica realizada. Nesse sentido, procedo a análises, identificando repertórios lingüísticos, trabalhando a partir de enunciados e nomeações, identificando jogos de posicionamentos e interlocutores. Dos debates produzidos passo, enfim, ao *capítulo final (capítulo 07)*, no qual apresento reflexões, contribuições e novas questões suscitadas pelo estudo realizado.

1.4 Uma última observação

Gostaria, nesse instante, antes de o(a) leitor(a) avançar na apreciação dessa dissertação, de tecer um último comentário. Trata-se de uma observação sobre a escolha em utilizar-me, doravante, de certa formalidade na escrita desta dissertação, por meio do emprego da terceira pessoa do plural. Além de procurar manter o ideal formal da escrita científica, minha justificativa principal reside na opção por utilizar uma linguagem mais impessoal, não centrando os esforços e méritos desse estudo apenas em mim. Considero que várias foram as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram à construção das trajetórias, questões e reflexões aqui apresentadas e que estarão, portanto, presentes nesta dissertação não apenas pelas implicações do olhar e intervenções realizadas, mas também estarão presentificadas no “nós” utilizado.

Há, contudo, momentos muito particulares, desenvolvidos em minha interação com os jovens informantes. Nesses instantes, pedirei licença para, ainda mantendo a formalidade assumida, incluir o particularismo da situação, referindo-me à “pesquisadora” na terceira pessoa do singular.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROBLEMA

2.1 Adolescência e juventude: encontros e desencontros

O que é a adolescência? O que é a juventude? Trata-se de uma fase da vida? De uma construção social? Essas são questões que não têm uma resposta precisa, mas apontam para caminhos que solicitam amplas discussões das ciências sociais, humanas e da saúde, pois vários são os direcionamentos e diversas também são as ramificações presentes nas definições, todas elas, possivelmente, complementares entre si.

Essas diferentes visões mostram-se importantes no trabalho de pesquisa, de modo a favorecer um olhar ampliado sobre a população em questão. Este estudo se propõe a se aproximar dessas questões, a partir da bibliografia especializada e, ainda, com base em jogos de posicionamentos dos próprios adolescentes e jovens.

2.1.1 Polissemia de sentidos

As fases da vida - identificadas como a infância, a adolescência, a juventude, a adultez e a velhice - têm variado ao longo da história. De acordo com José Machado Pais (1993), cabe-se perguntar, nestas circunstâncias, quais os fatores sociais que determinam, em dados períodos, a construção social de determinadas fases da vida.

Para o autor, são os indivíduos no dia-a-dia que tomam consciência de determinadas características, relacionando-as a um período de sua vida. Se estas características atingem um elevado quantitativo de pessoas de dada geração, então elas passam a ser culturalmente incorporadas como determinados modos de vida daquela faixa etária específica.

Se essas características, contudo, apresentam-se como problemas sociais, atraem a atenção dos poderes públicos, podendo surgir medidas legislativas ou terapêuticas sociais que interferem, por sua vez, na vida cotidiana dos indivíduos, podendo influenciar o *timing* das transições de uma para outra fase da vida.

Neste sentido, ainda que a puberdade - modificações físicas que transformam o corpo infantil em corpo adulto - fosse um processo biológico universal, a adolescência só começou a ser encarada como fase da vida na segunda metade do século XIX, quando os problemas e tensões a ela associados se tornaram objeto de consciência e preocupação social. Acrescenta o referido autor:

O prolongamento da escolaridade, a legislação sobre trabalho infantil, que incrementava a idade a que os adolescentes podiam começar a trabalhar, o próprio surgimento da família contemporânea, com o correspondente aumento da dependência dos jovens em relação às suas famílias de origem, a proliferação de casas de correção para menores e outras medidas públicas, constituíram a expressão do reconhecimento social dos problemas da adolescência (PAIS, 1993, p. 31).

De acordo com a definição acima, é apenas quando o prolongamento entre a infância e a idade adulta – e os conseqüentes problemas sociais então destacados – ganham atenção, que surge a noção de adolescência, referida como uma fase da vida. Contudo, não podemos concordar que existam problemas e tensões intrínsecos, naturais ou típicos da adolescência. O que percebemos é, antes de tudo uma produção discursiva sobre adolescência como uma categoria de problemas culturalmente construída que busca legitima legitimada a vivência nessa fase da vida.

Jorge Lyra-da-Fonseca (1997), citando o *Novo Dicionário Webster*, define a adolescência como um período de vida que começa na puberdade e termina, legalmente, com a maioridade. No entanto, o autor discute que haveria, nessa definição, um erro clássico de confusão conceitual, quando se adotam dois indicadores distintos para demarcar um período: o início com referência no biológico e o fim marcado por instituições legais.

Há, também, discussões sobre a adolescência baseada na *cronologização* da vida, que a limitaria apenas à definição de uma faixa etária, adotando alguma escala proposta por organismos nacionais ou internacionais. Uma referência internacional freqüentemente adotada está na Organização Mundial de Saúde (OMS), que define como *adolescentes* pessoas de 10 a 19 anos, *jovens* como pessoas de 15 a 24 anos e *pessoas jovens* aquelas com idade entre 10 e 24 anos. Como referência nacional, podemos destacar o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que define como *criança*, pessoas com até 12 anos de idade incompletos, e *adolescente* como aquelas entre 12 e 18 anos (MEDRADO-DANTAS, 2002).

Dessas diferentes fontes, o que podemos observar é que não há um consenso sobre a faixa etária em que estariam concentrados os adolescentes, nem tampouco quando adolescentes se tornariam “pessoas jovens”. Entendemos, também, que apenas uma definição

etária universal não contemplaria os sentidos de ser adolescente, sob as perspectivas do afeto, da socialização, enfim do modo como se processa a transição entre a infância e a idade adulta, suas características.

Philippe Ariès (1981) já discutia, no início da década de 1970, a concepção da cronologização da vida. Para o autor, a vida social na Idade Média não distinguia as pessoas por faixas etárias ou grupos de idade. Assim, pensar essa categorização dos indivíduos em grupos etários é algo histórica e socialmente construído: as categorias criança, adolescente, jovem, adulto, idoso, etc, referem-se a papéis socialmente atribuídos de acordo com idades cronológicas.

Ainda no bojo dos questionamentos sobre a definição da adolescência ou juventude como faixa etária, Luís Antonio Groppo (2000) apresenta algumas reflexões que indicam a existência de três momentos básicos do curso da vida social, assim compreendidos: nascimento ou ingresso na sociedade, fase de transição e maturidade. Destes, divisões e subdivisões foram sendo criadas e suprimidas ao sabor de mudanças sociais, culturais, pelo reconhecimento legal e práticas cotidianas:

Na verdade, outras faixas etárias construídas modernamente poderiam ser definidas assim, como a infância, a Terceira Idade e a própria idade adulta. Trata-se não apenas de limites etários pretensamente naturais e objetivos, mas também, e principalmente, de representações simbólicas e situações sociais com suas próprias formas e conteúdos que têm importante influência nas sociedades modernas (GROPPO, 2000, p. 08).

E o que poderíamos discutir acerca das diferenciações entre adolescência e juventude? Seriam conceituações semelhantes, em que ambas expressam mesmos sentidos, porém utilizando-se de nomenclaturas distintas? Seriam conceituações diferentes, indicando fases sucessivas do desenvolvimento? Será possível haver uma única resposta ou as concepções se modificam de acordo com o olhar ou a ciência que se apropria como ponto de partida?

Para uma primeira discussão, faz-se importante situarmos os campos de estudo da transição entre a infância e a adultez. Na Psicologia, esse estudo se desenvolve, preferencialmente, a partir da noção de adolescência, enquanto nos estudos da Psicossociologia, esta transição tem sido enfocada especialmente na perspectiva da juventude (SPOSITO, 1997). Buscaremos explicitar melhor as características que compõem uma e outra abordagem.

2.1.2 Sobre a adolescência e a Psicologia

A adolescência representa, de acordo com Carmen Oliveira (2001), um fenômeno ocidental moderno. Apresenta-se como “o testemunho da alteração, não apenas cultural, mas com ressonâncias subjetivas, que se produziu na passagem da sociedade tradicional à moderna” (p. 59).

Na primeira, não havia necessidade de construir um lugar ou inventar um percurso, pois a divisão social era decidida pela tradição, garantindo a unidade e a estabilidade. Na sociedade moderna, por sua vez, cria-se um tempo destinado aos adolescentes para o desenvolvimento de um segundo crescimento: é a *moratória social*, termo cunhado por Erik Erikson na década de 1960 (e posteriormente explorado por Contardo Calligaris, 2000), que indica um tipo de limbo na preparação para o sexo, o amor e o trabalho.

Durante a *moratória*, de acordo com este autor, a meta principal é tornar-se adulto e ser por ele reconhecido como par. Enquanto esse reconhecimento não se apresenta, os adolescentes tendem a unir-se em grupos, a criar uma estética globalizada, seguindo os ritmos da moda, agindo na tentativa de outorgar-se um reconhecimento que lhes foi negado. Neste contexto, quando buscam por uma espécie de *senha de identificação* (OLIVEIRA, 2001), mostram-se particularmente permeáveis a influências sociais na construção de sua subjetividade.

Na concepção de Luís Antonio Groppo (2000), o termo *moratória* não aparece, contudo há também uma reflexão acerca da adolescência como tendo uma função social de maturação do indivíduo, uma tarefa de socialização do infante ou do jovem, integrando-o à sociedade moderna. Em suas palavras: “a idade juvenil ou adolescência é uma fase de preparação psicossocial para a idade adulta e a sociedade, fase da definição de uma identidade e de uma individualidade” (p. 61).

É também neste período que a puberdade se apresenta: é o conjunto de modificações físico-biológicas que transformam o corpo infantil em corpo adulto, capacitando-o para a reprodução. Uma das questões a refletirmos nesse aspecto, contudo, diz respeito à ausência de ritos de iniciação que demarquem a passagem de uma etapa da vida a outra, como ocorrem, por exemplo, em sociedades tribais⁶.

Na sociedade contemporânea, espera-se que o adolescente ou jovem vá, paulatinamente, adquirindo novos atributos e/ou funções, assumindo responsabilidades. Não

⁶ Há, contudo, autores como Mary Castro, Miriam Abramovay e Lorena da Silva (2004) que destacam a iniciação sexual como um rito de passagem, envolvendo distintos trânsitos entre a infância, a adolescência e a juventude.

há cortes, mas continuidades em seu desenvolvimento, cujos estágios são produtos de uma dada sociedade e cultura. Assim é que, apesar de ser evidente a maturação do corpo, a partir de mudanças físicas, e embora já tenha assimilado valores sociais, o adulto assinala, ainda, uma ausência de maturidade que permita reconhecer o adolescente como seu par.

Retomando, então, discussões na literatura especializada que buscam definir a adolescência, percebemos tendências partilhadas. A adolescência referencia-se mais ao desenvolvimento psíquico do que uma faixa etária, porque sua durabilidade não dependerá tanto da idade, mas do tempo de cada sujeito para a realização da operação subjetiva de buscar um lugar e ser identificado como adulto.

Diante da indefinição acerca dos critérios para se atingir a maturidade e, portanto, o reconhecimento dos adultos como pares, a insegurança parece ser o traço próprio dos adolescentes. Os conflitos psíquicos se manifestam, sobretudo, quando se pergunta: “mas o que eles querem de mim, então? Querem que eu aceite esta moratória ou preferem, na verdade, que eu desobedeça e afirme minha independência, realizando assim seus ideais?” (CALLIGARIS, 2000, p. 26). De acordo com o referido autor, o imperativo do adolescente é desobedecer. Se não desobedece, considera-se isso uma transgressão; por outro lado, se a desobediência é demasiada, então houve transgressão também. No mínimo, transgride-se à vontade dos adultos.

Diante de tais contradições vivenciadas, temos a oportunidade de vislumbrar a compreensão acerca daquilo que vem se caracterizando como sendo possíveis comportamentos de adolescentes na contemporaneidade: atitudes reativas de rebeldia e contestação aguda. Tais atitudes e comportamentos são identificados como respostas às mudanças psíquicas, por ocasião da vivência da transição da infância à idade adulta, definida, nesses termos, como adolescência. É, principalmente, por envolver questões afetivas e psíquicas que se localiza a adolescência como objeto de estudo da Psicologia.

2.1.3 Sobre a juventude e a Psicossociologia

Juventudes, o substantivo no plural ajuda a evitar que se opere com a categoria **juventude** uma faixa etária *objetivamente* definida ou um grupo naturalmente constituído por *problemas* ou *interesses comuns*. De fato, a idéia de **juventude** como uma *idade da vida*, pertencente a um ciclo suposto como universal e imutável (infância/ adolescência/juventude/idade adulta/velhice), pode encobrir as diferenças entre jovens em termos de culturas, classes, grupos e configurações sociais (MAUGER, 1985 *apud* NOVAES, 2003, p. 119, grifos do autor).

Enquanto para a Psicologia a característica central da adolescência é o trabalho psíquico de busca de um lugar, para a Psicossociologia da juventude, esta é tida como uma categoria social, marcada pela cultura, que envolve o compartilhamento de um conjunto de características, como crenças, valores, interesses, normas, práticas.

Mas a questão que se impõe é: como distinguir se essas características compartilhadas dizem respeito a elementos próprios ou inerentes aos jovens ou se elas foram absorvidas por meios de socialização diversos, derivadas ou assimiladas tanto de gerações anteriores, como de seus pares ou de suas trajetórias de classe?

Essa é uma questão complexa que marca debates entre correntes teóricas da sociologia da juventude, especialmente a corrente geracional e a classista. De forma resumida, a perspectiva geracional traz a idéia de “fase da vida”, segundo a qual a juventude é tomada como um conjunto social constituído por pessoas pertencentes a uma mesma faixa etária, prevalecendo os aspectos mais uniformes e homogêneos que caracterizam esse período da vida.

Na corrente classista, por sua vez, a juventude é tida como um conjunto social diversificado, agrupando diferentes culturas juvenis em função de diferentes pertenças de classes, diferentes situações sócio-econômicas, diferentes parcelas de poder, interesse e oportunidades ocupacionais. O principal atributo, neste caso, é o de ser constituído por jovens em diferentes situações sociais (PAIS, 1993).

Percebemos, do exposto, diferentes caminhos no olhar sobre a juventude. No entanto, em ambas as correntes há algo em comum: o conceito de “cultura juvenil” aparece associado ao de “cultura dominante”. Para a corrente geracional, as culturas juvenis definem-se por relativa oposição à cultura dominante das gerações anteriores; para a classista, as culturas juvenis são uma forma de resistência à cultura da classe dominante: entre a ideologia própria das famílias dos jovens e os valores ideológicos propagados pela mídia.

Também em nosso enfoque, situado nas discussões da Psicologia Social, mais que considerar os jovens como uma homogênea parcela da população, unida por contar com membros que compartilham de dada faixa etária, restritos a uma só cultura juvenil, optamos por considerar os jovens em suas diferentes organizações e culturas.

Para tanto, consideramos diferenças de níveis sócio-econômicos, de interesses, de raça, gênero, dentre outros elementos que contribuem para situar, em diferentes classes ou

culturas, jovens com características próprias ou partilhadas, independente da faixa etária a que pertençam, como sugere a corrente geracional⁷.

Em consonância com a busca por um olhar ampliado sobre a juventude, concordaremos também com o uso psicossociológico no plural do termo juventude. Tentaremos compreender as diversidades nas vivências desta fase, afinal, “cada juventude pode reinterpretar à sua maneira o que é ser jovem, contrastando-se não apenas em relação às crianças e adultos, mas também em relação a outras juventudes” (REZENDE *apud* GROPPPO, 2000, p. 15).

Assim é que buscamos, em nosso estudo, mapear e analisar os *multipertencimentos* dos jovens. Ao considerarmos sua pluralidade de experiências, contudo, devemos lembrar que não se trata de experiências indiferenciadas, “elas têm pesos, valores e significados específicos que precisam ser analisados tendo como referência básica os pontos de vista e visões de mundo das categorias sociais consideradas” (VELHO, 2006, p. 193).

Acreditamos, do exposto, que mesmo tendo como informantes de nosso estudo jovens com faixa etária próxima, atuantes em movimentos sociais e que compartilham de uma situação sócio-econômica semelhante, ainda assim esse universo é composto de diferentes experiências de ser jovem. Apostamos na idéia defendida por Regina Novaes (2006), segundo a qual “jovens com idades iguais vivem juventudes desiguais” (p. 105).

2.2 Problematicando o estudo da juventude

Tendo realizado discussões na tentativa de abordar e clarificar os temas da adolescência e juventude, elegemos, enfim, nosso grupo de informantes. Optamos por conduzir nossas discussões a partir da perspectiva da psicossociologia da juventude, próxima à corrente classista no olhar sobre a categoria juvenil. Assim, nossa intenção é considerar mais as noções de culturas juvenis do que focar a dimensão intrapsíquica dos adolescentes.

Salientamos, contudo, que os limites entre os termos “adolescência” e “juventude” não se esgotam nas definições de “aspectos psicológico” ou “aspecto cultural”, pois em vários autores encontramos, inclusive, sinais de uma perspectiva de desenvolvimento que situa a adolescência como etapa posterior à infância e que antecede a juventude (ABRAMO, 2005;

⁷Inclusive com relação à classe social, especialmente em se tratando de jovens em situação de vulnerabilidade social, Regina Novaes (2006) aponta uma outra diferenciação que diz respeito a “jovens de projeto”: jovens que se vinculam a projetos sociais governamentais ou não-governamentais e que englobariam, assim, outras características a serem consideradas no universo plural de vivências juvenis.

MELUCCI, 1997; SPOSITO, 2005). De todo modo, nossa opção é estudar a juventude, categoria esta que iremos melhor problematizar, focando discussões.

2.2.1 Juventude: fase da vida ou construção social?

Para que possamos discutir acerca da transição dos jovens para a vida adulta, discutindo-a como fase da vida ou como construção social, importante se faz pensar a juventude como problema psicossociológico, e não como problema social.

Ocorre que a juventude aparece, segundo José Machado Pais (1993) e Rosilene Alvim (2002), freqüentemente marcada por uma instabilidade relacionada a determinados problemas sociais, tais como drogas, delinquência, desemprego, ausência de participação social, problemas na escola, dificuldades no relacionamento com os pais, questões essas que só seriam resolvidas contornando ou extinguindo tais problemas.

Diferente deste aspecto, contudo, é considerar a juventude como problema psicossociológico. Neste caso, trata-se de uma interrogação à realidade, recriando sua dimensão problemática e não a reduzindo a qualquer finalidade prática. É refletir, por exemplo, sobre o porquê falar de problemas em juventude, questionar se eles sempre existiram ou como surgiram. É rever a juventude como objeto pré-construído para eventualmente o reconstruir, estabelecendo rupturas com as noções correntes de juventude.

Dentre estas noções correntes, José Machado Pais (1993) destaca que os jovens são tomados como fazendo parte de uma cultura juvenil unitária, ao que afirma: “Questão que se coloca à sociologia da juventude é a de explorar não apenas as possíveis ou relativas similaridades entre os jovens, mas também - e principalmente - as diferenças sociais que entre eles existem” (p. 22). Como veremos mais adiante, esta perspectiva está em consonância com a abordagem epistemológica por nós adotada, o construcionismo social, que busca não apenas por regularidades, mas também tem a intenção de compreender as tensões e pluralidades em torno das temáticas estudadas.

É assim que o autor questiona como podemos, em um só grupo, reunir indivíduos que, apesar de próximos numa perspectiva geracional, podem identificar-se como pertencentes a classes sociais, grupos ideológicos e profissionais distintos. Aproximamo-nos, assim, mais de uma perspectiva de juventude como construção social do que como fase da vida.

2.2.2 Do que se tem discutido sobre juventude

Passemos, então, a refletir acerca dos temas comumente referenciados à juventude. Se refletirmos, por exemplo, em como os jovens são tratados na opinião pública, notadamente pelos meios de comunicação de massa, verificaremos duas tendências.

No caso dos produtos dirigidos ao público jovem, os temas normalmente são cultura (entendida aqui como arte) e comportamento - música, moda, estilo de vida, esporte, lazer; quando, por outro lado, os jovens são assuntos dos cadernos destinados a adultos, os temas mais comuns são aqueles relacionados aos problemas sociais, como violência, crime, exploração sexual, drogadição, ou as medidas para dirimir ou combater tais problemas (ABRAMO, 1997).

Mas não é apenas diante do *mass media* que podemos observar tendências no olhar sobre a juventude. Também no que concerne a pesquisas acadêmicas, especialmente relacionadas a dissertações de mestrado e teses de doutorado, por exemplo, a mesma autora indica que a juventude como tema de investigação aparece vinculada a dois tipos de reflexões: 1) discussão sobre os sistemas e instituições presentes na vida dos jovens, como escola, família, sistema jurídico e penal; e 2) as estruturas sociais que conformam situações problemáticas para os jovens, estando poucas delas enfocando os próprios jovens, suas experiências e percepções.

Observam-se, assim, uma vez mais, jovens vinculados a idéias de problema social. Também na perspectiva das políticas públicas e de ações não-governamentais, a situação não parece ser diferente:

A maior parte desses programas está centrada na busca de enfrentamento dos problemas sociais que afetam a juventude (cuja causa ou culpa se localiza na família, na sociedade ou no próprio jovem, dependendo do caso e da interpretação), mas, no fundo tomando os jovens eles próprios como problemas sobre os quais é necessário intervir, para salvá-los e reintegrá-los à ordem social (ABRAMO, 1997, p. 26).

Nesse sentido refletimos junto à referida autora que o foco central do debate concentra-se na denúncia dos direitos negados, assim como a questão da participação político-social só aparece pela constatação da ausência. Em outras palavras, os jovens aparecem relacionados aos temas de cidadania enquanto privação e mote para denúncia e muito pouco como sujeitos capazes de participar ativamente da construção social e política de seus direitos.

Eis que destacamos, uma vez mais, nosso interesse em realizar uma pesquisa junto a jovens participantes de movimentos sociais. Primeiro, pelo intuito de dar visibilidade às falas

dos próprios jovens: não queríamos apenas falar sobre jovens, mas discutir sobre jovens com jovens, necessidade essa, inclusive, já apontada por Helena Abramo (1997); além desse aspecto, gostaríamos de lançar aos jovens um olhar que os posiciona como sujeitos sociais, como membros ativos capazes de atuar e intervir politicamente; tudo isso buscando desviar o viés do jovem como problema social.

Ora, se assumimos uma perspectiva da idéia da juventude como categoria socialmente construída, formulada no contexto de particulares circunstâncias econômicas, sociais ou políticas, trata-se, pois, de uma categoria sujeita a modificar-se no tempo e de ser questionada por todos, inclusive e principalmente pelos próprios jovens, que podem não se identificar com tais discussões.

Segundo José Machado Pais (2006), há duas diferentes maneiras de olharmos as culturas juvenis: através das socializações que as prescrevem ou das suas expressividades cotidianas. Assim conduz sua discussão:

Nos tradicionais *estatutos de passagem* da adolescência para a vida adulta os jovens adaptavam-se a *formas prescritivas* que tornavam rígidas as modalidades de passagem de uma a outra fase da vida [...] no entanto, entre muitos jovens, as transições encontram-se atualmente sujeitas às culturas *performativas* que emergem das ilhas de dissidência em que se têm constituído os cotidianos juvenis (PAIS, 2006, p. 07, grifos do autor).

Observamos, desta explanação, que nem sempre jovens vêm se enquadrando nas culturas prescritivas que a sociedade lhes impõe. Entre seguir ordens pré-estabelecidas e inovar, parece que os jovens vêm escolhendo, primordialmente, a segunda opção. É assim que diante de estruturas sociais cada vez mais fluidas, jovens vêm admitindo trajetórias inconstantes, descontínuas e flutuantes. Essas trajetórias, no entanto, por vezes, não são inconstantes no que concerne ao projeto de futuro desejado, mas às formas possíveis de construir caminhos. Não podemos desconsiderar contextos específicos de vivências desses jovens: família, amigos, contexto econômico-social, pertencimento de classe, são alguns dos elementos a interferir nos caminhos a serem seguidos. Alberto Melucci (1997), por exemplo, discute que haveria, para os jovens, um cenário de amplas possibilidades sociais, em que a orientação para o futuro prevalece e o futuro é percebido como apresentando um maior número de possibilidades. Mas de que juventudes estamos falando?

Desta amplitude de olhares e sentidos atribuídos ou em construção, sentimos a necessidade de conhecer mais acerca do universo juvenil: dos jovens pelos pesquisadores que discutem a juventude e, principalmente, dos jovens por eles mesmos. A diferenciação, contudo, reside na busca por se aproximar de um contexto no qual o jovem não é apresentado

apenas como receptor, mas como um ator na construção social, seja de seu presente ou na elaboração de projetos de futuro.

2.2.3 Jovens: portadores de apatias ou de utopias?

Em busca de reflexões e discussões sobre a juventude, Helena Abramo (1994) situa, criticamente, uma visão de sociedade constantemente apresentada como uma estrutura rígida e hierárquica, sob a qual coexistiriam dois grupos principais: aqueles que se rebelam diante de ações social e politicamente instituídas e aqueles outros que se deixam “esmagar” pela estrutura pré-estabelecida.

Mas a autora também destaca a expectativa lançada especialmente sobre os jovens diante deste conflito entre manutenção e superação de estruturas rígidas e socialmente instituídas. Os jovens aparecem, simultaneamente, como a parcela da população capaz de provocar mudanças sociais diante de sua insatisfação sobre o que está posto, rebelando-se e transgredindo-o. Ao mesmo tempo, aparecem como o grupo mais distante da realidade, cujas transgressões e rebeldias são voltadas apenas para questões de sua própria existência, dos próprios desejos, sem qualquer envolvimento em questões políticas mais amplas.

Marcelo Paiva (2002), apresentando inquietações que o levaram a desenvolver pesquisas sobre a juventude e mobilização política, insere a seguinte pergunta como ponto de partida: “O jovem é alienado, se mobiliza ou é um individualista?”

Tal questionamento indica-nos que é esse um lugar-comum freqüentado por muitos pesquisadores, afinal é este o rol de repertórios que encontramos na literatura especializada e em exemplos do cotidiano. É este, então, um ponto nodal que nos gera inquietações e buscas por compreender as culturas juvenis, ainda que hoje tenhamos poucas pretensões em responder a questões como a acima colocada. Também Giovanni Levi e Jean-Claude Schmitt (1996) trazem à tona a dificuldade em definir o jovem contemporâneo. Assim refletem: “A juventude, em todas as sociedades, é objeto de uma atenção ambígua, ao mesmo tempo cautelosa e plena de expectativas” (p. 87).

A coexistência de diferentes sentidos atribuídos à juventude é ainda destacada por Ruth Cardoso e Helena Sampaio (1995). Durante a realização de um levantamento bibliográfico sobre temas em juventude, apontaram duas tendências que se opõem e que sugerem sobreposição ou alternância de tempos em tempos: de um lado, uma idéia genérica de juventude e, de outro, uma que valoriza as especificidades das experiências juvenis.

Nos períodos marcados por acontecimentos de ampla repercussão, em que se atribui à juventude o papel de propulsora real ou potencial dos processos de transformações sociais, políticas e culturais, tendem a predominar estudos que trabalham com uma noção bastante abstrata e genérica de juventude. [...] Em uma tendência oposta, mas formulada, em certa medida, sobre a crítica a essa visão genérica de juventude, existe uma série de trabalhos que chamam a atenção para o caráter fragmentário e diversificado da juventude. Grosso modo, esses estudos têm como pressuposto a idéia de que a experiência juvenil não é um fenômeno meramente geracional, mas que implica fazer parte de grupos sociais e culturais específicos. Os jovens passam, assim, a ser vinculados a suas experiências concretas de vida e adjetivados de acordo com o lugar que ocupam na sociedade (CARDOSO; SAMPAIO, 1995, p. 14-18).

Adentrando ainda mais no debate, as referidas pesquisadoras enfatizam que o destaque a um ou outro viés (e a conseqüente cobrança aos jovens advinda deste posicionamento) tende a se impor de forma alternada, geralmente em sintonia com o momento social em questão. Se há grandes mobilizações juvenis, então se trata do jovem, na literatura vigente, como o portador de utopias, capaz de estabelecer mudanças sociais. Se, por outra via, o momento social não valoriza atuações estudantis e/ou juvenis, então a literatura enfatiza a apatia e o descompromisso social dos jovens.

Outros autores e autoras também identificam esse duplo lugar assumido (ou imposto?) pelos/aos jovens. Vejamos algumas afirmações que compactuam com a perspectiva do jovem como *portador de utopias*: 1) “Talvez por ser um elemento novo dentro do conjunto da sociedade, um elemento que está se questionando quanto ao valor das coisas [...] não tenho a menor dúvida de que o jovem é um revolucionário” (PAIVA, 2002, p. 42); 2) “Biologicamente mais disposto à vida, o jovem tem o gosto pela aventura, tem maior curiosidade pelo novo. Em conseqüência, tem um lado mais propenso ao revolucionário” (NOVAES, 2002, p. 46).

Numa perspectiva que se aproxima da noção de jovens como *portadores de apatias*, também encontramos algumas afirmações: 1) “Mal a poeira de 1968 assentou houve a absorção e desmontagem dos grupos e culturas juvenis pela cultura de mercado” (GROPPO, 2000, p. 283); 2) “O que me impressiona é o fato de o jovem ter um leque de temas a abordar e isso não se transformar, no Brasil, em mobilizações” (PAIVA, 2002, p. 44); 3) “Em contraste com seus pais, que queriam mudar o mundo, a próxima geração está mais interessada em melhorar a própria vida [...] os jovens de hoje não se interessam por qualquer tipo de manifestação social.” (ERICKSON *apud* MISCHÉ, 1997).

Há, por fim, um depoimento, dentre tantos outros semelhantes por nós encontrados, que gostaríamos de ressaltar por trazer, simultaneamente, esse duplo olhar sobre a juventude:

Tanto em discursos pretensamente *progressistas* quanto nos *conservadores*, uma mesma concepção do ser humano durante sua fase de crescimento e de socialização se impõe: o ser infante e, principalmente, o jovem como aptos a desordens e explosões destruidoras, ou, então, como fontes poderosas de energias transformadoras. Isso justificaria a necessidade da gigantesca e minuciosa intervenção na modernidade na vida da criança e do jovem, a contenção de suas energias desordenadas ou seu armazenamento com fins a um incremento na sociedade. Tal intervenção está nas origens da juventude como a temos atualmente (GROPPO, 2000, p. 59-60, grifos do autor).

Esta confluência e convivência de sentidos plurais e até antagônicos sobre a juventude reforçam uma vez mais nossas inquietações e desejos pela aventura de conhecer culturas e experiências juvenis a partir de contextos e vivências dos próprios jovens. Muito se fala dessa parcela da população, mas será que tem havido espaços de fala e expressão desses jovens? Essa necessidade foi, inclusive, expressa por jovens que atuam em grupos organizados do Recife, numa pesquisa realizada pelo Fórum das Juventudes (2003), quando declararam a importância de um espaço para socialização de suas realizações e preocupações. Por hora, contudo, continuemos a tentar compreender o que a literatura especializada vem discutindo sobre jovens nas últimas décadas.

2.2.4 Expressões de juventude nas últimas décadas

Gostaríamos de iniciar essa viagem pelas últimas décadas, a partir de uma síntese elaborada por Anne Múxel (1997), levando em conta semelhanças entre as idéias que ela apresenta e aquelas defendidas há pouco sobre a transitoriedade e as contradições nos olhares lançados aos jovens:

Em relação aos jovens, faz uns trinta anos que os diagnósticos são mais ou menos otimistas, mais ou menos pessimistas de acordo com os momentos; eles frisam, um após outro, o retrato de uma geração em revolta, engajada e politizada, nos anos sessenta; depois, *apática* e *despolitizada* no decorrer dos anos setenta até o final dos anos oitenta, um episódio marcado pelo recuo e frieza antes do ressurgimento de uma geração *moral* na época do movimento colegial-estudantil de 1968; e finalmente de uma juventude *realista* e *pragmática* que dominou em seguida até os dias de hoje (MÚXEL, 1997, p. 151, grifos da autora).

Também Helena Abramo (1994, 1997, 2005) defende uma historicidade acerca do tratamento ao jovem nas últimas décadas, na literatura especializada. Nos anos 1950, os jovens eram apresentados sob a égide dos “rebeldes sem causa”. A juventude era identificada como uma predisposição para transgressão e delinquência, quase como um momento patológico em si, demandando cuidado e atenção dos adultos, para que os jovens pudessem se

integrar de forma saudável à sociedade. Mais tarde, esse medo cede lugar a uma idéia de normalidade do desconforto e agitação dos jovens, como parte do processo de integração à sociedade adulta.

Nas décadas de 1960 e 1970, os jovens foram simbolizados como toda uma geração que ameaçava a ordem social nos planos político, cultural e moral, por uma atitude de crítica à ordem estabelecida e pelo desencadear de atos concretos em busca de transformações.

Nessas circunstâncias, já se tinham presentes as sensações de medo e de esperança diante dos jovens. O medo, por um lado, era de que os jovens conseguissem mudar o sistema; de outro, era o pavor de que esse jovem, não conseguindo mudar o sistema, jamais cedesse em se enquadrar nele. Simultaneamente, os jovens também sinalizavam a esperança de transformação.

Foi esta a imagem reelaborada, divulgada e assimilada positivamente pelas gerações seguintes: a imagem de jovens idealistas, generosos, criativos, ousados e comprometidos com a mudança do social. Este parece ser o período em que é inaugurada a retórica que considera os jovens generosos e, ao mesmo tempo, perigosos para a ordem política e social.

Helena Abramo (1994) apresenta um estudo que exemplifica esta discussão: traz à tona os movimentos estudantis que marcaram a década de 1960. Neste período, marcado na França pelo “Maio de 68”, marcado também no Brasil pela expressão dos movimentos *hippies* contra o convencionalismo das gerações anteriores, há uma movimentação juvenil que traz possibilidades reais de transformação social.

Cria-se, então, um tal modelo ideal de juventude, em que, indica a autora, parece terem ficado fixados vários teóricos. A ausência destes comportamentos, décadas seguintes, implicaria em um “desvio” da “essência juvenil”, que é questionadora, inquieta, participativa. É assim que, em contraste com a juventude dos anos 1960/1970, os jovens dos anos 1980 aparecem como individualistas, consumistas, conservadores, apáticos, indiferentes aos assuntos públicos. O problema relativo à juventude passa a ser a sua incapacidade de oferecer resistência ou alternativas às tendências inscritas no sistema social.

Na década de 1990 este cenário muda de forma bastante discreta: já não são mais a apatia e a desmobilização que chamam a atenção, pelo contrário, é a presença de inúmeras figuras juvenis nas ruas, envolvidas em ações individuais e coletivas, mas todas, freqüentemente, relacionadas aos traços do individualismo, da fragmentação e também da violência, desregramento e desvio (meninos de rua, gangues, galeras, atos de vandalismo). Há, nesse contexto, uma retomada dos elementos característicos do início dos anos 1950,

quando os jovens eram apresentados em sua tendência de desvio nos processos de integração social.

Sendo os jovens das décadas de 1980 e 1990 apresentados como carentes de idealismo, de empenho transformador e de interesse por questões coletivas, seriam estes também o emblema das crises sociais: crise econômica, de valor, de modelo, seriam a marca da negatividade. E essas crises sociais, por sua vez, não se restringem à categoria juvenil, mas funcionam como uma resposta mais generalizada às conjunturas política, econômica e sociais que vêm se apresentando na sociedade contemporânea, e que não podem ficar de fora dessa discussão.

2.2.5 Sociedade de consumo e produção de subjetividades

Para refletirmos sobre crises sociais é preciso nos referir também a uma cultura *capitalística*⁸, a uma estratégia de produção e formatação de subjetividades, de aniquilação do desejo e de uma postura de individualismo na qual não há espaço para o cuidado com o outro, características estas que parecem compor o cenário da sociedade contemporânea. Estes agenciamentos de subjetividades nem têm uma antecedência causal determinada, nem se restringem a fatos culturais recentes, pois mudanças relevantes nas subjetividades requerem transformações culturais em longo prazo. Tais aspectos vêm sendo paulatinamente anunciados e absorvidos na contemporaneidade.

Há, sim, como refere Jurandir Costa (2004), uma implicação mútua ou de conexão lógica na relação entre sujeito e mundo globalizado. De acordo com o autor: “o neoliberalismo econômico estimula comportamentos subjetivos necessários à sua manutenção e o modo pelo qual nos subjetivamos retroalimenta a adesão às crenças econômicas neoliberais” (p. 02).

Assim é que, segundo o mesmo autor, dentre as características do sujeito contemporâneo, há a busca incessante pela felicidade e, para encontrá-la, o sujeito já não mede esforços e apropria-se da (não)regra de que tudo pode. Na falta do limite, da força normativa, o sujeito da moral hodierna baseia-se em dois suportes principais: o narcisismo e o hedonismo.

Da noção de narcisismo, encontramos sujeitos individualistas, insensíveis a compromissos com ideais de conduta coletivamente orientados. O narcisista é o ponto de

⁸ Felix Guattari (1986) propõe o termo *capitalístico* para designar sociedades qualificadas como capitalistas e também setores do “Terceiro Mundo” ou do “Capitalismo Periférico” e economias ditas socialistas, que vivem numa espécie de dependência e contra-dependência do capitalismo.

partida e de chegada no cuidado de si mesmo. O outro não é visto como outrem com quem possa compartilhar, ao contrário, só interessa ao narcisista como meio para o alcance da auto-realização afetiva, econômica, de sucesso pessoal ou bem estar físico. O outro é percebido apenas naquilo que há de semelhante no narcisista, ou seja, serve apenas como um instrumental.

O hedonismo, por sua vez, parte dessa dinâmica, afinal o narcisista cuida de si apenas porque aprendeu a acreditar que a felicidade é sinônimo de obtenção de prazer. De acordo com Jurandir Costa (2004), “ao contrário, portanto, do sujeito das recomendações morais tradicionais, o sujeito da moral hodierna se tornou indiferente ou pouco sensível a compromissos com os outros - faceta narcisista - e a projetos pessoais duradouros - faceta hedonista” (p. 03).

Com base nesses referenciais, dos quais os jovens contemporâneos são herdeiros, como esperar deles posturas cooperativas e implicações políticas, numa preocupação com o outro e com a transformação dos sistemas sociais postos?

Jaileila Menezes (2004) também nos apresenta contribuições à reflexão sobre a crescente valorização do individual e do privado em detrimento ao que é da ordem do público e do coletivo. Neste cenário “anti-político” com poucos espaços para desenvolvimentos de redes de solidariedade, contudo, a autora discute e apresenta novas possibilidades de politizar a vida social. Para tanto, toma como âmbito de discussão “as políticas da vida” que podem conduzir à expansão de espaços de comunicação e ação entre jovens, resgatando visões emancipatórias de coletividade.

Certamente, para considerar outras realidades possíveis, há que se desconstruir ou desfamiliarizar verdades reificadas, “para novamente questionar o sentido das regras situando-as na história coletiva, da qual nasceram, e favorecendo-lhes trocas e confrontos” (LÉVY, 2001, p. 211).

Há, portanto, que serem considerados fatores como estilos pessoais, família, amigos, trabalho, como alguns dos elementos que, como a tendência a uma padronização de subjetividades, exercem força sobre o jovem. Se levamos em conta a noção de pessoa numa perspectiva sócio-psíquica-cultural, sendo atravessada por aquilo que a cerca, entendemos também que o jovem é capaz de ceder aos encantamentos da cultura de massa e do consumo, dos kits de perfis padrão (ROLNIK, 1997), mas também é capaz de desenvolver estratégias em prol do resgate de ações na esfera pública de existência.

Inclusive se considerarmos, sob o viés do jovem, os movimentos em direção ao consumo, à adesão aos produtos da moda, podemos refletir se não haveria nessa circunstância,

também, aspectos como a busca de uma identidade juvenil, ao vestirem-se de maneira semelhante aos seus pares, como signos de reconhecimento. Há, ainda, reflexões como a que se segue:

No caso dos jovens urbanos, a tribalização pode se configurar como um contraponto à sensação de massificação que a metrópole oferece. Assim, os jovens tentam negociar com o espaço urbano uma forma de elaboração e exploração de questões comuns, de promover alguma intervenção neste espaço que seja reveladora de uma identidade particular (LODI; JOBIM-e-SOUZA, 2005, p. 137).

Outro aspecto a considerar em nossas discussões é que, como qualquer artefato cultural, a sociedade de mercado depende das atitudes e disposições das pessoas para agir como se ela existisse. “Para que o mercado funcione, é preciso que o sujeito esteja sempre disposto a adquirir os novos produtos criados pela indústria” (COSTA, 2004, p. 76).

Percebemos em nossa sociedade, por exemplo, uma disposição à juvenilização, quando elegemos o “ser jovem” como um ideal social a ser alcançado. Segundo Renato Ribeiro (2004), cultuamos um ideal da juventude como a melhor estação da vida, aquela que devemos antecipar e conservar, que serve para os mais novos e os mais velhos.

Vimos até aqui refletindo sobre diferentes definições possíveis de juventude: de uma perspectiva geracional pautada em faixas etárias, a “juventudes”, considerando suas diferentes inserções sociais. Para contribuir com esta discussão que ora tratamos, destacamos uma outra conceituação, agora pautada na juventude como sintoma da cultura:

A juventude é um estado de espírito, é um jeito de corpo, é um sinal de saúde e disposição, é um perfil do consumidor, uma fatia do mercado onde todos querem se incluir. Parece humilhante deixar de ser jovem e ingressar naquele período da vida em que os mais complacentes nos olham com piedade e simpatia e, para não utilizar a palavra ofensiva - velhice -, preferem o eufemismo “terceira idade”. Passamos de uma longa, longuíssima juventude, direto para a velhice, deixando vazio o lugar que deveria ser ocupado pelo adulto (KEHL, 2004, p. 89-90).

Mesmo diante desta mercantilização da juventude, mesmo estando os jovens situados como alvos fáceis da cultura da moda e, portanto, do consumismo, ainda assim estes jovens podem também atuar numa perspectiva de singularidade, de autonomia, de ativação do desejo, de atenção e cuidado com o outro, ou seja: empreender-se numa participação juvenil política, social e solidária é possível, mesmo diante desses agenciamentos de subjetivação.

Diante dessa máquina de produção de subjetividades pode haver o desenvolvimento de idéias opositoras, de ações políticas a serem trabalhadas por todos, inclusive pelos jovens: trata-se do desenvolvimento de modos de subjetivação singulares diante da massificação, são

as reinvenções nos modos de atuar e intervir politicamente baseados em atitudes criativas, artísticas, expressivas, como veremos a seguir.

Podemos também pensar no desenvolvimento de uma subjetivação política nos moldes apresentados por Lucia Castro e Jaileila Menezes (2002):

Por subjetivação política entendemos os processos psicológicos que podem ser inaugurados no campo de discursos e práticas que põem em curso uma retomada e uma revisitação permanente da questão da diferença entre os homens e as mulheres no âmbito do público (p. 58).

Esses processos de singularização visam a ressignificações, estabelecimento de novos sentidos, nomeação do desejo; rejeitam todos os modos de sujeição pré- estabelecidos e apóiam a criação de modos de criatividade na relação com o outro e consigo mesmo, extrapola-se o individualismo e buscam-se causas conjuntas em que se empenhar. Nas palavras de Felix Guattari e Suely Rolnik (1986):

Uma singularização existencial que coincida com um desejo, com um gosto de viver, com uma vontade de construir um mundo no qual nos encontramos com a instauração de dispositivos para mudar os tipos de sociedade, os tipos de valores que não são os nossos (p. 17).

2.2.6 *Vislumbrando diferentes formas de participação política juvenil*

Vimos, das discussões até então apresentadas, que ênfases sobre jovens incorporando os estilos de vida da cultura de massa ou jovens como problemas sociais, são construções ressaltadas em contraposição a uma minoria de jovens, referenciados como sendo politizados e atuantes.

Sobre o tema da politização da juventude, porém, cabe uma ressalva. Se considerarmos uma vez mais o trabalho realizado na década de 1990 por Ruth Cardoso e Helena Sampaio (1995), veremos que este foi dividido em cinco categorias, sendo importante para esta discussão o sub-grupo temático intitulado *Juventude: participação social e política*.

Nesta seção foram identificados 59 textos mas, deste quantitativo, 49 dizem respeito a ativismos estudantis, grêmios escolares, reflexões sobre a UNE (União Nacional dos Estudantes), o que nos leva a refletir que até bem pouco tempo a politização dos jovens era referenciada pelo seu envolvimento em movimentos estudantis.

Esta divulgação de participação social e política juvenil atrelada a movimentos estudantis pode estar associada ao fato de que esta era, possivelmente, a única forma encontrada pelos jovens de buscarem seus direitos e questionarem a política, posto que outros

movimentos sociais, até pouco mais de uma década atrás, ainda não gozavam do espaço social que têm hoje.

Também a noção de participação política, até bem pouco tempo, aparecia vinculada, necessariamente, à idéia de política partidária. Além dessa regularidade, havia os formatos demarcados das ações: realizar manifestos públicos, entrar em combate contra o Estado ou o regime militar eram manifestações que evidenciavam sentidos de fazer política.

Contudo, passada a década de 1960, a imagem divulgada de jovens se distancia dessas idéias e valores do “atuar politicamente”, só ressurgindo essa expectativa de tempos em tempos, diante de manifestações coletivas de rua, como ocorreu em 1992, por ocasião do *impeachment* do então presidente da república Fernando Collor. A seguinte afirmação ilustra essa discussão:

O fim do regime militar e a reconstrução, ainda que problemática e polêmica, da democracia tenderam a alterar as motivações e prioridades dos segmentos jovens. Mas a campanha pelo *impeachment* de Collor, com o movimento dos *cara-pintadas*, sem dúvida expressa ainda uma forte vontade de participação política (VELHO, 2006, p. 197, grifos do autor).

Sobre esse contexto específico, em que a iniciativa e ação estudantil promoveram a organização de diversos jovens nas ruas, Ann Mische (1997) tece duas importantes considerações à nossa reflexão: 1) o entusiasmo político dos jovens teria surpreendido a toda sociedade, que não esperava por reações de um grupo “apagado” em implicações políticas e sociais; 2) inevitavelmente, surgiram comparações nostálgicas com a oposição estudantil da década de 1960.

Essas considerações nos remetem invariavelmente ao marco do ativismo deixado pela juventude da década de 1960, sobre o qual os registros históricos sempre recorrem, como modelo a ser seguido pelas gerações subseqüentes. Deixa-nos também a reflexão sobre a necessidade de uma nova ótica capaz de englobar as multiplicidades de relações e significações sociais e o caráter interativo e processual de toda dinâmica social, incluindo também, nesse sentido, jovens e organizações sociais.

Discutindo sobre as conclusões de uma pesquisa de dois anos realizada junto a organizações políticas e sociais de jovens brasileiros nos anos 1990, Ann Mische (1997) elaborou a seguinte consideração:

As influências a médio e longo prazo das manifestações de 1992, tanto para os jovens como para a cultura política democrática no Brasil, ainda estão por ser vistas. Depois das passeatas, a maioria dos caras pintadas voltaram para suas redes dispersas nas escolas, trabalhos e *shopping centers* (p. 149).

Passada mais de uma década, porém, estamos nós a refletir sobre as juventudes e a participação política juvenil. Diante de um novo contexto, podemos nos perguntar se esses jovens “voltaram a suas redes dispersas nas escolas, trabalhos e *shopping centers*”, abandonando ideais e ações políticas, ou se vêm reinventando formas de participação política, para além do modelo de manifestos de rua então em evidência e tidos como única expressão do fazer político do jovem.

Em outras palavras, poderíamos nos perguntar: seriam possíveis ressignificações nos sentidos de pensar e fazer política? Estudiosos como Helena Abramo (1994, 1997, 2005); Hermano Vianna (1997); Luiz Eduardo Soares (2006); Regina Novaes (2002, 2003, 2006); Rosilene Alvim (2002), dentre outros, vêm imprimindo novos sentidos para a participação política de jovens a partir de movimentos artístico-culturais, sinalizando estas atividades como novas possibilidades de se fazer presente e atuar diante das inquietações do social.

Também Monica Franch (2002) assinala as produções artísticas juvenis como o *hip-hop* e o *funk*, sobretudo entre jovens de periferia, como sinalizadores de uma mudança de perspectiva sobre a juventude, ainda que reconheça a permanência de algumas posições mais tradicionais a partir de âmbitos da educação, do trabalho, da saúde, da política - com ênfase ainda nos movimentos estudantis -, da delinquência, dentre outros.

Diante dessas novas possibilidades de se perceber os movimentos juvenis, até o assumir de determinados estilos deixa de ser uma atitude meramente consumista e passa a ser vista como uma implicação de elaboração crítica de questões relativas a sua condição e a seu tempo e há, ainda, a expressão dessas elaborações no espaço público. Estas posturas podem indicar uma intenção de intervir nos acontecimentos sociais por meio de uma linguagem e uma atuação artístico-cultural.

No que concerne a esses grupos artísticos podemos, ainda, identificar confluências entre a indústria cultural e as redes de apoio social. Por meio de expressões distintas: música, dança, poesia, grafiteagem - ou o *hip-hop* como uma mistura de todas elas - grupos juvenis vêm atuando como interfaces culturais que valorizam a comunidade, constituem redes de solidariedade, valorizam a auto-estima e promovem denúncias e reflexões políticas.

É bem verdade que esses grupos se constituem, em sua maioria, de jovens de camada de baixa renda, que também vêm buscando seu espaço, reinventando formas de atuação (ALVIM, 2002; LODI; JOBIM-e-SOUZA, 2005). Diante de descrenças, ausências (ou restrições) de projetos de futuro, e de uma situação de exclusão social, jovens buscam novas formas e práticas de intervir politicamente.

Esses grupos juvenis, reflexo e mescla de esperança e medo, se apropriam de novos

meios de comunicar-se e cuidar de seu presente, na perspectiva de futuro, conforme nos faz refletir Rossana Cruz (2000). Podemos identificar, contudo, na prática desses jovens em situação de fragilidade social, um fazer político que alcança a todos - jovens, adultos, pobres, ricos - e abre possibilidades a diferentes formas de pensar e atuar politicamente.

Também outras ferramentas podem contribuir para a participação sócio-política juvenil, convidando jovens a se engajarem nas problemáticas sociais. Regina Novaes (2003) relata uma experiência em que a atuação de diferentes movimentos sociais no Rio de Janeiro permitiu a união entre “grupos do asfalto” e “grupos do morro”, atribuições dadas, respectivamente, a jovens de classe média moradores da Zona Sul e jovens pobres moradores da favela de Vigário Geral. Pretendia-se com esse estudo:

Indagar sobre os efeitos de ações de mediadores (das diferentes instâncias das Igrejas, do Estado, da mídia, de outras organizações da sociedade civil) sobre as trajetórias de jovens cariocas socialmente definidos como jovens carentes ou jovens das comunidades (NOVAES, 2003, p. 121).

Havia uma expectativa inicial de que a presença dos jovens de classe média e organizações contribuíssem para dar visibilidade e diversificar trajetórias sociais de parte dos “jovens carentes”, ampliando seus campos de possibilidades. Porém, este canal de comunicação, uma vez criado, permitiu mudanças na vida de todos os jovens ali envolvidos: conhecer os universos de um e de outro grupo propiciava um novo olhar, construído com base na realidade percebida, e não mais pelos filtros da mídia.

Deste novo olhar, novas perspectivas foram sendo traçadas: ampliaram-se as atividades artístico-culturais desenvolvidas em Vigário Geral, criaram-se eventos de discussão e debates unindo outros jovens de classe média. Por meio de parcerias com colégios, foi surgindo a necessidade de transformar os próprios sentimentos para poder transformar os sentimentos dos outros, desmistificando a “cultura do medo” existente no Rio de Janeiro.

Desfeita a indiferença, pela presença física dos “jovens do asfalto” nas favelas, novos diálogos e oportunidades foram se evidenciando. Não seriam esses movimentos indícios de uma nova perspectiva do sentido de fazer política dos jovens?

Essa produção intencional como emblema pode indicar a atenção e atuação crítica dos jovens contemporâneos, assinalando um fazer político. Posturas de contestação e transgressão podem estar se deslocando para além de questões de cunho privado. Não poderíamos pensar, assim, numa postura crítica e participativa desses jovens? Será que também não poderíamos ampliar ainda mais a nossa visão sobre participação política juvenil? Também Pais (1993) contribui para essa reflexão levantando alguns questionamentos:

De fato, e independente de um aparente conformismo existencial, não será que os jovens desenvolvem, a nível da sua vida cotidiana - a nível, por exemplo, das sociabilidades com os seus grupos de amigos -, um tipo particular de afirmação social? [...] Não será que os aparentes conformismos dos jovens acabam por dissimular inversões significativas, modificações ou reapropriações de sentidos, comportamentos criadores, em torno ou à revelia de uma rede de dependências, proibições, obrigações – elementos constitutivos, por sua vez, da própria cotidianidade? (PAIS, 1993, p. 12)

Por meio destes questionamentos, José Machado Pais nos convida a adentrar no cotidiano dos jovens para, enfim, conhecê-los, aproximar-se de suas realidades, necessidades e, principalmente, de suas possíveis soluções às problemáticas enfrentadas. Sugere que possamos nos dedicar a escutar esses jovens, afinal, alguns deles podem se reconhecer como parte integrante do mito em torno da definição e valoração da juventude - que já viemos discutindo -, entretanto, para outros pode haver o reconhecimento de que ser jovem é uma experiência distinta daquelas que outros jovens vivem.

Nosso desafio, então, está em desfamiliarizar alguns aspectos da construção social da juventude - que por vezes é apresentada como uma entidade homogênea - e da participação política juvenil - até então localizada primordialmente num modelo enrijecido de atuação. Mas nosso desafio é, principalmente, buscar essa reflexão levando em conta discussões e construções de sentido produzidas pelos jovens.

2.3 Política e movimentos sociais: sentidos possíveis, sentidos adotados

Até então viemos falando sobre possibilidades de participação política do jovem, inclusive apresentando contextos contemporâneos em que essa participação pode ser observada: desde as tradicionais participações em passeatas, atos públicos, manifestos de rua, até expressividades, denúncias e reflexões artístico-culturais.

Apesar de termos ampliado a noção de participação política, apontando-a para além de investimentos em questões partidárias ou no movimento estudantil - vieses enfatizados na literatura até bem pouco tempo -, sentimos a necessidade de deixar mais claro para o(a) leitor(a) o que entendemos por política. Para adentrarmos nessa discussão, pautaremos-nos, inicialmente, na discussão sobre sociedade democrática defendida por Chantal Mouffe (2003):

Uma sociedade democrática é uma sociedade com uma esfera pública vibrante, onde muitas visões conflitantes podem se expressar e onde há uma possibilidade de escolher entre projetos alternativos legítimos [...] estou convencida que, ao contrário do que hoje é comumente tido como certo, é um equívoco acreditar que uma *boa sociedade* é aquela na qual os antagonismos foram erradicados e onde o modelo adversarial de política se tornou obsoleto (p. 11; grifos da autora).

Estamos de acordo com a idéia defendida pela autora, e é nesse sentido que construímos nossa perspectiva: entendemos por política uma dimensão do antagonismo que é constituinte das relações humanas. Envolve o convívio e o conflito com as diferenças, em que sujeitos sociais defendem seus pontos de vista para além de uma perspectiva individualista, auto-centrada, mas volta-se para a sociedade, buscando integrar o coletivo em suas ações.

Em um meio social em que o racionalismo, o individualismo e o universalismo abstrato são onipresentes, em que as atuações são orientadas por interesses individuais, permanecemos cegos aos antagonismos e, assim, tentamos proceder a um aniquilamento da política. Nesse sentido, o que se faz emergente, segundo Chantal Mouffe (2003) é reconhecer a dimensão do poder e do antagonismo em seu caráter *inerradicável* na formação das identidades coletivas.

Também Ernesto Laclau (2001) reflete acerca dos perigos do particularismo, pois se esse passa a ser o único princípio normativo aceito, temos que aceitar, também, os particularismos de outros grupos. O autor nos faz confrontar com um paradoxo insolucionável:

Posso defender os direitos das minorias sexuais, raciais e nacionais em nome de particularismo, mas, se o particularismo é o único princípio válido, tenho que aceitar também os direitos à autodeterminação de todos os tipos de grupos reacionários envolvidos em práticas anti-sociais (p. 237).

Desse recorte, podemos nos voltar, uma vez mais, às relações antagonistas. Nestas, “o outro” não precisa ser visto como inimigo a ser destruído, mas como um adversário cujas idéias nos são divergentes e às quais iremos confrontar. Reforçamos, desse modo, o sentido que atribuímos à atuação política, na qual a dimensão do antagonismo, do convívio das diferenças é inquestionável: nessas circunstâncias, o conflito é reconhecido e legitimado, e não suprimido pela imposição de uma ordem autoritária.

Em suas discussões, Chantal Mouffe (2001, 2003) propõe reflexões sobre uma política pluralista, oferecendo um modelo alternativo de pensar a democracia, a que denomina *Pluralismo Agonístico*. Nesse, alguns elementos se destacam e deles nos utilizaremos como pilares do nosso entendimento sobre participação política.

O primeiro elemento que a autora destaca no *Pluralismo Agonístico* é a presença dos antagonismos nas relações interpessoais, abrindo espaço para a expressão de interesses e valores conflitantes. Nesse sentido, afirma que a sobrevivência da democracia pluralista depende das identidades coletivas que se formam em torno de posições bem demarcadas e diferenciadas, ainda que algumas delas se apresentem como soberanas.

Localizamos, então, um segundo ponto relevante nessa discussão: tratam-se das relações de poder, identificadas como constituintes das relações humanas. Para Chantal Mouffe (2001, 2003), a questão principal da política democrática não é como eliminar o poder, mas como constituir formas de poder compatíveis com valores democráticos.

Embora considere o poder e o antagonismo como características indiscutíveis das relações entre sujeitos sociais, a autora reflete acerca do dinamismo das interrelações, da sua imprevisibilidade, apresentando uma lógica de constituição social distante dos objetivismos e essencialismos dominantes. Insere, assim, um outro princípio básico do *Pluralismo Agonístico*: sua constituição enquanto abordagem antiessencialista, fugindo a preceitos tidos como verdades universais e inquestionáveis.

Por fim, destacamos o lugar das paixões no campo da política em atores coletivos, situadas em oposição a sujeitos racionais, orientados por jogos de interesses econômicos e individualistas. É quando discute sobre a importância das paixões para a promoção de uma democracia pluralista que a autora apresenta a necessidade da passagem de um modelo *antagonístico* para um modelo *agonístico*:

Daí a importância de distinguir entre dois tipos de relações políticas: uma de *antagonismo* entre inimigos, e outra de *agonismo* entre adversários. Poderíamos dizer que o objetivo da política democrática é transformar um “antagonismo” em “agonismo”. Isso tem consequências importantes para o modo como encaramos política. Contrariamente ao modelo de “democracia deliberativa”, o modelo de “pluralismo agonístico” que estou defendendo assevera que a tarefa primária da política democrática não é eliminar as paixões, nem relegá-las à esfera privada para tornar possível o consenso racional, mas para mobilizar aquelas paixões em direção à promoção do desígnio democrático. Longe de pôr em perigo a democracia, a confrontação *agonística* é sua condição de existência (MOUFFE, 2003, p. 16).

Apresentando os principais aspectos que caracterizam o *Pluralismo Agonístico* tivemos como objetivo indicar ao(a) leitor(a) os principais elementos que consideramos ao falar de política.

Levando em consideração os entendimentos de política então abordados e defendidos, que dentre tantas características, tem como aspecto relevante a onipresença de antagonismos, de conflitos, de posicionamentos diferentes, restam-nos reflexões sobre as relações interpessoais que se desenvolvem neste contexto.

Conviver com as diferenças, lidar com expectativas e ideologias por vezes contrárias envolve riscos e necessidades de tolerância. Eis que nos deparamos com a idéia de liberdade política defendida por Hannah Arendt (1993). Mais que a idéia de liberdade política, a autora localiza na idéia de liberdade o sentido da política. Contudo, deixa-nos a seguinte reflexão:

Surge a questão de saber se política e liberdade são, de algum modo, conciliáveis entre si, se a liberdade, de certa maneira, não começa apenas lá onde a política termina, de forma que não há mais liberdade justamente lá onde a esfera política não encontra, em parte alguma, seu fim e seu limite (ARENDT, 1993, p. 118).

2.3.1 *Dos movimentos sociais*

Vimos, até então, discorrendo sobre nossos entendimentos acerca da noção de política com que dialogamos no decorrer de nosso estudo. Contudo, ao nos referirmos à política, discutimos também sobre democracia e, para pensarmos esta última, é preciso incluir reflexões acerca da participação popular em sua construção. Temos que discutir nossa capacidade de iniciativa de organização social, considerando a participação cidadã nas decisões comunitárias: da universalidade das normas sociais e da vontade coletiva da maioria, aos direitos às singularidades individuais (MATOS, 2003).

É importante relembrar uma das razões que nos fizeram escolher como informantes grupos juvenis cuja característica predominante é o pertencimento a movimentos sociais. Na literatura especializada, aspectos valorativos de juventude, como ativismo, participação política, esperanças de um mundo melhor, apareciam associados a jovens, geralmente, quando estes apareciam vinculados em iniciativas coletivas: desde o movimento estudantil até grupos artístico-culturais, passando também por ativismos políticos de rua, quando jovens se dirigiam a espaços públicos em luta e defesa de seus próprios direitos, por políticas públicas, etc.

Nesse sentido, se optamos por falar de uma população em um contexto específico - “jovens que participam de movimentos sociais” - , se queremos refletir suas noções de participação política, sentimos a necessidade, também, de ampliar nossas discussões, situando o(a) leitor(a) sobre o que vemos chamando de “movimento social”.

Desde quando existem movimentos sociais? Esta é uma pergunta contundente nas discussões provocadas por estudiosos dos movimentos sociais, mas as respostas são bastante variadas, e assim resumidas por Maria da Glória Gohn (2003, p. 13): “Na realidade histórica, os movimentos sociais sempre existiram e cremos que sempre existirão”.

Embora os movimentos sociais não possam ser situados historicamente, Ilse Scherer-Warren (1999) indica cenários de uma cultura política que se globaliza e que acaba por influenciar na formação de sujeitos coletivos. A autora assinala os seguintes cenários: 1) homogeneização da cultura, 2) fragmentação da vida societária, 3) reações fundamentalistas e 4) hibridação cultural e identitária.

Nesse contexto de globalização, segundo ela, surgiriam, de um lado, reações mercadológicas com diretrizes econômico-político-ideológicas para a reorganização do capitalismo em escala mundial; de outro lado, haveria movimentos sociais, associações civis, cidadãos, enfim, sujeitos sociais buscando criar alternativas de atuação, enfrentamento e soluções a problemas advindos com a globalização.

Dentre esses problemas, os movimentos sociais estariam se organizando, segundo Ilse Scherer-Warren (1999), para enfrentar situações específicas: 1) exclusão social (buscam-se soluções ante a novas formas de empobrecimento e de dificuldades de integração aos processos sociais da globalização); 2) cidadania e democratização (avalia-se as relações entre poderes locais, nacionais e internacionais, visando uma política de fortalecimento dos poderes locais) e 3) cultura e autonomia (combate os fundamentalismos segregacionistas e a xenofobia, defende as diversidades culturais e as capacidades auto-criativas das culturas locais diante de ameaças de processos de massificação).

Embora tenhamos aqui uma versão sobre contextos e possibilidades de ação dos movimentos sociais, encontramos dificuldades em teorizar ou definir o que vêm a ser os movimentos sociais, dadas as multiplicidades de interpretações e enfoques encontrados na literatura especializada. De acordo com Alberto Melucci (2001) e Maria da Glória Gohn (2004), há mais definições empíricas que conceitos analíticos sobre movimentos sociais, cujas abordagens são diversificadas e de difícil comparação.

Há que se considerar ainda opiniões generativas que merecem ser melhor discutidas. Segundo Alberto Melucci (2001), por exemplo, um modo habitual de referir-se aos movimentos sociais é considerá-los como efeito de uma situação histórica ou conjuntura determinada. Neste caso, não estaríamos levando em consideração as motivações, sentidos e componentes próprios à ação coletiva, mas o estaríamos restringindo à reação diante de uma crise.

Outra versão generativa é a noção do movimento social como fenômeno coletivo que se apresenta com unidade externa e, em seu interior, inclui significados, formas de ação, modos de organização particulares, que se mantêm unidas, mesmo diante das diferenças. Sobre este aspecto a seguinte crítica é formulada por Alberto Melucci (2001):

Assim, tende-se muitas vezes a representar os movimentos como personagens, com uma estrutura definida e homogênea, enquanto, na grande parte dos casos, trata-se de fenômenos heterogêneos e fragmentados, que devem destinar muitos dos seus recursos para gerir a complexidade e a diferenciação que os constitui (p. 29).

Diante das múltiplas definições ou tentativas de definição encontradas em nossa revisão bibliográfica sobre o tema, optamos por identificar algumas das características que indicam nossa compreensão do que sejam movimentos sociais: 1) sempre têm caráter político: contribuem no desenvolvimento de forças sociais na sociedade civil, inserindo demandas socioeconômicas, políticas e culturais na esfera pública da ação política não partidária; 2) conta com atores coletivos: as pessoas envolvidas com o movimento social atuam como representantes e veículos de expressão dos movimentos, atuam como sujeitos sociais, com ideologias partilhadas; 3) atuação conjunta: estabelecem relações com outras entidades sociopolíticas, atuando em redes sociais com interesses comuns e 4) apresentam-se como a expressão de um conflito, quando dois atores lutam pela apropriação de recursos valorizados por ambos, o que não quer dizer que atue apenas em resposta a uma crise determinada (GOHN, 2003, 2004; MELUCCI, 2001).

A partir dessas discussões, acreditamos ter localizado o(a) leitor(a) sobre que aspectos situamos nossa discussão acerca de política, sujeitos coletivos, movimentos sociais e a união destes últimos em redes, quando atuações conjuntas são estabelecidas baseadas em interesses comuns.

Tendo aprofundado nossos estudos acerca da juventude na literatura especializada, passado o contexto de construção de discussões contemporâneas sobre política e ações coletivas junto a movimentos sociais, passaremos, agora, a dialogar diretamente com um grupo de jovens. Buscaremos compreender como esses elementos reverberam no universo de lideranças juvenis que atuam junto a uma rede nacional de grupos e movimentos sociais.

Nesse sentido, o objetivo geral desta pesquisa é compreender a construção de sentidos sobre participação política juvenil a partir de práticas discursivas e expressões corporais de jovens participantes de movimentos sociais.

Temos, ainda, os seguintes objetivos específicos:

- Identificar, na fala dos informantes, repertórios lingüísticos sobre juventude produzidos por jovens que atuam em rede de articulação política;
- Analisar jogos de posicionamento entre esses jovens no que se refere à juventude e participação política;
- Investigar possíveis implicações de grupos e movimentos sociais na formação e concepção de política desses jovens.

3. ABORDAGEM EPISTEMOLÓGICA

3.1. Situando a abordagem epistemológica escolhida

Nosso estudo situa-se no âmbito da Psicologia Social, tendo como perspectiva epistemológica o construcionismo. Buscamos investigar em nossa pesquisa a produção de sentidos sobre participação política juvenil por meio da análise de práticas discursivas e expressões corporais de jovens. Faz-se necessário, para tanto, tecer algumas considerações sobre a produção de sentidos como forma de conhecimento que se afilia à perspectiva construcionista, situando, ainda, as práticas discursivas, dentre as várias correntes voltadas ao estudo da linguagem.

Adotamos como autora de base a essas discussões Mary Jane Spink, bem como os(as) pesquisadores(as) que compõem o Núcleo de Pesquisa em Práticas Discursivas e Produção de Sentidos da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) em seus diálogos com autores que se dedicam ao estudo da linguagem e do discurso, como Mikhail Bakhtin, Kenneth Gergen, Lupicinio Iñiguez, dentre outros.

3.2. Dos estudos em Psicologia e a perspectiva construcionista

A Psicologia, para ser reconhecida como ciência, focou seus estudos, até bem pouco tempo, em elementos universais que fossem passíveis de demonstração empírica de cunho experimental. Assim, os estudos eram voltados para a percepção, atitudes, cognição, interação, mas “a expressão *dar sentido ao mundo* nem sempre fez parte da Psicologia Social, ou pelo menos da ortodoxia da disciplina” (SPINK; FREZZA, 1998, p. 18, grifos das autoras).

Pouco se falava das bases filosóficas e sociais das investigações, concentrando-se no método científico que pregava regularidades, possibilidades de demonstração e generalização dos resultados. Como uma das conseqüências, os estudos laboratoriais eram privilegiados em detrimento dos trabalhos de campo. Apenas nas décadas de 1950 e 1960 é que reações ao

paradigma dominante favoreceram a valorização da observação e estudo dos comportamentos em seu ambiente cotidiano e na ampliação dos objetos de estudo da Psicologia Social, como afirmam as mesmas autoras. Nesse contexto de reação à Psicologia científica tradicional, com a saída progressiva dos laboratórios e os crescentes estudos dos processos sociais, surgem novas perspectivas na Psicologia. Uma delas é o construcionismo social.

Do ponto de vista histórico, a abordagem construcionista se desenvolve no contexto da “Modernidade Tardia”. Baseamo-nos no termo utilizado por Mary Jane Spink (2004), a partir das reflexões de Antony Giddens, para tratar do período de formação social que outros autores denominam pós-modernidade ou modernidade reflexiva. Entendemos a “Modernidade Tardia” como uma continuidade à modernidade clássica - porém sem as fortes marcas de ruptura como aconteceram na passagem do feudalismo ao modernismo - tendo como características centrais a emergência dos Estados-nação e o capitalismo contemporâneo.

Em meio às experiências provocadas pela “Modernidade Tardia”, destacamos três características fundamentais à compreensão do debate moderno sobre ciência e perspectiva construcionista: 1) globalização: o entrelaçamento de relações e eventos sociais que estão distantes dos contextos locais, repercutindo em mudanças nas formas como as pessoas se relacionam, havendo uma “eletronificação” da vida cotidiana; 2) individualização: surge como uma das repercussões da globalização e envolve uma destradicionalização das principais instituições da modernidade clássica e 3) reflexividade: abertura à revisão crônica das práticas instituídas à luz de novas informações.

Neste estudo, essa última característica é fundamental para situar a abordagem construcionista como posicionamento perante a construção de conhecimentos. Com a reflexividade e a abertura da ciência a críticas da comunidade acadêmica e da sociedade em geral, buscamos superar a ciência como prática ensimesmada e, nesse sentido, os aspectos éticos tendem a ficar ainda mais em evidência. Na pesquisa que se desenvolve pautada no construcionismo social, a preocupação ética e política se presentifica, diminuindo as fronteiras entre a ciência e a sociedade, aumentando o cuidado com as pessoas e as possibilidades de articulações e intervenções sociais. É uma das repercussões da reflexividade provocada pela “Modernidade Tardia”.

Situada a contingência histórica que favorece o desenvolvimento da abordagem construcionista, faz-se interessante, também, buscar entender de quais movimentos sócio-político-filosóficos emerge essa perspectiva. Ela resulta de três movimentos: na Filosofia, como uma reação ao representacionismo; na Sociologia do Conhecimento, como uma

desconstrução da retórica da verdade; e na Política, como busca do *empowerment*⁹ de grupos socialmente marginalizados (SPINK; FREZZA, 1998).

Dentre as reflexões suscitadas pelo construcionismo social, com base especialmente na Sociologia do Conhecimento, podemos destacar a inclusão do conhecimento do senso comum, até então não (ou pouco) levado em consideração. Se focarmos nossas discussões na produção de sentidos do cotidiano, por exemplo, perceberemos uma ruptura com a noção de cotidiano interpretado como os fazeres assistemáticos do senso comum. Estes estabeleceriam a dicotomia entre as práticas científicas - que obedecem a regras, princípios e métodos definidos pela comunidade científica - e o senso comum, com conhecimentos pouco sistemáticos e com fins práticos.

De acordo com Mary Jane Spink e Vera Menegon (1998, p. 64), a moderna Sociologia do Conhecimento vem contribuindo para desfazer essa dicotomização rígida: “Dessa forma, tanto fazer ciência como desempenhar as atividades rotineiras [...] passam a ser ressignificadas como formas de produzir sentidos sobre os eventos do mundo”. É assim que situamos o construcionismo social como abordagem que visa a superação dessa dicotomia entre ciência - conhecimento de primeira-mão - e senso-comum - conhecimento de segunda mão -, por meio da qual o conhecimento social seria uma derivação do científico, como afirma Benedito Medrado (1998).

Embora muitas das contribuições ao construcionismo social utilizado na Psicologia possam ser localizados na Sociologia, algumas nuances foram acrescentadas pelo fazer científico dos psicólogos: enquanto na Sociologia a preocupação central localiza-se nos processos de conservação e transformação social, a Psicologia centra-se no momento da interação, ou seja, nos processos de produção de sentidos na vida cotidiana, quando as pessoas descrevem ou explicam o mundo.

É nessa perspectiva que situamos uma negação à visão representacionista do conhecimento, uma negação à noção de mente como espelho da natureza, e a adoção de uma concepção em que o conhecimento não é uma coisa que as pessoas possuem em suas cabeças, e sim algo que constroem juntas. Nessa expectativa, o discurso sobre o mundo não é tido como um reflexo ou mapa do mundo, mas como um artefato de intercâmbio social (GERGEN, 1985; SPINK, 2004).

A adoção da perspectiva construcionista exige, então, a desfamiliarização de noções arraigadas em nossa cultura, libertando-se do que se tornou instituído ou essencializado.

⁹ Entendemos por *empowerment* (ou empoderamento) uma abordagem de trabalho que objetiva a delegação de poder e de decisão, autonomia e participação das pessoas envolvidas.

Noutras palavras, busca-se a desfamiliarização de retóricas da verdade, com construções conceituais que se transformaram em crenças: só assim criamos espaços para novas construções, embora as anteriores mantenham-se em nosso acervo de repertórios lingüísticos para dar sentido ao mundo. O antigo e o novo convivem, como em outras ciências, lado a lado na Psicologia Social.

Assim é que percebemos a crítica à concepção de verdade como conhecimento absoluto. Nesta visão, não há verdades absolutas, mas há verdades ditadas segundo nossas convenções, critérios estabelecidos social e moralmente. O que a postura construcionista reivindica é a necessidade de remeter a verdade à esfera da ética, estando sua importância relativa a nós mesmos.

É nesta perspectiva que podemos compreender também os pressupostos ontológicos e epistemológicos, bem como a natureza do construcionismo. Todos eles corroboram com uma visão de que não existem objetos naturais: *“não há objetos independentes de nós e nem existimos independentemente dos objetos que criamos”*, assim como o conhecimento não constitui um espelho da realidade *“não é possível distinguir entre a nossa inteligência sobre o mundo e o mundo como tal”* (SPINK, 2004, p. 21).

O conhecimento é, do exposto, tido como prática social, ou seja, os critérios de verdade são produções sociais que se institucionalizaram por meio de processos de habituação. Sobre o pressuposto metodológico, segundo a referida autora, o construcionismo traz para a pesquisa uma postura desreificante, desnaturalizante e dessencializadora, enfatizando a natureza social do nosso mundo. Assim, uma pré-condição da pesquisa construcionista é acatar certo grau de culturalismo e de ceticismo perante aquilo que está instituído. Nesse sentido, a postura do(a) pesquisador(a) é relativista por princípio, suscitando a necessidade da reflexão sobre os efeitos daquilo que é produzido, desligando-se do receio à perda da tradição.

Baseando-nos em Emerson Rases e Marisa Japur (2007), buscaremos sintetizar o que estes autores consideram tópicos centrais ao desenvolvimento de uma perspectiva construcionista:

- 1) a especificidade cultural e histórica das formas de conhecermos o mundo - a realidade não demanda formas específicas de conhecê-la. Desse modo, a linguagem não reflete um mundo independente, mas o constrói a todo momento;
- 2) a primazia dos relacionamentos humanos na produção e sustentação do conhecimento - as explicações sobre o mundo são resultados da coordenação da ação humana, ou seja, dos significados construídos em relacionamentos;

- 3) a interligação entre conhecimento e ação - as diferentes formas de descrever o mundo implicam em diferentes formas de ação social;
- 4) a valorização de uma postura crítica e reflexiva - o conhecimento é relativo e dependente do conjunto de práticas e condições sócio-históricas no qual surge.

Gostaríamos, por fim, de destacar que, embora o construcionismo social surja no bojo dos questionamentos da prática de uma pesquisa científica ortodoxa, positivista, laboratorial, isso não quer dizer que se distancie da preocupação com o rigor científico, mas o reconsidera. A pesquisa construcionista se propõe a detalhar todas as etapas, especialmente no que concerne aos procedimentos metodológicos e critérios de análise, tornando claro ao leitor os passos dados, as questões e situações provocadas, os limites e cuidados éticos no trato com os informantes. Acreditamos que é nessa postura explicativa, aberta, reflexiva que reside o rigor científico esperado (SPINK; MENEGON, 1998).

3.3. Dos estudos da linguagem, do discurso e das práticas discursivas

Dentre os estudos da linguagem utilizados na Psicologia Social, o que nos interessa é a investigação da linguagem em uso. Para tanto, há duas correntes que se destacam: a etnometodologia e a análise de conversação. A primeira busca analisar a racionalidade do senso comum, ou seja, como os atores sociais obtêm uma apreensão compartilhada do mundo social; a outra focaliza as estruturas normativas do raciocínio que estão imbricadas na compreensão e produção de formas de interação inteligíveis (SPINK; FREZZA, 1998).

De acordo com as referidas autoras, contudo, tanto a etnometodologia quanto a análise de conversação são abordagens minimalistas que se concentram nas minúcias da interação lingüística de tal forma que acabam por perder de vista o contexto da interação. É nesse ínterim que localizamos a perspectiva discursiva, que, diferentemente, busca problematizar o contexto discursivo sem perder de vista a interação.

A análise de discurso inclui uma diversidade de enfoques no estudo de textos, envolvendo diferentes perspectivas teóricas. Rosalind Gill (2002) identifica cinquenta e sete variedades de análise de discurso, mas que têm em comum “uma rejeição à noção realista de que a linguagem é simplesmente um meio neutro de refletir ou descrever o mundo, e uma convicção da importância central do discurso na construção da vida social” (p. 244).

Ainda segundo a mesma autora, as características-chave desta perspectiva seriam: 1) uma crítica à idéia do conhecimento como algo dado, aceito sem discussão; 2) o

reconhecimento de que a forma como conhecemos o mundo é influenciada cultural e historicamente; 3) a idéia de que o conhecimento é algo socialmente construído; 4) o compromisso de explorar as maneiras como os conhecimentos estão ligados a ações/práticas. Dessas características viriam também temas principais, como uma preocupação com o discurso em si mesmo; uma visão da linguagem como construída e construtiva; uma ênfase no discurso como uma forma de ação; e uma convicção na organização retórica do discurso.

Embora a autora destaque tais características e temas como sendo elementos-chave na análise do discurso, lembremos que, dadas as variedades de formatos encontrados, nem todos esses elementos estão, necessariamente, presentes em cada sub-tipo ou formato da análise do discurso. Lupicinio Iñiguez (2004) sintetiza a profusão da análise do discurso: “é um rótulo comumente usado para definir uma grande quantidade de métodos empíricos que são utilizáveis e utilizados para o estudo de uma enorme variedade de temas” (p. 53).

Algumas das características indicadas por Rosalind Gill (2002) podem ser percebidas nas práticas discursivas, nas quais centramos nosso estudo. Para que possamos refletir sobre a abordagem das práticas discursivas e a produção de sentidos no cotidiano, contudo, importante se faz, inicialmente, buscarmos diferenciar discurso de práticas discursivas.

O discurso remete às regularidades lingüísticas ou ao uso institucionalizado da linguagem e de sistemas de sinais de tipo lingüístico (DAVIES; HARRÉ, 1990). Sendo institucionalizado, o discurso engloba uma tendência à permanência no tempo, apontando para uma tendência de reprodução social, embora não desconsidere a diversidade e a não regularidade presentes em seu uso diário pelas pessoas. As práticas discursivas, por sua vez, referem-se à linguagem em uso: aos momentos de ressignificações, rupturas e produções de sentidos, quando as pessoas se posicionam nas relações cotidianas (SPINK; MEDRADO, 1998; SPINK, 2004).

Trata-se, esta última, portanto, de uma abordagem de análise discursiva que concebe a linguagem como prática social que possibilita a circulação de conteúdos, gera posicionamentos, constrói sentidos e produz efeitos, logo, nos centramos na linguagem em uso, na processualidade das situações cotidianas.

Vera Menegon (1998) traz algumas questões que nos fazem refletir sobre a importância dos processos de produção de sentidos para a abordagem construcionista. Para a autora, o que nos interessa não é “o que é” (produto), mas sim “como se dá” (processo) a circulação e uso dos repertórios associados a uma temática determinada. Também não é objetivo procurar generalizações dos sentidos atribuídos a tal temática, mas perceber a

fluidez, as “idas e vindas”, posto que não há nada legitimado, mas há leituras, descrições e interpretações possíveis de situações do cotidiano.

A pesquisa que se desenvolve com foco nas práticas discursivas, desse modo, trabalha de forma concomitante os microprocessos de produção de sentidos no aqui e agora das interações sociais e a circulação de repertórios lingüísticos em geral. Atende, assim, a uma dupla exigência: trabalhar com a processualidade do cotidiano e entender os discursos como uma linguagem social expressa em gêneros de fala próprios aos diversos domínios de saberes e fazeres, como afirmam Mary Jane Spink e Vera Menegon (1998).

As práticas discursivas, assim situadas, constituem o foco central de análise na abordagem construcionista. Implicam ações, seleções, escolhas, linguagens, contextos, enfim, uma variedade de produções sociais das quais são expressão. Logo, constituem-se como um caminho privilegiado para o entendimento das produções de sentidos no cotidiano.

3.4. Das práticas discursivas e a produção de sentidos no cotidiano

Mary Jane Spink (2004) nos apresenta a produção de sentidos como um fenômeno sociolingüístico, como uma construção social coletiva e interativa. Tal perspectiva busca a explicitação dos processos por meio dos quais as pessoas explicam, compreendem e se posicionam no mundo em que vivem e a si mesmas. “O que buscamos é estudar como as pessoas, em contextos situados, constroem jogos de verdade, práticas de poder e como se posicionam, posicionam e são posicionadas” (informação verbal¹⁰).

Para a compreensão das práticas discursivas como *locus* da produção de sentidos, faz-se necessário levar em consideração os contextos de produção da fala, os repertórios lingüísticos em uso, os processos de enunciação, a fim de que não se perca a *interanimação dialógica*, essencial a essa abordagem epistemológica. Em glossário apresentado no Manual de Análise de Discurso em Ciências Sociais¹¹, encontramos a seguinte definição para *Interanimação Dialógica*:

A compreensão dessa expressão apóia-se nos estudos de Bakhtin (1994), que postulam ser a linguagem inerentemente dialógica. Assim, qualquer enunciado será sempre uma resposta a um enunciado que o precedeu. Nessa perspectiva, interanimação dialógica é o entrelaçamento de “n” vozes, estejam elas presentes ou mesmo ausentes. Os enunciados só podem existir na inter-relação entre autores e destinatários.

¹⁰ Discussão realizada em sala de aula, pelo professor Benedito Medrado, no decorrer da disciplina Métodos em Pesquisa Qualitativa, desenvolvida em 2007.2 no Programa de Pós Graduação em Psicologia da UFPE.

¹¹ Consultar: *Manual de Análise do Discurso em Ciências Sociais*. Lupicinio Iñiguez (Org). Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

Para evitarmos o distanciamento do contexto de produção das falas, buscamos, em nossa análise, levar em consideração as enunciações e a *interanimação dialógica*. Com este fim, tentamos registrar o mais fielmente possível todas as etapas da pesquisa. Dos momentos em que foi possível registrar vozes ou cenas em ação, optamos por realizar transcrições literais. Dessa forma, quando analisávamos os dados, podíamos recortar seqüências de perguntas e respostas, levando em consideração as relações que se estabeleciam entre os jovens e a pesquisadora, buscando compreender as falas construídas nessa inter-relação, evitando se afastar, portanto, da situação de produção das mesmas.

Na pesquisa com práticas discursivas, outro ponto a ser destacado é que, focalizando o momento da interação por meio das práticas dialógicas, devemos estar atentos aos conteúdos dos repertórios em construção. Nesses conteúdos, buscamos localizar as regularidades, acordos, consensos, mas também a polissemia, tensões e contradições.

Considerando-se na conversação: *o tempo curto* - aquele em que transcorre o processo de interanimação dialógica -, *o tempo vivido* - que envolve as experiências da pessoa no curso de sua história pessoal - e *o tempo longo* - englobando os múltiplos significados que foram historicamente construídos -, serão diferentes pessoas ou instituições presentes ou presentificadas, interagindo por meio de jogos de posicionamento. A esses personagens, chamaremos “interlocutores” ou “vozes” e todos eles têm sua importância na compreensão da produção de sentidos dos jovens sobre participação política juvenil¹².

Levando-se em consideração as definições e discussões até então apresentadas e levantadas, na tentativa de caracterizar as práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano, numa perspectiva construcionista, julgamos importante destacar, por fim, um dos aspectos centrais que nos conduziu à adesão a este referencial epistemológico: seu ponto de partida é o estranhamento do que se tornou familiar, socialmente instituído ou essencializado, trazendo críticas ao *status-quo* e a verdades estabelecidas.

Ora, se partimos da idéia de que, mesmo diante de uma pluralidade de sentidos de juventude na contemporaneidade, há um destes sentidos socialmente compartilhados que se destaca nas práticas cotidianas - pelos meios de comunicação de massa, de discursos de adultos ou mesmo dos próprios jovens, por exemplo -, nos interessa destacar um estranhamento diante desse posicionamento que parece vir se tornando socialmente hegemônico e regulador.

¹² Os termos “repertório”, “vozes”, “jogos de posicionamento”, juntamente com outros ainda não citados, são elementos fundamentais a serem considerados na análise de registros construídos numa situação de pesquisa construcionista. Todos eles serão melhor abordados e definidos no Capítulo 5, mais próximo à análise, de modo que facilite a compreensão do(a) leitor(a) que não tem afinidade com esse referencial teórico-metodológico.

Se observamos que o sentido em evidência aproxima os jovens de características como o descompromisso ou distanciamento de posturas de participação sócio-política, e se nos propomos a investigar outros sentidos possíveis a partir de práticas discursivas dos próprios jovens, fica justificada a escolha da perspectiva construcionista para orientar esta pesquisa: é o estranhamento daquilo que está socialmente instituído que nos chama a atenção e nos incita à investigação científica.

Nas possibilidades de ruptura com o habitual, na desfamiliarização de noções que foram naturalizadas, abrimos espaços para a emergência de novas construções e novos sentidos. É nesse aspecto que localizamos, também, o caráter político que nos atrai diante da postura construcionista: as pesquisas se propõem a serem reflexivas e críticas, permitem que o(a) pesquisador(a) estranhe situações cristalizadas do cotidiano, procure compreender aspectos que contribuam com essa naturalização e, em seguida, explicita os repertórios lingüísticos em uso, construindo, portanto, informações que possam gerar subsídios a propostas de mudança em dada realidade. Eis, portanto, razões que identificam nossa proposta de estudo com o construcionismo social.

4. METODOLOGIA

4.1 Iniciando as escolhas: a pesquisa qualitativa

Embora ainda hoje, por vezes, a pesquisa qualitativa seja situada em oposição à quantitativa, acreditamos na possibilidade de uma pesquisa conciliar aspectos referentes às duas abordagens: permitindo que a investigação não se atenha apenas em dados numéricos, nem tampouco se restrinja a descrições e/ou especulações. Como também nos convidam a refletir Martim Bauer, George Gaskell e Nicholas Allum (2002), não há quantificação sem qualificação, pois a mensuração dos fatos sociais depende da categorização do mundo social.

Algumas das diferenciações entre essas duas formas de abordagem é que, na pesquisa qualitativa, mais que buscar índices e medianas, buscam-se significados, mais que descrições de dados ou coleta de informações, buscam-se interpretações, sujeitos e suas histórias (MARTINELLI, 1999). Não negamos com isso a importância do uso da pesquisa quantitativa, importante para dimensionar os problemas com os quais trabalhamos, mas, segundo Augusto Triviños (1995) o que ocorre na prática, é:

Toda investigação baseada na estatística, que pretende obter resultados objetivos, fica somente no dado estatístico. Raramente o pesquisador aproveita essa informação para avançar numa interpretação mais ampla da mesma (p. 118).

Robert Bogdan (1987), *apud* Augusto Triviños (1995, p. 128-130), destaca algumas características centrais da pesquisa qualitativa, as quais nos interessa destacar: 1) tem o ambiente cotidiano como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento-chave; 2) é descritiva e explicativa; 3) os pesquisadores qualitativos estão preocupados com o processo e não simplesmente com o resultado ou produto; 4) os dados tendem a ser analisados indutivamente, do particular para o geral; e 5) o significado é a preocupação essencial na abordagem qualitativa, a atenção se desenvolve especialmente nos pressupostos que servem de fundamento à vida das pessoas.

Com base nessas características, percebemos uma forma particular de legitimar o conhecimento científico através de uma relação dinâmica, considerando intersubjetividades: o informante, o pesquisador, o contexto sócio-cultural em que estão inseridos. Nesse sentido, o pesquisador ou “o sujeito-observador”, é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos aplicando-lhes significado (CHIZZOTTI, 1995).

Também nossa opção por realizar uma pesquisa na perspectiva das práticas discursivas nos remete à abordagem qualitativa, visto que partimos da idéia de que o conhecimento é algo construído coletivamente, a partir de leituras, descrições e interpretações possíveis do mundo. Entendendo que nossa pesquisa se propõe a ser reflexiva e crítica, importante nos faz acessar o processo de construção de sentidos: os jogos de posicionamento, as construções e reconstruções de argumentos, o que nos é possível levando em conta diálogos e enunciados produzidos por práticas discursivas a serem cuidadosamente analisadas enquanto processo e não produto.

Feitas essas considerações, justificamos nossa escolha pela abordagem qualitativa nesse estudo: o que nos interessa não é contar com uma amostra numerosa a nos fornecer dados sobre a realidade, mas trabalhar com uma parcela privilegiada da população de interesse, aproximarmo-nos dos informantes, conhecer suas narrativas e versões, repertórios e jogos de posicionamento, compreendendo-os em sua singularidade e significância, por meio de suas práticas discursivas e das interações sociais estabelecidas.

Em conformidade com o interesse ora exposto e para uma melhor problematização do objeto de estudo, aproximando-se da temática e do público de interesse, foram realizadas experiências de aproximação do campo.

Embora o termo “campo” aqui empregado se apresente em sintonia com uma noção geralmente empregada na Psicologia Social para descrever um tipo de pesquisa feita nos lugares da vida cotidiana e fora do laboratório, gostaríamos de frisar que nosso posicionamento diante da noção de campo segue uma proposição de campo-tema. Nesta perspectiva, o campo não é mais um lugar específico, mas se refere à processualidade de temas situados, quando não é mais o campo que tem o assunto, mas é o assunto que tem um campo, como discutem Peter Spink (2003) e Otavio Neto (1994).

4.2 Primeiras aproximações ao universo de interesse

Quando adentramos no universo das pós-graduações *stricto sensu*, uma inquietação nos conduz: algo da nossa atividade profissional, um ponto de interrogação deixado na

experiência da graduação ou dos estágios, um nó deixado escapar por meio de conversas e observações do cotidiano, de um filme assistido, de uma matéria jornalística veiculada. Enfim, muitas são as portas de entrada para uma dúvida, que pode vir a se transformar numa problematização passível de investigação científica.

No entanto, da porta de entrada à porta de saída no caminhar da (in)definição do problema a ser investigado, muitos são os caminhos percorridos. Nesse sentido, experiências de aproximação ao universo de interesse são parte fundamental para o desenvolvimento de uma pesquisa científica, pois permitem ampliar a visão sobre o tema suscitado para, então, objetivar uma questão-problema a ser focada e trabalhada. Esta aproximação é, também, um aspecto fundamental à pesquisa construcionista.

Uma primeira aproximação a apresentarmos diz respeito à participação no II Fórum Social Brasileiro (FSB)¹³. Naquela ocasião, pelo menos dois aspectos se destacaram: 1) o grande quantitativo de jovens participando ativamente de debates e discussões sobre o lugar da juventude como protagonista na construção de políticas públicas e ações de cidadania no Brasil; 2) o vínculo que estes jovens anunciaram ter com diferentes grupos e movimentos sociais.

Outra experiência de aproximação ao campo-tema ocorreu no XIII Encontro Nacional de Adolescentes (ENA)¹⁴. Na ocasião, contou-se com a participação de cerca de quatrocentas pessoas, entre adolescentes, jovens e educadores. O lema do evento, elaborado pelos próprios adolescentes durante o Encontro Preparatório do ENA (PRÉ-ENA) que aconteceu em 2005, foi “Adolescentes: a busca do nosso espaço”.

O encontro foi promovido pelo Movimento de Adolescentes do Brasil (MAB) juntamente com outros grupos e redes parceiras, tendo como objetivo principal:

fortalecer e incentivar a participação social e política do público jovem no atual debate sobre políticas públicas voltadas para este segmento, a partir de atividades que envolvem construções coletivas, intervenções educativas e culturais e processos de tomada de decisão¹⁵.

A partir do acompanhamento dos debates levantados pelos jovens e adolescentes presentes, tanto nos espaços formais de discussão, como através das conversas informais, percebidas e compartilhadas no decorrer dos cinco dias do evento, outras inquietações foram surgindo, algumas delas em sintonia com questões levantadas por ocasião do II FSB, a respeito da participação juvenil e sua atuação política.

¹³ O II Fórum Social Brasileiro foi realizado em Recife-PE, entre os dias 20 e 23 de Abril de 2006.

¹⁴ O XIII Encontro Nacional de Adolescentes foi realizado em Maragogi- AL, entre os dias 10 e 14 de Julho de 2006.

¹⁵ Mais informações, consultar: www.papai.org.br. Acesso em 02/07/2007.

O que nos parecia ser um discurso partilhado entre os participantes - incluindo-se também os(as) educadores(as) - era uma definição dos jovens engajados em grupos e movimentos sociais como uma contra-referência a jovens não-vinculados a movimentos sociais.

Nessa atitude de disponibilidade por estabelecer maior familiaridade com o campo-tema, uma experiência particular deve ser ressaltada. Neste encontro, foi proposta pela pesquisadora uma oficina de expressão corporal intitulada “Movimentos corporais, movimentos sociais”. Seu objetivo era gerar uma reflexão sobre a juventude na contemporaneidade e a participação dos jovens em movimentos sociais.

Optamos por realizar oficinas de expressão, seguindo uma das estratégias metodológicas da pesquisa construcionista. Por considerarmos que o conhecimento é algo que se constrói coletivamente, acreditamos que oferecer um espaço de discussões e trocas contribuiria com os processos de construção de sentidos e subjetividades, produzidas e refletidas coletivamente, enfocando também o potencial político da pesquisa. Fizemos, ainda, a opção pelo uso de diferentes linguagens, para além das discussões verbalizadas, considerando que:

Esse potencial político das oficinas se articula a uma riqueza de procedimentos, envolvendo estratégias discursivas diversas, desde expressões artísticas, movimentos corporais e outras alternativas discursivas, além da própria fala (MENEGON; MEDRADO; SPINK, 2007, p. 01).

Desenvolvendo atividades que incluíssem desde alongamentos a exercícios de exploração e expressão corporal, pretendemos favorecer a interação entre os jovens. Buscamos realizar discussões com os informantes acerca do seu lugar na participação e construção política, levando em consideração seu engajamento em ONG, associações de bairros, grupos artístico-culturais ou outros grupos e movimentos sociais, tendo por base o próprio corpo e expressões de linguagem para além do verbal.

Esta oficina contou com a participação de 17 pessoas, em sua maioria jovens e adolescentes (além de quatro educadores). Como havia também o interesse em utilizar as informações com fins de pesquisa, foi realizada previamente uma apresentação e discussão do *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido*¹⁶, assinado por todos os presentes e seus responsáveis - para aqueles com idade inferior a 18 anos -, respeitando-se os princípios éticos

¹⁶ Ver modelo de *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido* utilizado na Oficina oferecida no XIII ENA no Apêndice 01.

do cuidado com o informante com quem dialogamos em todas as etapas da pesquisa (SPINK, 2000).

Toda a oficina foi filmada e transcrita, tendo em vista que após a experiência de atividades com movimentos corporais, havia uma discussão oral sobre os sentimentos, opiniões e sensações que foram sendo produzidas com a atividade. Muitas foram as reflexões sobre ser jovem na contemporaneidade. Mais uma vez reforçava-se a noção de dois grupos distintos de jovens: os participantes e os não-participantes de movimentos sociais, embora de certo modo a própria estratégia adotada no desenho metodológico também partisse dessa cisão ou dicotomia.

4.3 Definindo os participantes: trajetórias e escolhas

Apresentamos a seguir como essas experiências de aproximação ao campo-tema de interesse e também à literatura especializada em juventudes nos orientaram na definição da escolha dos jovens participantes.

4.3.1 Das trajetórias

Nossa primeira trajetória, guiada pelas experiências adquiridas e observações realizadas no II FSB e no XII ENA nos conduziu à definição de dois grupos: 1) jovens participantes de movimentos sociais e 2) jovens não-participantes de movimentos sociais. Esta definição levou em consideração a oposição que surgia na fala dos jovens - e educadores de jovens - com quem entramos em contato nessa fase de aproximação ao campo-tema. Despertava-nos, assim, o interesse por escutar, também, as falas e posicionamentos daqueles jovens que não estavam vinculados a movimentos sociais: quais suas concepções de juventude? Que noções de cidadania, participação política e social expressavam? Eles também faziam referência, em suas falas, a jovens participantes de movimentos sociais ou essa oposição era específica desses últimos?

Embora o interesse investigativo por escutar e interagir com ambos os grupos estivesse em ebulição, razões outras fizeram com que este caminho não fosse possível de ser seguido, sendo a principal delas o restrito tempo de realização de pesquisa oferecido para conclusão do mestrado.

Segundo os membros que compuseram a banca de qualificação¹⁷, a proposta de ter esses dois grupos de jovens como interlocutores da pesquisa era pertinente e interessante. Contudo, considerando o procedimento metodológico proposto, questionavam se haveria tempo hábil para realizar as oficinas de expressão com dois grupos de jovens, transcrevê-las e analisar, com qualidade, todas as informações registradas, verbalizadas e não-verbalizadas.

Concomitante a tais questionamentos, outras reflexões se fizeram presentes. Uma delas dizia respeito às estratégias metodológicas propostas: trabalhar com oficinas corporais e entrevistas grupais. Estas não nos pareciam apropriadas para a realização de um estudo comparativo, como o que, de alguma maneira, se propunha ao estudar jovens participantes e não-participantes de movimentos sociais.

Outro ponto de reflexão relacionava-se à abordagem epistemológica escolhida: o construcionismo social, com foco nas práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano. Segundo esta perspectiva¹⁸, categorias de análise das práticas discursivas são construídas com base nos repertórios lingüísticos produzidos pelos informantes.

Se focássemos a pesquisa em dois grupos de jovens, as categorias seriam construídas de forma a comparar repertórios produzidos por um e outro grupo e, assim, não iríamos conhecer mais profundamente os repertórios e discussões de qualquer dos grupos ou das pessoas envolvidas. O acesso a suas discussões e idéias, assim como suas análises, se dariam de maneira superficial, de forma que ao fim da pesquisa dificilmente conheceríamos o universo social daqueles participantes com quem havíamos interagido. Nesse contexto, constituiu-se importante para nós focar os estudos em apenas um desses grupos, a fim de que pudéssemos compreender, de forma aprofundada, o processo de construção de sentidos sobre juventude e participação política.

Focando num só grupo, não buscamos por regularidades que nos indicassem conceitos ou repertórios como elementos intrinsecamente conectados àquele grupo social. Para além dos consensos, buscamos, também, os dissensos, as tensões, as variabilidades, levando em conta que nenhum indivíduo está inserido em um único grupo social, entendendo que “os repertórios estão disponíveis às pessoas e são empregados em diferentes situações, a partir das muitas diferentes filiações” (MEDRADO, 1998, p. 98).

¹⁷ A banca de qualificação ocorreu em março de 2006. Tratou-se de um momento em que o projeto de pesquisa foi apresentado a uma comissão de professoras, que avaliaram o projeto e sua pertinência, oferecendo indagações, reflexões e sugestões à sua continuidade.

¹⁸ Informações sobre a abordagem teórica que fundamenta esse estudo foram exploradas e podem ser consultadas no capítulo anterior.

4.3.2 Da escolha

Eis que optamos, enfim, por estudar a polissemia e complexidade na produção de sentidos sobre juventudes no contexto da participação em movimentos sociais. Para tanto, adotamos como interlocutores o “grupo de jovens e adolescentes mobilizadores”, formado por lideranças juvenis do MAB (Movimento de Adolescentes do Brasil), que atuam em Pernambuco¹⁹.

O MAB é uma rede formada por grupos de adolescentes, jovens, educadores e educadoras de diversas áreas de atuação profissional, comprometidos com a cidadania através de projetos, programas ou ações locais, regionais e/ou nacionais. Em suas produções (*homepage*, livros, artigos), destacam sua missão, princípios e objetivos. Vejamos a missão que apresentam²⁰:

MAB é uma rede comprometida com a luta pelo reconhecimento de adolescentes e jovens como sujeitos de direitos e pela sua participação efetiva na sociedade através de projetos, programas, capacitações e políticas públicas, de maneira a contribuir para o seu desenvolvimento pessoal e social, fortalecendo e garantindo a melhoria de sua qualidade de vida. Trabalhando de maneira participativa e contribuindo para a construção coletiva de conhecimento, o MAB estimula e facilita a realização de ações nacionais (locais e regionais) e/ou internacionais, entre adolescentes, jovens e educadores (as) com intuito de desenvolver novas metodologias e práticas inovadoras dentro das diversas áreas de atuação social; além de firmar como um dos principais movimentos sociais, organizado em rede, obtendo reconhecimento nacional e internacional.

Por entendermos que se trata de uma rede de grupos sociais atuante e engajada em diferentes projetos e mobilizações juvenis²¹ é que a selecionamos para contribuir com esta pesquisa.

Cabe aqui, contudo, ressaltar uma informação: o MAB foi assim nomeado quando da sua fundação em 1998, à época constituído apenas por adolescentes. Porém, esses adolescentes cresceram e mantiveram-se vinculados à rede. Assim, embora o nome permaneça (Movimento de Adolescentes do Brasil), o MAB é agora constituído por três categorias de participantes: adolescentes, jovens e educadores (que atuam com adolescentes), contando, dessa forma, com jovens - interlocutores de interesse a esse estudo.

¹⁹ A denominação “grupo de jovens e adolescentes mobilizadores” não foi atribuída por nós, mas foi criada no contexto da participação desses jovens como lideranças juvenis do MAB, nos projetos e atividades desenvolvidos por essa rede.

²⁰ Para obter essas e outras informações sobre o MAB, consultar: www.redemab.org.br. Acesso em 12/12/2007.

²¹ Vale a pena destacarmos, como dito anteriormente, que foi o MAB um dos realizadores do XIII ENA.

No que concerne às lideranças juvenis do MAB em Pernambuco, esse grupo é composto por 18 pessoas (entre adolescentes e jovens), sendo que duas destas jovens atuam como monitoras junto aos profissionais que conduzem as atividades dos “jovens e adolescentes mobilizadores”. Os participantes têm seus vínculos distribuídos entre oito organizações diferentes²².

Além da afinidade de serem membros ativos do MAB, este grupo se mantém vinculado por um projeto de formação e multiplicação em questões de educação sexual e reprodutiva, encontrando-se semanalmente no Instituto Papai (uma das organizações à qual estão vinculados).

4.3.3 *Caracterizando os informantes*²³

Embora todo o grupo de lideranças juvenis do MAB (18 pessoas) tenha sido convidado a participar da pesquisa, apenas 10 atuaram como interlocutores na etapa de realização das oficinas de expressão²⁴. Destes, cinco são do sexo feminino e cinco do sexo masculino, situando-se na faixa etária entre 15 e 24 anos. Identificavam-se do seguinte modo: seis como jovens; três como adolescentes; e um como educador. Cabe, aqui, uma informação adicional. No MAB, a identificação a qualquer desses grupos tem como fundamento a faixa etária: até 17 anos são tidos como adolescentes; a partir dos 18, como jovens; o educador pode ser adolescente ou jovem, desde que desenvolva projetos e atividades junto à rede.

A maior parte destes jovens ainda é estudante, seja do Ensino Médio (cinco pessoas) ou de Instituições de Nível Superior (quatro pessoas). Todos são solteiros e vivem com seus familiares na Região Metropolitana do Recife-PE, especificamente em bairros de periferia, vivendo em situação de vulnerabilidade social.

Sobre a cor ou raça com que se identificam, segundo a classificação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), encontramos as seguintes informações: duas pessoas se identificaram como brancas; quatro como negras; duas como pardas; uma como indígena e outra pessoa não respondeu a este item do questionário. Quanto à identificação

²² Fazem parte as seguintes organizações: Instituto Papai, Grupo Gaymado, Grupo Teatral Cultural Esperança no Ar; AMNE- Associação de Mulheres Nova Esperança; Grupo CACTOS; ASAS ONG AIDS - Associação de Ação Solidária; BEMFAM – Sociedade Civil de Bem-Estar Familiar no Brasil e Grupo Curumim.

²³ Foram entregues aos jovens fichas de identificação, composto por informações que visavam a caracterização sócio-demográfica. O modelo da ficha adotada está apresentado no Apêndice 2.

²⁴ O grupo foi composto por 10 participantes porque este foi o número de jovens que compareceu à oficina. Vale ressaltar que nem todos estiveram presentes nos dois dias da oficina.

com alguma religião²⁵, metade dos interlocutores respondeu “nenhuma” ou “não sei”; nas respostas das demais pessoas, não houve preponderância de qualquer das religiões elencadas.

Por fim, com relação à vinculação destes jovens junto a grupos ou movimentos sociais, percebemos uma variação entre um e nove anos de atuação; mais especificamente, sobre a participação nas atividades do MAB, as respostas variaram entre sete meses e três anos. Nos grupos dos quais fazem parte, afirmam desenvolver, principalmente, atividades como palestras, passeatas, apresentações artísticas, disseminação de discussões entre jovens, além de participarem de grupos de formação em gênero, sexualidade, cidadania e política.

Segue, abaixo, um quadro ilustrativo acerca da caracterização dos jovens informantes dessa pesquisa.

Quadro 1: Características dos participantes da pesquisa

Identificação no MAB	
Adolescentes	03
Jovens	06
Educadores	01
Nível de escolaridade	
Nível médio incompleto	05
Nível médio completo	01
Nível superior incompleto	04
Cor ou raça (auto-referida)	
Branca	02
Parda	02
Negra	04
Outro	02
Religião	
Católica	01
Evangélica	01
Outras	03
Nenhuma/Não sei	05

4.4 Técnicas, instrumentos e criações

Em nossa pesquisa, buscamos trabalhar com diferentes técnicas e procedimentos metodológicos, a fim de reunir registros plurais que nos permitissem um olhar ampliado à temática e população de interesse. A essa proposta denominamos multimodalidade, a qual será melhor explicitada mais adiante, à medida que nossas opções e criações forem sendo

²⁵ Ver opções de religião e outras informações solicitadas na ficha de identificação sócio-demográfica no Apêndice 2.

explanadas e contextualizadas, levando em consideração a abordagem construcionista adotada.

4.4.1 Observação participante

Esta consistiu na primeira etapa da pesquisa junto ao campo-tema. A observação participante é caracterizada por um período de interação social entre pesquisador e informantes, durante o qual os dados são coletados discreta e sistematicamente. Não houve, nesta etapa o “mergulho na vida do povo e na situação que deseja compreender”, conforme advogam Robert Bogdan e Steven Taylor (1980, p. 03), mas foram desenvolvidas aproximações em relação ao campo-tema de forma mais efetiva.

Entramos em contato com uma das educadoras responsáveis pela condução da reunião com esses jovens, explicando-lhe os objetivos de pesquisa e o interesse em trabalhar junto a esse grupo. Nessa ocasião, solicitamos a participar como observadora em algumas das reuniões do grupo. O primeiro contato se desenvolveu, então, com a pesquisadora posicionada como observadora, embora já houvesse sido apresentada como alguém que estava fazendo uma pesquisa sobre jovens, e que pretendia dialogar com as lideranças juvenis do MAB²⁶.

No segundo encontro, a pesquisadora manteve-se, inicialmente, como observadora das atividades e discussões realizadas pelos jovens. Desenvolveu, também, diálogos com as educadoras que os acompanhavam, tendo, inclusive, sido procurada pelas mesmas para estas conversas. Também neste segundo dia já lhe foi destinado um espaço de fala na reunião, a fim de que pudesse explicar parte da pesquisa e convidar os jovens a participarem da mesma. Foi explicado, de maneira geral, tratar-se de uma pesquisa cujo objetivo era discutir juventudes pelo viés de jovens participantes de movimentos sociais e que havia o interesse de contar com eles como informantes, por serem vinculados a diferentes grupos ou organizações sociais e serem jovens representantes de uma rede de grupos sociais de atuação nacional.

Em seguida, foi-lhes feito o convite, explicitando o formato da pesquisa: dois dias de oficinas dinâmicas, com espaço para discussões, reflexões e atividades corporais, a serem realizadas na UFPE (Universidade Federal de Pernambuco)²⁷. Foram negociados os dias das oficinas, considerando a disponibilidade da maior parte deles e foram também distribuídos

²⁶ Com alguns deles a pesquisadora já havia estabelecido contato anterior no XIII ENA, por ocasião da aproximação do campo-tema.

²⁷ A opção por realizar a pesquisa na UFPE deu-se por se tratar de um local neutro aos jovens, e de fácil acesso à pesquisadora e aos participantes.

vales-transporte a fim de garantir o deslocamento dos jovens de sua residência até a UFPE e de volta à casa, tendo em vista a precária situação econômica dos mesmos.

Por fim, a última etapa contou com a apresentação, distribuição e discussão dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Estes foram entregues aos jovens para que levassem para casa e trouxessem no dia da oficina, já assinados (para os menores de 18 anos, foi distribuído outro TCLE a ser assinado pelos pais ou responsáveis)²⁸. Foi também distribuída a ficha de identificação com dados sócio-demográficos, visando à caracterização da população em estudo. A reunião prosseguiu com a educadora dos jovens, enquanto a pesquisadora passou a acompanhar a reunião.

No decorrer do estudo, mesmo quando a pesquisadora já estava analisando os registros construídos nas diferentes etapas da pesquisa, ainda esteve como observadora-participante noutras situações: em reuniões de capacitação e formação política, em eventos públicos, em momentos festivos junto aos jovens e adolescentes do MAB.

4.4.2 Oficinas de expressão

As oficinas de expressão ocorreram em dois dias e contaram com atividades verbalizadas e não-verbalizadas. Na primeira, aproximamo-nos do modelo de grupo focal; na segunda, utilizamo-nos de exercícios e expressões corporais, encenações e desenhos. Os multimétodos utilizados nas oficinas serão apresentados a seguir, tendo a escolha pelo uso de diferentes técnicas e procedimentos a intenção de construir registros mais amplos acerca dos sentidos em construção sobre juventude e participação política.

4.4.2.1 Entrevista coletiva

Nas ciências sociais empíricas, a entrevista qualitativa é uma estratégia metodológica de acesso a informações bastante utilizada. De acordo com Robert Farr (1982) *apud* George Gaskell (2002): “A entrevista qualitativa é essencialmente uma técnica ou método para estabelecer ou descobrir que existem perspectivas ou pontos de vista sobre os fatos, além daqueles da pessoa que inicia a entrevista” (p. 65).

É assim que, partindo do pressuposto de que o mundo social não é um dado natural, mas é ativamente construído pelas pessoas em seu cotidiano, buscamos, por meio da

²⁸ O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido evidencia uma das preocupações da pesquisadora com um cuidado e atenção ética com os jovens envolvidos na pesquisa. Os modelos de TCLE usados para essa pesquisa podem ser consultados no Apêndice 03.

entrevista qualitativa, compreender as opiniões e idéias de pessoas em contextos sociais específicos.

As entrevistas podem ser realizadas de forma individual ou grupal. Para esta pesquisa, optamos pela entrevista coletiva baseada no modelo do grupo focal, tendo em vista as características deste último: trata-se de um método a ser utilizado para o entendimento de como se formam as diferentes opiniões e idéias acerca de um fato, prática, produto ou serviços (KRUEGER, 1990 *apud* CARLINI-COTRIM, 1996).

Desse modo, entendemos o grupo focal como um tipo de entrevista de grupo que se apóia na interação entre seus participantes, os quais discutem, refletem e produzem sentidos a partir de tópicos que são fornecidos pelo pesquisador. Nesta característica localizamos uma das maiores riquezas no trabalho com o grupo focal, qual seja obter informações com base na tendência humana de formar opiniões na interação com outros indivíduos.

No nosso caso, pôr em discussão a temática da juventude para que diferentes jovens construam posicionamentos, indica a razão pela qual elegemos, dentre as técnicas de pesquisa qualitativa, a entrevista coletiva baseada no modelo focal: para que possamos compreender a construção de sentidos sobre juventude nas práticas discursivas de jovens em interação. O grupo focal tem a vantagem de oferecer, ainda, informações sobre as tentativas de consenso e o modo como as pessoas lidam com as divergências.

Do ponto de vista funcional, a condução do grupo focal ocorre a partir de um roteiro de tópicos. Como a proposta do método é desenvolver uma discussão focada em uma temática específica, recomenda-se que esse roteiro contenha entre dois e cinco tópicos. No desenvolvimento desta pesquisa, a condução da entrevista coletiva aconteceu, em grande parte, em consonância com o modelo do grupo focal: foi realizada com um grupo pequeno (dez participantes), foi utilizada a fim de provocar interações entre jovens, com discussões acerca de um tema focalizado (juventude e participação política juvenil). Teve, ainda, como finalidade, favorecer o desenvolvimento de diferentes opiniões acerca de um tema e possibilitou-nos perceber os jogos de posicionamento entre os jovens, identificando modos com os quais as pessoas lidam com suas divergências.

Embora todos esses elementos caracterizem um grupo focal, parte da condução da entrevista não obedeceu a esse modelo de condução de grupos. Optamos por iniciá-la com outras atividades mobilizadoras de reflexão, por meio de movimentos corporais, interpretação teatral e desenho (conforme explicitaremos melhor no tópico a seguir). Assim, toda a condução da entrevista que se seguiu teve por base essas outras atividades bem como as reflexões que dela emergiram.

Não se contou, nesse sentido, com um roteiro de perguntas previamente elaborado e consultado no decorrer da atividade - embora as discussões seguissem perguntas norteadoras - mas preponderaram questões que vinham sendo produzidas nas falas dos participantes, a partir da dinâmica grupal em construção.

Por que, então, falar em grupo focal? Porque além de todas as aproximações com a técnica do grupo focal já apontadas anteriormente, questões norteadoras do foco da pesquisa estiveram presentes - ainda que de maneira implícita e não baseadas em um roteiro pré-determinado -, guiando a pesquisadora nas questões que propunha ao grupo. A opção por conduzir o grupo a discutir sobre seus entendimentos acerca da juventude e da participação política juvenil manteve-se em toda a entrevista coletiva.

4.4.2.2 Expressões corporais: outras linguagens produzindo sentidos

Em nossa explanação sobre as experiências de aproximação ao campo, destacamos a realização da oficina “Movimentos corporais, movimentos sociais”, realizada no XIII ENA. Enfatizamos tal atividade porque, para além de expressões orais pudemos, naquela oportunidade, localizar outras formas possíveis de acesso a conteúdos, sentidos e discussões acerca da juventude.

A fim de reunir diferentes recursos que favorecessem uma visão mais ampla sobre o tema de interesse, utilizamo-nos de multimétodos. Para além dos instrumentos geralmente utilizados nas pesquisas em Psicologia social - como a entrevista, por exemplo - optamos também pelo uso de expressões e imagens corporais, desenhos e outras formas de expressão. Acreditamos que o recurso a expressões não-verbais também pode acionar, para além da fala propriamente dita, dispositivos que nos auxiliam na apreensão do contexto de produção discursiva.

Eis que dessa experiência piloto, surge o desejo de realizar experimentações na pesquisa científica, fazendo uso da criatividade do pesquisador no manejo de ferramentas disponíveis no intuito de unir outras informações aos dados já registrados por vias formais, como por exemplo, por meio da entrevista grupal. Não queremos com tal proposta negar a importância das práticas discursivas verbalizadas nas relações dialógicas e sua implicação direta na formação dos sentidos. Nossa intenção é trabalhar sobre seus limites, permitir sua abertura aos registros de sentidos do corpo.

Nosso trabalho tem a finalidade maior de contribuir com a produção de conhecimento, mas traz, também, uma proposição política. Esta se apresenta, inclusive, na estratégia de

oferecer a um grupo de jovens espaços de trocas, de *interanimação dialógica* (BAKHTIN, 1997), com potencial crítico de ressignificações coletivas de situações do cotidiano. É nesse sentido que buscamos a realização de oficinas de expressão como estratégia metodológica principal. Vera Menegon, Benedito Medrado e Mary Jane Spink (2007) nos estimulam nesse caminho ao afirmarem:

Apesar do uso das oficinas na prática da pesquisa ser menos usual, alguns estudos realizados apresentam resultados encorajadores. Dentre eles, ressaltamos o fato de que as oficinas permitem desenvolver uma pesquisa com potencial ético e político, pois ao mesmo tempo em que geramos material para ser analisado, criamos um espaço de trocas simbólicas que permitem sensibilizar as pessoas com relação à temática proposta, gerando conflitos construtivos com vistas ao engajamento político de transformação (p. 01).

Conforme mencionado, este estudo adota uma perspectiva construcionista e nosso foco de análise está na produção de sentidos a partir das práticas discursivas de jovens participantes de movimentos sociais. A pesquisa, então, situa-se no âmbito dos estudos da linguagem, mais precisamente da análise de discurso²⁹.

De início chegamos a questionar se o uso de tal abordagem se restringiria à análise de textos, o que nos despertaria pouco interesse, dada a possível restrita contribuição. Esse questionamento, entretanto, foi respondido pelo relato de experiência empreendida por Mary Jane Spink (2006), na qual se fez uso de uma análise multimodal. Tratou-se de um estudo de práticas cotidianas e a naturalização das desigualdades, por meio da investigação de uma semana de imagens de notícias de jornais. A autora apresentou a seguinte definição de multimodalidade:

Multimodalidade é o uso combinado de uma diversidade de modalidades semióticas no desenho de um produto ou evento. Tal proposta afasta-se da tradição de análise que toma as várias modalidades como tarefas especializadas, assumindo a postura de que princípios semióticos comuns operam nas diferentes modalidades [...] Nosso argumento é que a ação discursiva acontece e é articulada em uma multiplicidade de práticas e em uma multiplicidade de modalidades, dentre as quais a ação social humana é uma” (KRESS e VAN LEEUWEN, 2001 *apud* SPINK, 2006, p. 19).

É assim que um pressuposto comum à análise de discurso - o de que discursos se refeririam apenas a linguagens textuais - vem sendo reformulado. O desafio é levar em consideração, simultaneamente, “processos de produção de sentidos fundamentados na

²⁹ As discussões que tratam do referencial teórico em que se baseia essa pesquisa, localizando-o nos estudos de análise do discurso, foram mais amplamente situadas e abordadas no capítulo anterior.

fisiologia de humanos tomados como seres corporificados, no potencial semiótico dos materiais utilizados e em humanos tomados como atores sociais” (SPINK, 2006, p. 20).

Outra experiência recente de pesquisa baseada na abordagem construcionista nos fez refletir sobre a relação entre construção social da realidade e práticas humanas que a instauram. Tratou-se de uma dissertação em que Marina Guzzo (2004) - objetivando entender o risco no processo de construção do corpo como espetáculo no circo -, levou em consideração contribuições de diferentes linguagens, inclusive aquelas produzidas pelo corpo. Como refletiu a autora, acerca de sua proposta de pesquisa:

Neste trabalho o estudo da linguagem remete, ao mesmo tempo, às produções de subjetividade e às relações de construção de sentidos na pós-modernidade, principalmente produzidas pelo corpo. É um estudo das linguagens, dos corpos, das imagens como jogos de verdade, como alegorias ou como discursos, dependendo do momento, do material utilizado e da análise proposta (GUZZO, 2004, p. 05).

Essa perspectiva procura entender as imagens como práticas discursivas instituidoras de fatos e de modos de subjetivação; imagens não apenas como ilustrações do corpo, mas como aspectos dinâmicos que criam narrativas em si. Segundo a autora, o corpo passa a ser tratado como construtor de realidade social, “proposto dentro de um sistema de representação e de discursos, saberes e estéticas e, principalmente, de práticas que o definem como estrutura simbólica e social” (GUZZO, 2004, p. 09).

Foi com base nesses fundamentos e vivências que optamos por trabalhar com os jovens em duas oficinas, inspiradas no modelo utilizado no XIII ENA, para a realização desta pesquisa. Assim, à entrevista coletiva, agregamos outros meios de acesso à construção de sentidos sobre participação política juvenil, para além da linguagem verbal: em movimentos corporais, na construção e encenação de curtas peças teatrais, na expressão de sentidos sobre juventude baseadas em desenhos e pinturas.

Nestas oficinas, propiciou-se, desse modo, um rico espaço de discussões, encenações, reflexões, posicionamentos, quando jovens e pesquisadora interagem entre si, abordando temáticas e situações que levaram à reflexão sobre suas concepções acerca da juventude e da participação política do jovem na contemporaneidade. Acreditamos, assim, ter trabalhado com base na dupla função da oficina: pesquisa e sensibilização.

Considerando nossa proposta de trabalhar com o construcionismo social, não poderíamos relegar atenção a noção de reflexividade da ciência³⁰ como um dos processos da modernidade tardia, contexto em que se desenvolve essa abordagem. Nesse sentido, posicionamos a pesquisa como prática social, agregamos à pesquisa científica potenciais éticos e políticos, o que implica numa atitude do(a) pesquisador(a) de explicitar caminhos, abrir-se a leituras e revisões críticas, manter a atenção nas possibilidades de transformação social (MENEGON; MEDRADO; SPINK, 2007).

Analisar a produção de sentidos de jovens sobre a juventude e a participação política juvenil envolve, nesse sentido, mais do que diálogos, também imagens materializadas em expressões corporais, movimentos e dinâmicas, a partir das quais é também possível apreender sentidos e contribuir com o potencial político de transformação de realidades.

4.4.2.3 Sobre as oficinas realizadas

Como recurso de multimodalidade, as oficinas - com duração de cerca de quatro horas, cada - eram iniciadas com atividades corporais e artísticas (teatro, desenho, música) passando-se, em seguida, às discussões verbalizadas entre todos os presentes. Aproximávamos, assim, da noção de entrevista coletiva focal, deixando, contudo, que as discussões fluíssem de acordo com a demanda que se construía por todos, levando em conta os contextos de produção. Não nos detínhamos num roteiro pré-determinado, embora nosso foco de interesse nos guiasse.

Como as atividades eram propostas para serem desenvolvidas em grupos, os debates eram construídos a partir das diferentes compreensões que os membros de cada grupo tinham sobre aquela atividade encenada ou criada por meio de desenhos, e se estendiam até que os criadores daquelas apresentações indicassem seu ponto de vista sobre aquela situação vivenciada.

Trabalhar com esses recortes de realidade trazidos pelos jovens, tendo a possibilidade de discuti-los foi uma experiência rica de informações e bastante instigante para todos. Quando oportuno, intervíamos, buscando esclarecer dúvidas ou provocar outras discussões, sempre com foco nas perguntas: o que é ser jovem para o jovem participante de movimentos sociais? Quais as noções de participação política produzidas por esses jovens? Como eles se posicionam nos debates sobre juventude?

³⁰ Tomamos emprestado o termo reflexividade tal como utilizado por Mary Jane Spink (2004, p. 18): “Reflexividade é a abertura à revisão crônica das práticas institucionais à luz de novas informações [...] temos a liberdade e a necessidade de rever e propor novos conceitos”.

Ambas as oficinas foram transcritas na íntegra, para não perder o contexto de produção de falas, com atenção à *interanimação dialógica* (SPINK, 2004). Foram nessas oficinas que se centraram as principais discussões, basilares à análise qualitativa que se seguirá como etapa dessa dissertação. Realizamos uma síntese da transcrição com base nas oficinas, como uma adaptação ao modelo de *Transcrição Seqüencial*³¹:

Essa é uma forma de reduzir a complexidade [...] isso permite entender a dinâmica das trocas discursivas (quem fala, quando fala, sobre o quê), ter uma visão de conjunto das temáticas em discussão. Isso possibilita, ainda, optar por analisar apenas os temas que são prioritários para os objetos de pesquisa (SPINK, 2004, p. 55-56).

4.4.3 Acompanhando o jovem por um dia

Outro procedimento metodológico adotado nesta pesquisa foi o de acompanhar dois jovens, cada um em separado, em um dia de sua rotina. Este procedimento - também baseado na observação participante - foi adotado a fim de conhecer mais sobre o dia-a-dia desses jovens: sua vida familiar, afetiva, seus afazeres diários, seus compromissos e atividades de lazer, seus hábitos. Enfim, objetivando conhecer um dia comum da vida desses jovens, aproximando-se de seu cotidiano.

Para tanto, escolhemos, no decorrer das oficinas - e utilizando o critério de afinidade entre a pesquisadora e os informantes - dois jovens (um do sexo masculino e outro do sexo feminino) e os convidamos a participarem desta última etapa. Abordamos cada um em separado, e com o cuidado para que os demais integrantes do grupo não percebessem essa maior aproximação, evitando possíveis conflitos, desacordos ou ciúmes entre eles.

Explicamos-lhes apenas que gostaríamos de estar com eles, acompanhando-os em um dia comum. Ambos os jovens escolhidos pareceram ficar satisfeitos com o convite, recebendo a idéia com alegria, inclusive verbalizando que “adorariam” vivenciar essa experiência.

Nos dias então agendados, encontramos-nos logo pela manhã nas proximidades de suas casas e seguimos com eles em suas atividades cotidianas: escola ou curso técnico, casa e almoço em família, encontro com amigos, ida aos grupos ou organizações a que pertencem. Além de acompanhá-los, interagimos com os jovens e seus familiares, por vezes fazendo perguntas que esclarecessem mais do seu dia-a-dia e do lugar do movimento social em suas vidas. Esse acompanhamento se estendeu até a noite.

³¹ É importante destacar que os nomes dos participantes contidos na síntese da transcrição e nas análises desta pesquisa são fictícios, preservando-se a identidade dos participantes, considerando a ética na pesquisa científica.

4.5 E o que vem depois?

A mescla desses diferentes procedimentos e técnicas metodológicas possibilitou-nos um amplo olhar acerca da produção de sentidos sobre juventude e participação política de jovens. Unindo-se informações produzidas por meio de práticas discursivas verbalizadas e não verbalizadas - mas refletidas por meio de expressões corporais e pictóricas - pudemos compreender discussões, repertórios e jogos de posicionamento entre os jovens participantes.

Ainda que as informações construídas nessa pesquisa tenham sido interpretadas e analisadas pelas mãos e olhares críticos da pesquisadora, nem por isso esse estudo deixa de ser valioso no sentido de promover discussões acerca da juventude pelo viés de jovens. Um espaço de reflexões, trocas, discussões e exposição de idéias lhes foi oferecido, e esse mesmo espaço nos possibilitou entrar em contato com a construção de sentidos sobre a experiência de ser jovem e atuar politicamente junto a movimentos sociais.

Apresentamos, a seguir, um desenho esquemático a fim de ilustrar as trajetórias seguidas nas etapas de aproximação e realização da pesquisa junto ao campo-tema.

Figura 1: Esquema ilustrativo do percurso metodológico (etapa pré-campo)

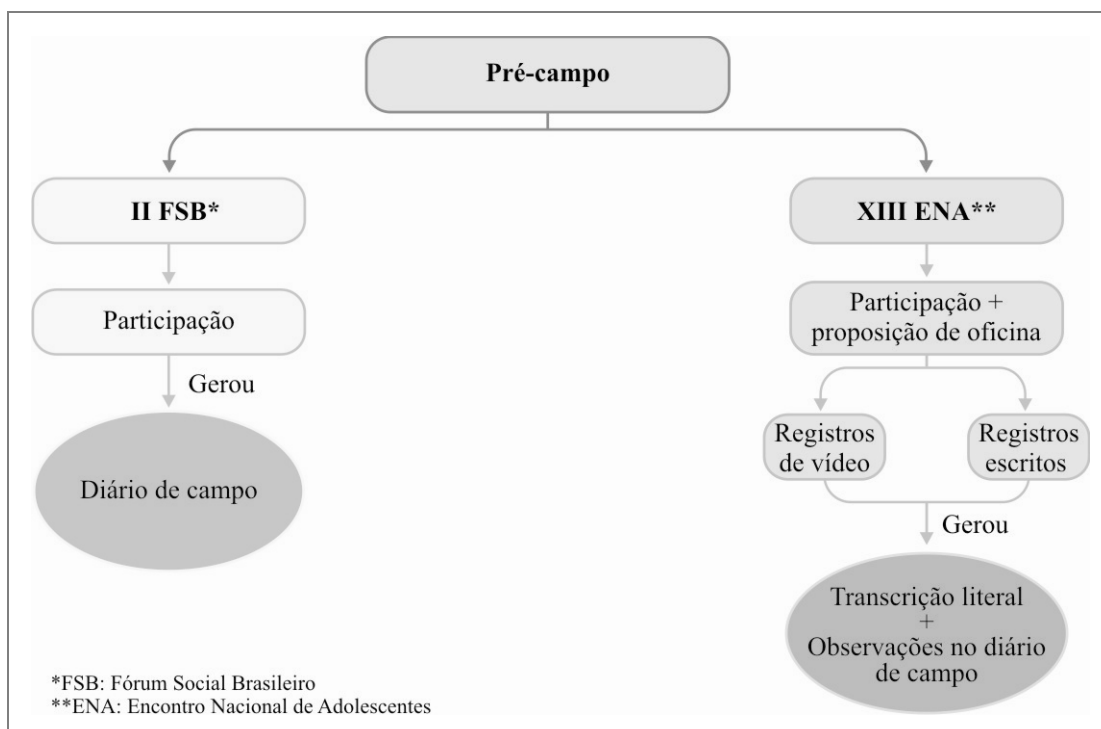
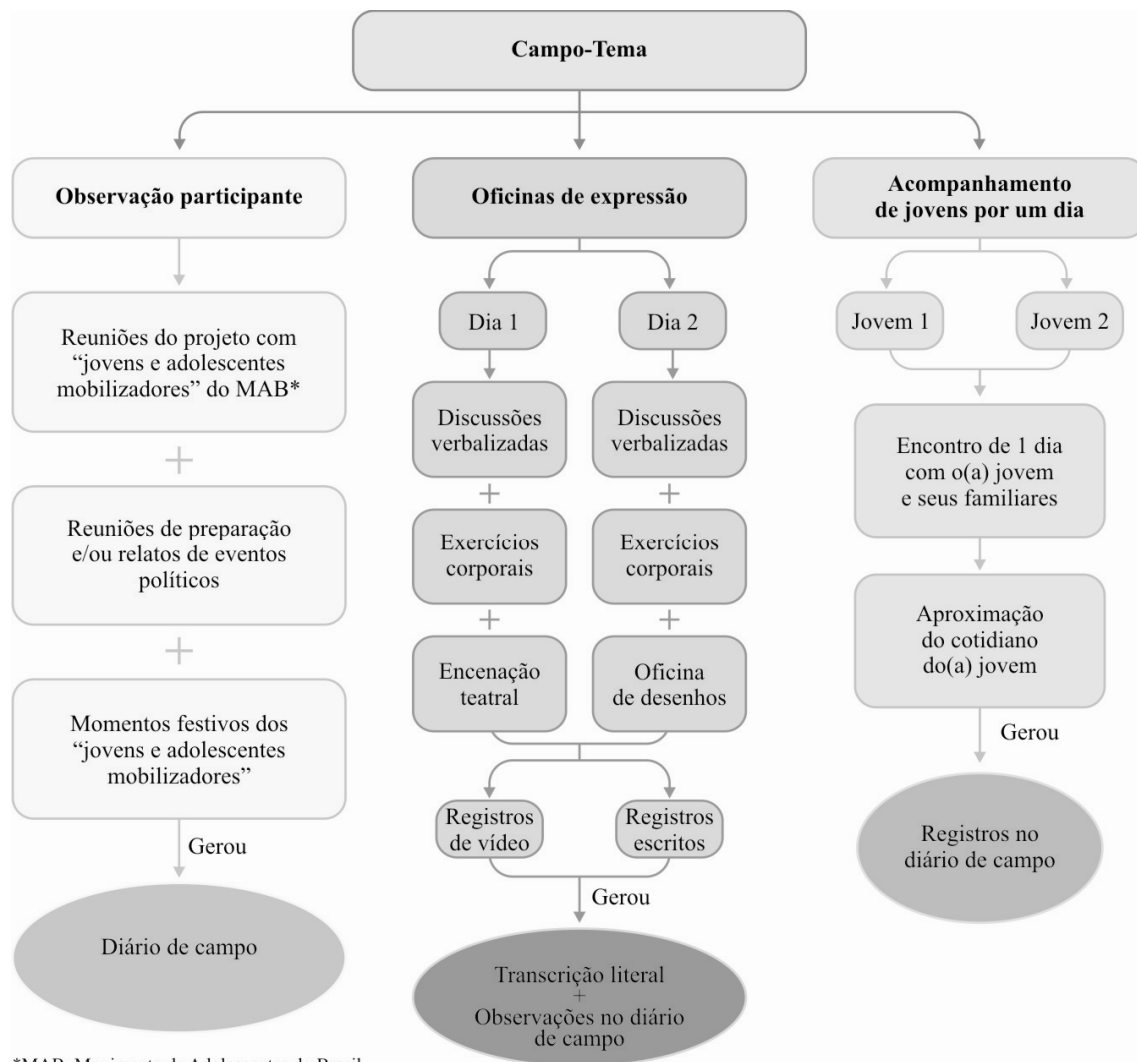


Figura 2: Esquema ilustrativo do percurso metodológico (campo)



*MAB: Movimento de Adolescentes do Brasil

5. PREPARANDO CAMINHOS PARA A ANÁLISE

5.1 O que levar em consideração?

Para iniciarmos o processo de análise dos registros realizados por meio do conjunto de procedimentos metodológicos então apresentados, é importante destacar alguns dos aspectos da abordagem das práticas discursivas numa perspectiva construcionista³², baseando-se, principalmente, em Mary Jane Spink e Benedito Medrado (1998) e Mary Jane Spink (2004). São alguns dos elementos fundamentais a serem levados em consideração no momento de análise e serão aqui apresentados tendo por fundamento a sua organização quanto a aspectos de conteúdo, forma e dinâmica. Todavia, embora sejam aqui elencados de maneira individualizada - a fim de facilitar a compreensão do(a) leitor(a) -, no decorrer das discussões e análises acerca das informações produzidas, estes elementos aparecerão mesclados e/ou associados entre si.

Quando ao conteúdo:

- Repertórios lingüísticos

Indicam as unidades de construção das práticas discursivas: termos, descrições, lugares-comum, figuras de linguagem, enfim, elementos que indicam as possibilidades de construções discursivas. No conceito de repertórios lingüísticos³³, os discursos, inclusive os científicos, são considerados dinâmicos, polissêmicos e analisados à luz do seu contexto sócio-histórico de produção, de acordo com Jonathan Potter e Margaret Wetherell (1987) e Jonathan Potter (1990).

Em nossa situação da pesquisa, os repertórios não foram definidos *a priori*, mas foram surgindo e ganhando destaque no decorrer dos processos do fazer científico, quando temas, categorias e discussões nos chamaram a atenção: seja pela sua repetição, pela repercussão

³² Ver características e discussões apresentadas no Capítulo 3, que contempla os fundamentos teóricos por nós adotados.

³³ O conceito de repertórios, introduzido por Jonathan Potter, foi inicialmente chamado de “repertórios interpretativos”. Apenas recentemente pesquisadores que trabalham na perspectiva do construcionismo social vêm adaptando o termo para “repertórios lingüísticos”, considerando-o mais amplo. É este último termo que adotaremos.

gerada, por aparecerem permeados de tensões e/ou ambigüidades ou ainda pelos consensos que indicavam.

Em nossa análise, ao considerarmos os repertórios produzidos pelos jovens, as tensões e conflitos foram tão valorizados quanto a harmonização das falas. Esse foco baseou-se na perspectiva construcionista adotada, segundo a qual não buscamos entender apenas o consenso em torno de dado argumento, não focamos somente nas regularidades que conduzem a uma idéia de “verdade”, mas buscamos perceber, também, as divergências em torno da construção de um argumento.

Quanto à forma:

• Enunciados

De acordo com Mikhail Bakhtin (1997), os enunciados descrevem o processo de *interanimação dialógica* que ocorre numa conversação, sendo endereçado a uma pessoa, esteja ela presente ou presentificada no diálogo, reafirmando, assim, a linguagem como prática social.

A enunciação é o produto da interação de, pelo menos, duas pessoas: um enunciado se inicia com a fala de uma pessoa e se estende até a resposta do interlocutor com quem interage, e cada palavra é orientada em função do interlocutor. Sobre essa interanimação dialógica, Mikhail Bakhtin (1997) afirma:

Toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade (p. 113).

Neste sentido, as análises produzidas buscam identificar enunciados incluindo não apenas as falas dos entrevistados, mas também as do entrevistador em seu processo de interanimação.

• Nomeações

As nomeações são estratégias utilizadas para identificar conteúdos ou repertórios. Referem-se aos termos ou expressões a partir dos quais as pessoas sintetizam um conjunto de idéias e argumentos. Para compreender os sentidos dessas nomeações é imprescindível uma análise mais ampla do falante em seu contexto, na medida em que as nomeações são situadas.

Em nossa pesquisa, entendemos e consideramos as nomeações também como definições e termos utilizados pelos jovens para referirem a si mesmos e às pessoas com quem se relacionam ou a quem mencionam em suas práticas discursivas.

- *Speech genres* ou gêneros de fala.

São as formas mais ou menos estáveis dos enunciados que buscam coerência com o contexto e o interlocutor. “São as formas relativamente típicas e estáveis de fala que formam o substrato compartilhado que possibilita a comunicação. É uma competência que adquirimos no processo de socialização” (SPINK, 2004, p. 44).

Na análise que realizamos sobre os registros construídos, buscamos identificar os gêneros de fala por meio, principalmente, dos chavões, dos jogos de linguagem que evidenciavam metáforas. Estes substratos produzidos eram, geralmente, recorrentes e compartilhados entre os informantes.

Quanto à dinâmica:

- Jogos de posicionamento

O posicionamento é um fenômeno da ordem da conversação, aqui entendida como uma forma de interação social cujos produtos também são sociais. Ao adotarmos o conceito de posicionamento, buscamos focalizar a atenção nos aspectos dinâmicos dos encontros, contrastando com o realce a aspectos mais estáticos e formais, como entendemos ser o conceito de papéis. Esta escolha está diretamente ligada a nossa opção pelo estudo da produção de sentidos no cotidiano, entendida como processo por meio do qual sentidos do mundo são construídos e reconstruídos, levando em conta as várias interações sociais e práticas discursivas com as quais se implicam.

Posicionar-se implica, portanto, em navegar pelas múltiplas narrativas com que entramos em contato, é uma estratégia fluida. O posicionamento pode ser reflexivo, no qual nos auto-posicionamos, ou interativo: o que uma pessoa diz posiciona o outro (DAVIES; HARRÉ, 1990).

Em nossas análises, os jogos de posicionamento foram construídos à medida que referências de si e dos outros eram produzidas pelos jovens: quando se nomeavam ou nomeavam outras pessoas, nossos participantes estavam, na interação dinâmica com os outros, produzindo sentidos e indicando posicionamentos de si mesmos e de outras pessoas em suas narrativas.

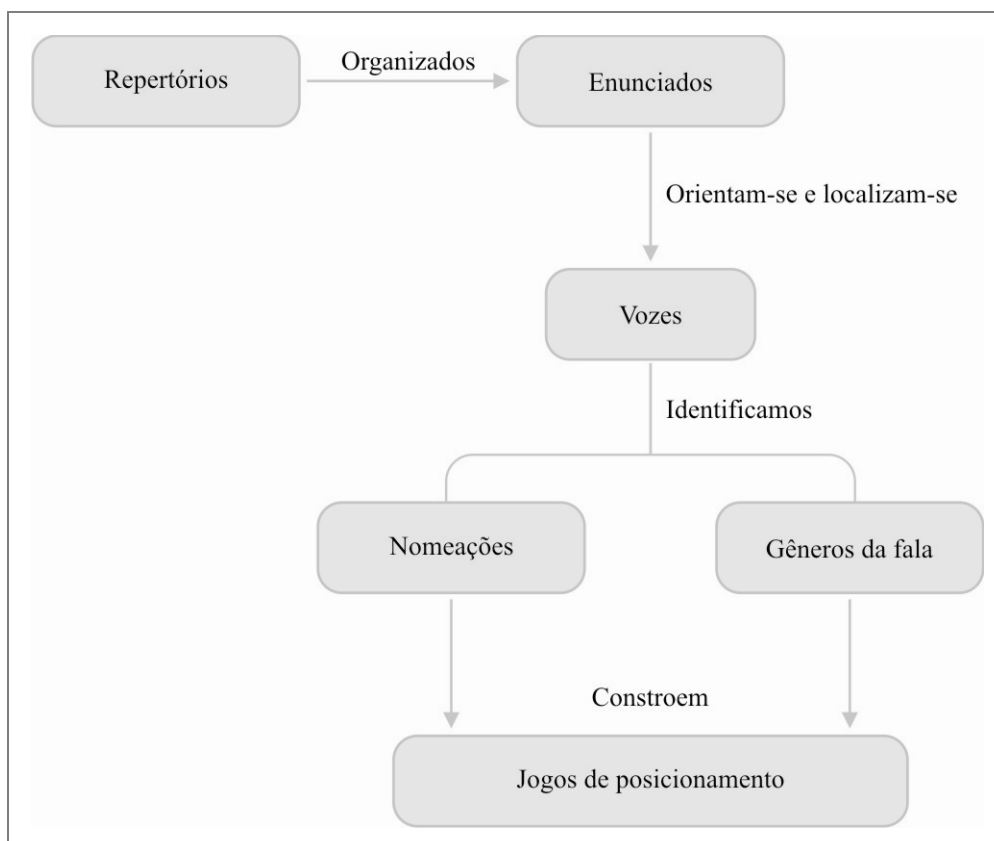
- Interlocutores ou Vozes

O conceito de enunciado está intrinsecamente ligado ao conceito de voz. A enunciação, como processo ativo e relacional, implica em vozes que se comprometem umas com as outras. Segundo James Wertsch (1991), o significado só existe quando duas ou mais vozes entram em contato, o que nos leva a considerar o endereçamento como um fenômeno de fala: quando a voz de quem ouve responde à voz de quem fala.

As vozes que orientam os enunciados ou a quem os enunciados se direcionam dizem respeito, portanto, aos atores sociais ou interlocutores referidos no decorrer das práticas discursivas. Assim é que, em nossa análise, buscaremos identificar nas práticas discursivas dos jovens, aquelas pessoas ou instituições a que fizeram referência no decorrer de suas falas, garantindo a orientação dialógica do enunciado.

Conforme anunciamos anteriormente, esses elementos foram apresentados separadamente como estratégia a facilitar o entendimento do(a) leitor(a). Contudo aparecem, nas análises, freqüentemente associados uns aos outros. O gráfico abaixo ilustra as conexões entre eles:

Figura 3: Esquema ilustrativo dos focos analíticos da pesquisa



Tendo esses focos de análise como referência, desenhamos diferentes estratégias analíticas, conforme descritas a seguir.

5.2 Dos procedimentos de análise

O conjunto de estratégias metodológicas utilizadas produziu amplas informações que subsidiam esta investigação. Resultou nos seguintes conjuntos de registros:

- Diários de campo, com anotações acerca dos contatos estabelecidos com as lideranças juvenis do MAB e os educadores que trabalham diretamente com esse grupo;
- Transcrições integrais das oficinas realizadas com o grupo;
- Registros em vídeo das oficinas, permitindo-nos o acesso à dinâmica dos encontros, bem como às imagens dos movimentos corporais e encenações realizadas pelo grupo;
- Desenhos sobre jovens - produzidos pelos participantes -, com informações escritas relacionadas a caracterizações de jovens;
- Registros dos encontros em que a pesquisadora acompanhou dois dos jovens do grupo durante um dia.

De posse desse material, buscamos seguir algumas etapas que nos ofereceram condições de reorganizar o conjunto de informações disponibilizadas nos textos e nas imagens registradas, viabilizando os elementos fundamentais a serem considerados na análise³⁴.

Etapas pré-analíticas:

- 1) Transcrição literal das falas dos jovens nas oficinas, acompanhada de anotações/registros relacionados às etapas de atividades corporais: aquecimento, expressão, encenação e desenho. Com essa primeira etapa, pudemos dispor do principal conjunto de registros;
- 2) Leituras e releituras do diário de campo, da transcrição e das anotações acerca das oficinas, além dos registros dos encontros de acompanhamento de um dia com dois dos jovens informantes. Observação das imagens filmadas da oficina, especialmente relacionadas às atividades corporais, com atenção também aos desenhos e anotações produzidas pelos participantes. Foi uma etapa longa, considerando-se, sobretudo, o grande volume de

³⁴ Embora essas etapas estejam aqui apresentadas de maneira organizada e sequencial, seu processo incluiu diversas tentativas, com idas e vindas em que escolhas tiveram que ser feitas a fim de buscar uma melhor visualização das informações construídas no decorrer da pesquisa. Esse trabalho constante de remodelagem e redimensionamento já foi destacado por pesquisadoras como Rosineide Cordeiro (2004) e Vera Menegon (1998).

informações construídas e registradas e teve o objetivo de aproximação dos repertórios, conhecendo-os e identificando-os;

3) Em meio a essas releituras, destacamos trechos de falas dos jovens, assim como estivemos atentos às expressões corporais e encenações produzidas. Foram destacadas falas e expressões - verbalizadas ou não - que chamavam a atenção pela polêmica que mobilizavam, pela recorrência e consensos, mas principalmente aquelas que indicavam tensões, contradições, considerando nosso propósito de trabalhar, também, com a polissemia de informações e posicionamentos em construção pelos jovens. Buscávamos, desse modo, localizar repertórios e/ou possíveis categorias de análise, bem como entender os jogos de enunciados e posicionamentos construídos na dinâmica dialógica;

4) Listagem de possíveis categorias temáticas de análise, com base nos trechos então destacados e grifados, e nas imagens e desenhos produzidos nas oficinas;

5) Elaboração de um quadro com categorias temáticas mais amplas, aglutinando sub-categorias - com base na listagem elaborada anteriormente - considerando que muitos dos temas destacados se repetiam, cabendo, então, sua união em uma mesma categoria³⁵. Mantínhamos nosso propósito de conhecer os principais repertórios construídos pelos jovens na relação com a pesquisadora;

6) Definição dos principais repertórios lingüísticos em que centramos nossa análise, levando em consideração os efeitos produzidos no grupo pelos jogos de enunciados: concordâncias sobre dado tema ou sobre opiniões expressas (consensos), discordâncias, provocações e tensões (dissensos) ou a repetição de dado repertório ao longo dos encontros, ainda que fosse discutido por apenas uma pessoa.

7) Releitura da transcrição destacando, com cores diferentes, cada conjunto de enunciados relacionados aos repertórios lingüísticos então construídos. Todos os trechos relacionados a dado repertório eram, assim, destacados com uma só cor. Essa etapa, embora bastante trabalhosa, mostrou-se eficiente e importante no momento da análise, pois facilitou a visualização, no texto transcrito, de discussões referentes a conjuntos específicos de repertórios.

8) Identificação nos enunciados de termos utilizados para nomear/definir a si e a outras pessoas, os interlocutores (pessoas e instituições localizadas nas práticas discursivas e corporais dos jovens) e os jogos de posicionamento que iam sendo construídos. Centrávamos

³⁵ Este quadro pode ser visualizado no Apêndice 04.

nossa atenção também em metáforas, chavões e lugares-comum utilizados como regularidades lingüísticas, a que chamamos gêneros de fala.

9) Elaboração de uma síntese da transcrição completa. Construimos uma versão resumida da transcrição, de forma a compilar os registros realizados e a visualizar as trocas discursivas e o conjunto das temáticas em discussão, assim como uma síntese das expressões corporais percebidas. Buscávamos, desse modo, identificar os pontos de tensão e de consenso na discussão sobre a juventude e participação política juvenil, alvos de interesse dessa pesquisa.

Realizadas essas etapas iniciais, que agrupavam e reorganizavam nossos registros, estava “preparado o terreno” que nos conduziu a um mergulho nos termos, expressões e definições de participação política juvenil, a partir de práticas discursivas e expressões corporais de jovens participantes de movimentos sociais.

Contávamos, agora, com uma série de informações que foram construídas na relação pesquisadora/participantes, à espera de tratamento, interpretações e análises possíveis levando em conta as práticas discursivas, considerando seu contexto de produção e a revisão bibliográfica realizada acerca do tema da juventude.

6. ANÁLISE

6.1 Dialogando com os jovens

Duas oficinas, várias técnicas. Encontros que antecedem as oficinas, encontros que sucedem as oficinas. Acompanhamento de um dia do cotidiano. Diálogos e discussões, concordâncias e discordâncias, posições firmes e reconsiderações. Ausências e presenças, deslumbres e queixas, amor e ódio. Desabafos, encontros dinâmicos e a expectativa do que vem depois. Ao nosso ver, estes elementos, aparentemente díspares, suscitam diversas reflexões.

Esse conjunto de eventos, sensações e declarações são uma versão da pesquisadora sobre alguns encontros com jovens convidados a participarem dessa pesquisa. As imagens registradas em vídeo e as falas transcritas na íntegra dão suporte a essas considerações, embora não se pretenda, aqui, realizar uma compilação de informações que busquem representar a visão de jovens sobre participação política e inserção em movimentos sociais. Entendemos como suficiente o presente estudo se ele servir, por meio de seus multimétodos, a contribuir para uma ampliação no olhar contemporâneo sobre participação política juvenil, considerando versões possíveis de serem construídas nesse contexto.

6.2 Das nomeações de jovens: aproximações aos jogos de posicionamento

Como o objetivo dessa pesquisa é compreender a construção de sentidos sobre participação política juvenil a partir de práticas discursivas de jovens³⁶, buscamos, nessa etapa de análise, estratégias que nos levassem a compreender como sentidos sobre juventude vêm sendo construídos. Um caminho que percorremos foi buscar identificar, na fala dos jovens, como eles se auto-referiam para, assim, tentar compreender o que é ser jovem para estes jovens³⁷.

³⁶ No nosso caso, conforme já afirmado, os jovens interlocutores eram, necessariamente, jovens participantes de movimentos sociais.

³⁷ Daqui por diante, ilustraremos nossa pesquisa com trechos de falas de nossos participantes, adotando nomes fictícios para referir-nos a eles, preservando assim sua identidade, conforme já anunciamos anteriormente.

Eis que percebemos, contudo, que os termos utilizados pelos participantes eram diferenciados segundo os interlocutores. Havia nomeações específicas para eles, jovens participantes de movimentos sociais: 1) quando se referiam a si mesmos; 2) quando identificavam os discursos dos adultos a respeito deles; 3) quando localizavam as falas de outros jovens que não-participam de movimentos sociais a respeito deles. Mencionavam, ainda, outras nomeações de jovens, quando eles próprios se referiam a jovens que não-participam de movimentos sociais.

Em suas práticas discursivas, os jovens informantes constroem termos sobre si e sobre outros jovens; também referem possíveis denominações de jovens e adultos sobre eles. Contudo, chama-nos a atenção que há restritas produções discursivas acerca dos adultos: os jovens pouco falam de suas percepções acerca dos adultos e não se utilizam de termos para denominá-los. Buscamos, no desenho esquemático abaixo, ilustrar essas relações.

Figura 4: Esquema ilustrativo das relações entre jovens e adultos a partir de construções discursivas dos participantes da pesquisa.



Estas diferentes nomeações pareciam-nos, simultaneamente, englobar jogos de posicionamento: auto-posicionamentos e posicionamentos dos outros (DAVIES; HARRÉ, 1990). Essas diferenças localizavam-se num jogo de “quem-fala-de-quem” e, nesse sentido, vinham também carregadas de sentidos pejorativos e/ou aspectos valorativos. Identificamos, no quadro a seguir, uma síntese dos termos utilizados pelos nossos informantes:

Quadro 2: Termos utilizados pelos participantes para se referirem aos jovens.

Dos jovens informantes entre si	Dos jovens ativistas pelo olhar dos adultos e da mídia³⁸	Dos jovens ativistas pelo olhar de outros jovens não engajados	Dos jovens ativistas por eles mesmos	Dos outros jovens (os não-ativistas) pelo olhar dos que participam de mov. sociais
“A gente” “Galera” Jovens e adolescentes mobilizadores Companheiros	Maloqueiro Malandro Baderneiro Vagabundo Revoltado Rebelde Subversivo <i>Aborrescente</i> Louco Irresponsável Relaxado Incapaz	Chato Esquisito Louco Revoltado	Protagonista Disseminador Multiplicador Suicida Louco Viciado Dependente Melancólico Sentimentalista	Alienados Descansados Felizes

Dessas nomeações, podemos perceber valores intrínsecos aos jogos de posicionamento de nossos interlocutores: falar de si mesmo como jovem participante de movimentos sociais é privilegiar aspectos positivos, é expressar orgulho do lugar ocupado, embora algumas considerações e reflexões do “peso” de ocupar este lugar também apareçam. Por outro lado, apontar o olhar dos outros para si mesmos é apresentar termos pejorativos. Isso sem falar no posicionamento diferenciado que fazem quanto a ser um jovem que não se vincula a movimentos sociais.

Como veremos em seus repertórios, a tensão estabelecida na relação entre “eu e os outros” aparece sob diferentes aspectos, conforme problematizado em todo o estudo. Porém, o que nos cabe aqui é apontar para caminhos de discussão, levando em conta, nesse instante, jogos de posicionamentos identificados nas práticas discursivas.

6.2.1 Os jovens por eles mesmos

Ao falarem de si, os jovens fazem referência a seu lugar como agentes de mudança social, como aqueles que se unem a fim de “criticar o sistema” tal como está e propor novos modelos. Para tanto, propõem-se a levar debates e discussões à sociedade civil e a outros

³⁸ Cabe aqui lembrar que se trata de uma pesquisa feita exclusivamente com jovens participantes de movimentos sociais, então mesmo a versão aqui apresentada como sendo “o olhar dos outros sobre jovens”, trata-se de uma versão ou expectativa que esses jovens têm sobre o olhar que o adulto ou o jovem não-ativista lançam sobre eles.

jovens não-engajados para “fortalecerem o movimento”, nomeando-se, por esta razão, como protagonistas, disseminadores, multiplicadores.

Nas oficinas realizadas, houve um momento da discussão em que os jovens destacaram o lugar da mídia contribuindo para uma imagem negativa da juventude. A pesquisadora, então, perguntou aos jovens: *que tipo de atitude vocês poderiam ter para contribuir com uma imagem positiva de juventude?* Eis algumas das suas respostas, que ilustram a idéia do jovem atuante em movimentos sociais como protagonista ou multiplicador:

E pensando o que nós jovens podemos fazer, é justamente isso do movimento que tamos fazendo, que é passar informação pra outros jovens, tentar sensibilizar justamente para poder atrair eles pra essas atividades, pra eles também poderem despertar esse senso crítico. Porque quanto mais as pessoas tiverem esse senso crítico, mais pessoas vão ta questionando, embora eles continuem passando essa imagem negativa, mas aquilo ele vai trazer é de tal forma, que mesmo que ele não mude o mundo, possa haver uma mudança significativa. Pelo menos na forma como as pessoas vêem nós mesmos (Cátia).

Eu acho que já ta sendo feito, tipo a gente estar nessas instituições, nesses espaços, a gente já vai ta atuando. É quando a gente leva as discussão pra escola, pros outro jovem, que a gente ajuda eles a pensar no futuro deles (Maria).

Outras nomeações construídas pelos jovens ao se referirem a si mesmos - como “suicidas” e “loucos” - são apresentadas com duplo sentido. Embora sejam termos que nos tragam a idéia de sentidos negativos de juventude, eles ora são apresentados dessa forma, ora são indicados como aspectos valorativos de ser jovem. Dizem-se “loucos” ou “suicidas” por se envolverem em situações que demandam grandes investimentos: de tempo, de afeto, quando abrem mão de estar com suas famílias ou namorados(as), quando passam dias e noites, semanas e finais de semana em seminários, capacitações e atos públicos, quando investem em um trabalho que não lhes garante retorno financeiro. Contudo, são essas loucuras e esses atos (quase)suicidas que os tornariam diferentes das demais pessoas que “aceitam o mundo como está” ou ficam a esperar que outros venham e busquem por mudanças.

Mais uma vez podemos observar dissensos: entre a loucura como algo negativo porque são grandes os investimentos, porque se abre mão de outros desejos e em troca sequer há uma remuneração financeira; mas ao mesmo tempo há a loucura que é valorizada, porque

imbuída de intenso investimento afetivo, do orgulho de serem pessoas que fazem a diferença, lutando por uma vida melhor³⁹.

O rótulo do louco e sua interdição de perambular pela sociedade como estratégia política de calar uma massa ávida de liberdade e de denúncias a serem realizadas, como defendido por Michel Foucault (2002), traz-nos também reflexões em torno dessas afirmações de loucura do jovem ativista. Em seu aspecto valorativo o ser louco aparece, no discurso dos jovens, como ser alguém com pensamentos à frente de muitos de seus pares, com um olhar crítico que soaria estranho a uma população alienada.

Embora destaquem esse aspecto valorativo do “louco”, contudo, soa-nos inquietante que estes jovens assim se definam em contraposição a “jovens alienados”. Mas não é também o louco tido como figura alienada? O louco, como o alienado, não é uma pessoa inadaptável ao convívio social? Há momentos dos diálogos construídos na interação com os jovens em que o termo loucura aproxima-se mais de um ato insano de heroísmo do que “um pensamento à frente do seu tempo”. Observemos o trecho abaixo:

Porque louco, ou melhor a palavra louca, ela vem derivada de várias histórias, sabe? Porque eu acho que muitos que os rotulam, ou rotulam os jovens que tão inseridos no movimento, são muitos que têm essa vontade de participar do movimento. O que se passa na cabeça, eu acredito que é: “como é possível – eu ficaria me perguntando isso – como é possível um jovem tá ali com seus 17, 18 anos, tá querendo, tá fazendo questão de tá inserido numa luta, tá inserido numa história de complicações e absurdos?”, que aí você começa a enxergar os absurdos que acontecem, né? Então isso vai ser loucura mesmo, né? Vai ser você lutar contra o sistema, que é um sistema que se diz perfeito. Então aí você vem e vai querer mudar isso, que já tá tido como um padrão, como uma coisa certa, realmente isso é uma loucura, sabe? É realmente uma loucura. Se eu fosse um jovem que não tivesse inserido na história, eu diria que essa pessoa é louca (Felipe).

No caso dos termos “viciado” e “dependente”, os sentidos construídos pelos jovens são mais polarizados a uma concepção negativa: o vício é algo que os deixa de mãos atadas, é quando eles pensam em desistir, mas já não conseguem deixar de participar das atividades dos movimentos sociais. Apesar de mencionarem e discutirem esse vício, os jovens insistem na

³⁹ Assim como a relação “Nós X Outros”, a tensão entre os benefícios e as dificuldades em atuar no movimento social estão presentes em todo o estudo e serão focadas mais à frente.

defesa de idéias positivadas com relação ao engajamento, à sua participação ativa, por meio da qual eles se tornam jovens privilegiados, estabelecem relações afetivas intensas e prazerosas, dadas as afinidades encontradas. Mas esses aspectos positivos não se associam, em seus diálogos, à idéia de vício.

Observemos o trecho de um diálogo que se desenvolveu na segunda oficina, quando a dupla Felipe e Maria apresentava o desenho do corpo de um jovem e as palavras que havia escrito dentro deste corpo. Nesse instante, os jovens apresentavam a palavra “viciado”, esta tida como definição de jovens atribuída por eles mesmos e pelos outros sobre eles:

Pesquisadora: Quando vocês tão colocando que os outros tão falando que vocês são viciados, cês tão falando de viciados propriamente dito, tipo viciado em drogas, essas coisas?

Felipe: É tanto viciado para o movimento, como é viciado para os entorpecentes. Porque você começa a ficar, você começa a ter um vínculo muito forte com o movimento e com as questões do movimento...

Maria: Aí eles fica tudo falando da gente: “ôxe, menina tu já tá é viciada, pára com isso, esquece um pouco dessas coisa de instituição”. Porque meus irmão dizem muito isso: “Esquece aquilo, menina! Aí pronto!”

Felipe: De uma certa forma eu acho que, realmente, eu acho que se torna um pouco de vício, sabe? A gente começa a ficar dependente. Hoje eu me sinto um dependente do movimento, de verdade. Eu quero me afastar de alguma forma, mas eu não consigo, eu me sinto dependente.

Pesquisadora. E você quer se afastar?

Felipe: [faz várias afirmações com a cabeça] Sim, e eu me sinto dependente da história, porque estar ali dentro tem o bem-estar, o afetivo, o poético, tudo isso eu encontro dentro do movimento, sabe? Dificilmente eu encontro isso fora, sabe? É raro, muito raro.

Maria: A gente já conseguiu aquela estrutura toda, aí pra sair fica meio que difícil. A gente quer, mas não consegue.

Felipe: É isso mesmo. Eu me sinto dependente, completamente.

Os termos “melancólicos” e “sentimentalistas”, utilizados como auto-definições de jovens que atuam em movimentos sociais, aparecem quando falam do grande investimento afetivo nas atividades do movimento e nas relações que ali se desenvolvem. Quando os jovens falam de sua atuação como pessoas politizadas, que lutam por mudanças e pelo bem-estar de

todos, expressam também seus sentimentos e dificuldades em lidar com situações de realidade tão pesadas. Expressam orgulho em terem optado por fazer parte de uma minoria da população que encara problemas político-sociais tentando modificá-los, mas admitem que essa participação por vezes os faz sentirem-se demasiadamente emotivos e desgastados, tamanho o investimento realizado e as conseqüências, por vezes, frustrantes ou desanimadoras.

6.2.2 Os jovens pelos outros

À medida que fomos discutindo as formas de se auto-referenciarem, destacamos algumas das definições que também são apontadas como a imagem do jovem na visão dos adultos ou dos meios de comunicação de massa, a exemplo das palavras “louco” e “viciado”, que se repetiriam em ambos os discursos. Contudo, outros termos apareceriam na perspectiva de terceiros, e todas elas carregariam em si sentidos pejorativos: malandro, baderneiro, vagabundo, revoltado, rebelde, subversivo, *aborrescente*, irresponsável, relaxado, incapaz.

De forma semelhante, também de seus pares - outros jovens com quem se relacionam -, os informantes desse estudo indicam a existência de termos tendenciosamente pejorativos utilizados como referência a si mesmos. São relatados termos como chato, esquisito e louco para a caracterização do jovem ativista. Vejamos alguns trechos de fala que indicam como os jovens posicionam os outros com relação a si mesmos:

A maioria dos jovens que participa de movimento estudantil é muito criticado dentro das escolas, só pensa que o jovem é vandalismo, que o jovem não faz discussão, é sempre nesse termo que tá aí o grêmio estudantil. Até mesmo aí nesse negócio, quando tavam reivindicando aí do Passe Fácil e tal, da passagem diminuir, a sociedade, ela fica achando que os estudante é tudo bagunceiro, maloqueiro, fica mal falado e aí ele ficou com isso e acabou-se. E fica assim pra a sociedade julgar: esse aí é maloqueiro, esse aí é malandro, êpa, ninguém encosta nele não. E acabou-se, fica isso aí mesmo” (Erasmão).

Porque vê só: enquanto você tá presente na escola, eu por exemplo... quando você tem idéias diferentes, ou você acaba sendo aquela pessoa que quer aparecer ou você é a esquisita. Ou a chata ou a esquisita. Porque de repente você reclama porque não tem aula! Então você deve ter algum problema (Cátia).

Dessas definições apresentadas, observamos que nossos jovens informantes assinalam, em suas falas, incongruências no que concerne à visão de juventude. Ao destacarem aspectos de desvalorização ao jovem pelo olhar dos outros, em contraposição às qualidades, valores e o orgulho que manifestam ao se auto-definirem, poderíamos, assim, pensar numa dissonância que indicaria uma relação: “Nós: os que fazemos parte de movimentos sócio-políticos” e “Os Outros: aqueles que nada fazem e ainda nos julgam”. Essa tensão também se evidencia quando nomeiam outros jovens.

6.2.3 Os outros jovens segundo os participantes de movimentos sociais

Embora ironias e críticas pareçam permear as relações entre jovens engajados e não-engajados em movimentos sociais, considerando as falas dos nossos informantes em suas reuniões do MAB, nas apresentações teatrais/corporais que realizaram nas oficinas, nas elaborações dos desenhos e nas discussões levantadas em toda a pesquisa, há alguns aspectos que vão além das críticas e desentendimentos.

Jovens que não-participam de movimentos sociais são apresentados por aqueles que participam como sendo não-politizados, alienados, descansados, submissos, ou seja, além de um olhar que desqualifica, há um posicionamento desses como opositores àqueles (considerando a auto-definição feita anteriormente).

Esse aspecto nos chama a atenção porque até então os opositores dos jovens pareciam incluir uma perspectiva inter-geracional. Os jovens teriam uma relação de certa maneira antagônica com os adultos, por esses não compreenderem seus desejos e necessidades. Nesse sentido, a marca dessa parcela da população seria a transgressão, principalmente porque jovens se rebelariam diante de solicitações dos adultos que lhes pareciam incongruentes e insuficientes, pautadas numa ausência de clareza sobre os critérios para adentrar na “adulterez” (CALLIGARIS, 2000). Assim é que, nesse sentido, os adultos seriam apontados como possíveis opositores dos jovens, fortemente marcados por uma sociedade *adultocêntrica* (MEDRADO-DANTAS, 2002).

Contudo, em nosso estudo, encontramos jovens que fazem referências a outros jovens com a mesma faixa etária, que compartilham de desejos e dificuldades comuns, que são vizinhos, colegas de escola, com quem se relacionam de alguma forma, mas que são agora também indicados como seus opositores.

Apesar dessa relação de oposição, apesar dos sentidos pejorativos de juventude que lhes aplicam, os jovens engajados denotam invejar aqueles jovens não-vinculados em

movimentos sociais. Expressam em suas falas que aqueles lhes parecem mais felizes por não carregarem “o peso” do compromisso e da responsabilidade de ter que provocar reflexões e mudanças sociais, que seriam mais livres e felizes por não terem que estar a todo tempo com um olhar crítico ao sistema, ao Estado, aos políticos, à sociedade civil; que possuiriam mais leveza no olhar e na forma como encaram a vida por não terem que investir parte enorme de seu tempo em se capacitar, protestar, participar de seminários e atos públicos, enfim, não precisarem “encarar a vida com tanta seriedade, quando ainda são tão novos⁴⁰”.

É nesse contexto que se identificam como “loucos e suicidas”, sendo menos felizes que os jovens não-engajados. Se observarmos a fala - já exposta acima - quando discutíamos o termo “louco” usado pelos jovens, perceberemos como um dos jovens afirma que ele próprio se questiona ao ver alguém tão jovem envolvido em teias sociais e políticas tão sérias, lutando contra um “sistema dito perfeito”.

Vejamos o posicionamento de um dos jovens, quando o contexto de produção de fala dizia respeito às expectativas de mudança de mundo que o jovem mobilizador traz consigo:

Porque essas expectativas fazem com que eles e elas [os jovens participantes de movimentos sociais] quebrem completamente, ou abram mão completamente de sua alegria constante de ser cego, que são os que não estão dentro do movimento, sabe? Porque essas expectativas, por exemplo, vou dar um exemplo prático: meu irmão. Meu irmão não se complica com nada, não se preocupa com nada, trabalha, vai pra casa, dorme, namora, sai, bebe. Um cara tranquilo, não faz mal a ninguém, ele anda na rua e não se preocupa com nada. Então, assim, ele não tem a expectativa que a gente tem quando é do movimento e começa a sacar isso. Então você se torna um suicida, sabe, na verdade, porque você tá entrando numa história que hora me faz bem e hora me faz mal. Porque há 3 anos já que eu tô no movimento e tem momento que... pô, eu queria ser que nem meu irmão, sabe? Caminhar tranquilo, fazer minhas histórias e sem me preocupar... mas na hora eu digo não, as coisas não podem ficar assim, essa violência, essa desigualdade tem que acabar e tal (Felipe).

Tomando essa diversidade de posições, conjuntos e enunciados em jogos dinâmicos, conseguimos ampliar nosso olhar sobre ser jovem: os jogos de posicionamentos, as relações interpessoais, as crenças, o lugar de onde se fala e para quem se fala, as tensões implícitas e

⁴⁰ Trecho da fala de Erasmo.

explícitas, tudo isso interfere na construção de sentidos sobre participação política juvenil na contemporaneidade. As pessoas, as instituições com que nos relacionamos em nosso cotidiano também exercem influência nesse processo.

6.3 Interlocutores ou vozes

Voltando às transcrições das falas produzidas nas oficinas, buscamos registrar cada um dos interlocutores ou vozes evocados pelos jovens participantes. Quem eram os personagens que traziam à tona quando debatiam sobre a temática da juventude e da participação política juvenil? Eram pessoas? Eram instituições? Quais os repertórios lingüísticos utilizados diante dessas figuras em que se referenciavam? Muitos destes interlocutores foram mencionados mais de uma vez, no decorrer dos encontros; alguns deles puderam ser aglutinados por nos parecerem relacionados a dada categoria.

Vejamos, no quadro abaixo, os interlocutores identificados nas práticas discursivas dos jovens e sua organização em categorias. É interessante ressaltar que os personagens, órgãos e instituições registrados e organizados nos cinco blocos a seguir são também aqueles que mais apareceram nas falas dos participantes desse estudo:

Quadro 3: Vozes identificados no diálogo com participantes da pesquisa.

Família	Mídia	Políticos e governantes	Sistema educacional	Sociedade civil organizada
Sobrinha Irmão Pai Mãe	Rede Globo Malhação Jornal Nacional Revista Época Revista Veja	Ministério da Saúde Secretaria de Juventude de Pernambuco Secretaria de Educação Collor Tereza Leitão Paulo Maluf Clodovil Financiadores de projetos	Escola pública Escola privada Professor Aluno Programa Escola Aberta Universidade Universitários Acadêmicos	Movimentos sociais Rede MAB ONG Grêmio estudantil Organizações parceiras ENA Educadores sociais Jovens participantes de mov. sociais Jovens não-participantes de mov. sociais

Localizados tais interlocutores e tendo-os agrupado em categorias, podemos visualizar quais vozes foram destacadas pelos jovens. É interessante notar que três das categorias produzidas englobam atores sociais que os jovens qualificam como pessoas ou instituições que exercem poder, daí inclusive utilizarem o termo “detentores do poder” para se referirem a

eles. No entanto, optamos por não envolver os três nessa única categoria por visualizarmos particularidades entre eles que não apareceriam se assim os agrupássemos. As tensões nessas relações, bem como as situações em que esses interlocutores foram identificados nas falas dos jovens, aparecem ao longo de nosso estudo.

Sobre este aspecto das vozes ou interlocutores, lembramos da discussão proposta por Chantal Mouffe (2001, 2003), ao fazer referência ao “exterior constitutivo”, revelando a impossibilidade de desenhar uma distinção absoluta entre interior e exterior. Assim como o “exterior constitutivo”, os interlocutores que identificamos nos enunciados numa relação dialógica fazem-nos lembrar dos demais atores sociais em quem nos referenciamos na construção de sentidos no cotidiano.

6.4 Repertórios

Passemos, assim, a situar e analisar os repertórios lingüísticos que destacamos como sendo os pontos de discussão mais significativos - dadas as discussões provocadas por eles - originados pelo presente estudo. As análises levam em consideração o processo de *interanimação dialógica*, contextualizando a enunciação dos jovens.

Há ainda que se ressaltar, contudo, que cada um dos temas a seguir apresentados não aparece de maneira isolada nas falas dos jovens, mas conectados entre si. A tentativa, aqui, de separá-los em tópicos diferentes, como repertórios distintos, é facilitar a compreensão do(a) leitor(a). Mas cada tópico destacado se manterá em discussão ao longo desse estudo, já que faz parte das práticas discursivas dos jovens, expresso verbal ou corporalmente, e é fundamental para a compreensão do processo de construção de sentidos sobre participação política juvenil.

Considerando nossa opção por trabalhar com multimétodos, os argumentos e enunciados que compõem os repertórios lingüísticos a seguir são baseados nas diferentes estratégias metodológicas adotadas, que aparecerão associadas tendo por fim oferecer uma visão mais ampla do repertório em construção. Acumularemos, desse modo, registros provenientes das observações participantes, das oficinas e dos encontros de um dia com o (a) jovem.

6.4.1 Poder e sujeitos (a)politizados

Há dois interlocutores que se destacam nas práticas discursivas dos jovens quando discutimos acerca da juventude: mídia e Estado. Como são diversas as vozes utilizadas - algumas delas apresentadas como sinônimas, outras entendidas por nós como fazendo parte de uma mesma categoria de discussão - optamos por unir partes dessas vozes em pequenos grupos ou categorias, levando em conta os termos construídos pelos jovens em seu contexto de produção, assim ficando:

Mídia: Rede Globo (Malhação, Jornal Nacional), MTV, Revista Época, Revista Veja.

Políticos e Governantes: Ministério da Saúde, Secretaria de Juventude de Pernambuco, Secretaria de Educação, Lula, Collor, Tereza Leitão, Paulo Maluf, Clodovil, financiadores de projetos sociais.

Sistema educacional: escola pública, escola privada, professor, aluno, programa Escola Aberta, universidade, universitários/acadêmicos.

A cada momento em que os referidos termos eram explanados, apareciam conectados com exemplos ou debates que diziam respeito a situações de poder destes sobre os jovens. A mídia, por exemplo, foi apontada como veículo de informação que apresenta matérias enviesadas pelo intento de manter os próprios interesses e interesses do governo.

Por meio de reportagens veiculadas pela mídia, especialmente pela televisão, os jovens se viam representados como vândalos, como alguém com a sexualidade à flor da pele, vivenciando um período de experimentações, de “curtições”, completamente alheio a participações e preocupações em questões de política, de cidadania. Segundo eles, são essas as imagens veiculadas porque é do interesse dos “detentores do poder” apresentar os jovens como “incapazes”⁴¹, pois o jovem distante de uma referência de si mesmo como sujeito político fica indiferente ao *status quo*.

Esse aspecto da massificação e da absorção pela cultura midiática, com o conseqüente enfraquecimento do jovem como alguém com atitudes singulares e ativas, como incapaz de lutar por transformações sociais, lembra-nos a cultura *capitalística* de que tratava Felix Guattari (1986), quando apresentava o agenciamento de subjetividades como característica do cenário da sociedade contemporânea. Também Suely Rolnik (1997) tem promovido discussões sobre subjetividades produzidas e formatadas com intenções de calar desejos e atitudes singulares.

⁴¹ O termo “incapaz” é constantemente expresso na fala de uma das jovens: ela sempre posiciona o Estado, a mídia e o ensino público como reforçadores de imagens e ideologias que fazem com que os jovens acreditem ser incapazes de reconhecimento como sujeitos políticos, incapazes de propiciarem mudanças sócio-políticas.

Embora a mídia apareça como um dos principais “vilões”, no sentido de indicar um forte instrumento que oferece e reforça uma imagem negativa de juventude, exercendo influência sobre o lugar do jovem na sociedade, ela não aparece atuando sozinha. Nossos participantes enfatizam a correlação das atitudes dos meios de comunicação de massa com figuras de poder (identificadas, principalmente, com o Estado e os políticos), que também teriam interesses em manter uma imagem negativa de juventude; até mesmo professores e o sistema educacional público passam a ser vistos e apresentados como meios de manipulação. Essa idéia da expressão do jovem na mídia como problema social é trabalhada por Helena Abramo (1994).

Na oficina, em dado momento que os jovens discutiam o papel da escola pública, apresentando-a como instituição que promove uma formação de má qualidade, desenvolveu-se uma discussão afim às reflexões que ora levantamos:

Os próprios professores que eram pra estar incentivando a gente acabam se tornando um meio de manipulação dos próprios alunos. Dele dizer que você não é capaz, que você não vai chegar lá, mesmo que você consiga passar pela faculdade você não vai chegar a lugar nenhum, que no máximo você vai ser secretário de alguém muito importante, ainda tem esse instrumento de dominação. Mas eu acho que a gente não pode cair no erro de falar, por exemplo, que essas idéias foram implantadas pela própria mídia. Ta! Foram implantados pela mídia sim, mas tem que pensar quem são os principais interessados nisso, quem são as pessoas que dominam esses meios de comunicação, pois são as mesmas que querem se manter no poder e pra se manterem no poder elas têm que fazer com que essas mesmas pessoas que estão lá embaixo, continuem lá embaixo, porque aí as coisas vão se manter, ou quer dizer, elas vão até aumentar o seu poder [...] E o Estado acaba sendo coerente com essas pessoas que querem que a sociedade se mantenha assim, nessa hierarquia de classes, então ele acaba também sendo um veículo de manipulação dessas pessoas (Cátia).

Identificamos, do exposto, um jogo de posicionamentos que indica também um jogo de interesses: os jovens posicionam Estado e mídia como instrumentos de manipulação, justificando, assim, as imagens tendenciosamente negativas de jovens por eles divulgadas; aqueles, por sua vez, posicionariam os jovens como sujeitos apolitizados, como uma população voltada apenas aos próprios interesse, justificando assim o pouco espaço de participação juvenil como beneficiários ou propositores de políticas públicas. Esses conflitos

se evidenciam em diferentes trechos das discussões levantadas. Observemos, para finalizar, uma ilustração dessa tensão:

Quando você mostra o jovem você não procura mostrar os vários campos de atuação que o jovem tem, você procura mostrar, por exemplo, aquela baladinha que os adolescentes de 15, 17 anos ou até jovens mesmo de não sei quantos anos que tão lá bebendo, beijando as pessoas. Isso também é uma forma de você mostrar o meio de vida do jovem como se ele não tivesse interessado [...] Mas é claro que pra o governo não vai ser interessante que a gente questione, então em contrapartida eles reforçam essa imagem negativa do adolescente e do jovem para que ele possa perder essa força política e não questionar. Acaba sendo uma estratégia não fornecer informação, não fornecer bons lugares, tipo acesso a tudo, a teatro, a cinema, a incentivos mesmo para que esses jovens, eles estejam se desenvolvendo. Se você ver, a maioria das oportunidades dos cursos que você tem hoje são fornecidos pelas ONG, que o próprio Estado, ó, num ta nem aí “enquanto aquela pessoa estiver aí pra mim ta ótimo, porque ela não vai ta me questionando, ela não vai ta questionando o poder”. Mas a partir do momento em que o jovem tem essa consciência política dentro do movimento, ele se junta a outros jovens e passa a questionar, pra eles isso é um risco (Cátia).

6.4.2 Não-participação de jovens em movimentos sociais

Diferentes relações interpessoais são construídas pelos participantes ao discutirem sobre ser jovem: deles entre si, com seus familiares, amigos, professores, educadores, com as instituições às quais estão vinculados. Contudo, uma delas tem maior força e presentifica-se nas falas dos jovens em variados momentos da produção de sentidos sobre juventude e participação política: trata-se das relações desenvolvidas entre eles e outros jovens que não-participam de movimentos sociais.

As tensões nas relações já se manifestam logo no começo da primeira oficina, através das encenações produzidas pelos jovens e das discussões subsequentes. Em ambas as apresentações, as relações priorizadas pelos jovens para serem interpretadas posicionam, de um lado, eles - os jovens participantes de movimentos sociais; do outro lado situam os outros jovens - aqueles que não-participam dos movimentos sociais. Torna-se difícil colocar em palavras o que foi vivenciado corporalmente, pois transpor essas imagens em símbolos verbais certamente leva a perdas de informações, já que mais uma vez cairemos no

reducionismo lingüístico. Contudo, tentaremos, ainda assim, descrever como transcorreram as apresentações⁴². Iremos nos deter, neste momento, na ENCENAÇÃO 2

Três jovens surgem na sala com cornetas na mão [feitas de papel] e gesticulando, como num manifesto, numa passeata, convidando aqueles que não estão fazendo parte do manifesto a se aproximarem. Há outros dois jovens assistindo. Estes são convidados pelos jovens participantes do manifesto a se juntarem a eles, recebendo cartilhas e papéis sobre a causa a qual estão defendendo. Uma das jovens pega os papéis distribuídos, lê, aceita o convite e sai feliz, se articulando ao movimento social. O outro jovem sai zombando, sem aceitar o convite, amassando os papéis e cartilhas recebidos. Os jovens ativistas prosseguem em sua manifestação pública.

Nesta encenação, como também ocorreu na primeira, é apresentado o lugar do jovem atuante em movimentos sociais como protagonista, como disseminador de informações, aquele que tem formação diferenciada e que tem por função transmitir conhecimentos e discussões àqueles que não têm acesso a tais debates, por terem sua formação restrita à escola. Neste caso, aqueles jovens que não participam de movimentos sociais têm a opção de juntarem-se a eles ou manterem-se alheios à realidade político-social em que vivem, sem lutarem pela garantia de seus direitos, então negligenciados.

Nas discussões sobre tal encenação, os jovens levantam algumas reflexões, uma delas relacionada à importância de aceitar as diferenças e continuar na luta, mesmo sem o apoio de todos. Assim, fazem referência, uma vez mais, a requisitos necessários àqueles que querem fazer parte dessa “luta” política: estar implicado no movimento social requer muita paciência e persistência, esta seria uma das justificativas ao fato de algumas pessoas sequer se aproximarem do movimento, ou o “abandonarem no meio do caminho”.

Embora por vezes argumentem a aceitação das diferenças e da opção de não-atuação de outros jovens em ações políticas, o que percebemos nas práticas discursivas de nossos informantes é quase a imposição de um modelo, no qual é valorizado o jovem engajado, mobilizador. Trazendo, uma vez mais, as discussões propostas por Chantal Mouffe (2001, 2003), lembramos de sua defesa quanto ao reconhecimento e legitimação do conflito, e a

⁴² Essas descrições levam em conta não apenas a percepção da pesquisadora sobre o que foi encenado, mas consideram também os debates posteriores e as opiniões dos demais jovens que estavam como público assistindo a encenação. Incluem-se, também, as explicações do grupo proponente da peça teatral sobre suas intenções ao construí-la.

conseqüente negação de sua supressão a partir de um modelo autoritário. Refletindo acerca da atuação desses jovens mobilizadores, questionamo-nos se - por vezes - não estariam a propagar e a impor aos jovens um modelo de juventude da qual partilham, não aceitando opções e/ou manifestações distintas.

É na discussão provocada por esta segunda oficina que os jovens se referem a um aspecto pesaroso de fazer parte dos movimentos sociais - compromissos, investimentos, responsabilidades, persistência, “nadar contra a maré” - que se auto-denominam “loucos” e “suicidas”⁴³. Ainda nesse contexto, evidenciam a necessidade de buscas por transformações políticas e sociais, pois são jovens que, dada a situação de pobreza em que vivem, são excluídos de acesso a lazer, ensino, ferramentas tecnológicas de qualidade.

Aqui afirmam e discutem, também, as diferenças entre eles e aqueles que não participam de movimentos sociais, pois estes últimos, por sua vez, gozariam da leveza de “não levar as coisas tão à sério”, na crença de que “alguém vai vir e mudar o mundo pra melhor”⁴⁴, sem que eles próprios tenham que se implicar na provocação dessas mudanças. Faz-se interessante destacar a divergência e o conflito presentes nessa argumentação: ao mesmo tempo em que os jovens ativistas são “superiores” aos demais por gozarem do privilégio de possuírem formação e consciência crítica, são essas mesmas características que os deixam - por vezes - tristes e ansiando pela leveza de vida e descompromisso experimentados pelos jovens que não se comprometem com mudanças político-sociais (logo, seriam mais leves e felizes).

Diante de estilos de vida diferentes, entre os jogos de repúdio e desejo, as relações interpessoais entre esses grupos de jovens parecem ser difíceis e os jovens que atuam politicamente vivenciam tensões e conflitos em lidar com o diferente:

Pesquisadora: Como é a relação de vocês com essas outras pessoas? Vamos pegar aqui o exemplo dos outros jovens, que vocês tão trazendo tanto: como é a relação de vocês com esses outros jovens?

Nelson: Eu acho que... eu tiro por Felipe, que muito antes, eu nem sonhava conhecer o movimento e tal, ele já tava inserido e ele começou a defender umas idéias e tal que ia contra a minha normalidade, a normatividade e tal, que é o que a gente segue. Quando ele chegava lá pra discutir, porque a gente sempre leva, de uma forma ou de outra a gente sempre leva o que a gente discute no

⁴³ Essa discussão sobre jovens participantes de movimentos sociais como “loucos e suicidas” foi abordada quando discutimos as nomeações de jovens.

⁴⁴ Trechos argumentativos encontrados na fala de Jorge.

movimento pra comunidade, pros amigos, pra família e tal. E ali eu chamava, Felipe era rotulado de louco por estar defendendo idéias que era anormal pra uma pessoa ta defendendo. Aí depois eu entrei no movimento e tal, aí eu comecei a compreender algumas coisas que eu não compreendia antes [...]

Alessandra: É que, assim, muitas vezes um amigo faz assim: “não, pô, cê ta exagerando, ta falando muito sobre isso e tal”. E... ta! Querer escutar ou não é uma opção dele, mas muitas vezes o que eles falam, de verdade mesmo, só aqui entre a gente, viu, é: “não, pô, cê ta exagerando muito nisso, ta perdendo muito tempo nisso”, sabe? Sem nem saber direito o que ta dizendo, aí enche o saco!

Felipe: Acho que é uma relação muito ruim, muito ruim mesmo isso que fica acontecendo, deixa a pessoa muito mal, sabe? É uma relação super-ruim mesmo, mas que é possível você lidar com isso, sabe? É muito pesado [...]

Maria: Porque querendo ou não é diferente, ne? O jeito dos dois. Tanto de eu, da gente que ta no movimento, como dos colega, da gente que ta fora. São relações diferentes. Eu mesmo já cheguei ao ponto de ta batendo boca mesmo com uma colega minha porque ela queria ta certa de todo jeito e eu dando minha opinião, ela lá com a pôrra: “não, porque eu não concordo, porque isso e aquilo” e aí chegou hora da gente bater boca mesmo. Até eu dizer: vamos fazer uma coisa? Deixa isso pra lá! Porque vai chegar a hora mesmo da gente discutir e cortar a amizade da gente. Então vamo deixar pra lá porque toda hora a gente volta a essa conversa, todo momento a gente volta a discutir. Eu passei muito por isso, ainda tô passando.

Nelson: Ôxe! Num acaba não, é muito complicado.

Na segunda oficina, já com um clima de maior liberdade, espontaneidade e confiança entre pesquisadora e participantes⁴⁵, não são apenas os aspectos negativos dessa relação que se destacam, mas outras nuances vão surgindo. Na oficina de desenhos ocorrida neste dia, a instrução dada pela pesquisadora foi que do lado de dentro do corpo do jovem desenhado, fossem registradas palavras que dissessem respeito a “o que é ser jovem para o jovem que faz parte do movimento social?”; do lado de fora, escreveriam termos que sinalizassem o que é

⁴⁵ Por mais que se busque criar um ambiente “natural”, a situação de pesquisa é sempre algo distante do cotidiano. A relação mais descontraída entre a pesquisadora e os participantes, por exemplo, só vai se dando com o convívio. É interessante notar, por exemplo, como as conversas são mais fluidas na segunda metade do encontro, assim como também há diferenças entre o percebido nos comportamentos dos jovens e da pesquisadora na primeira e na segunda oficina.

ser jovem para os outros, esses outros entendidos como o adulto, a família, políticos, outros jovens, dentre outros.

Após cada dupla ter concluído seu desenho, seguimos com apresentações e discussões sobre os conteúdos que apareceram no cartaz. Pelo menos duas questões merecem ser aqui melhor discutidas⁴⁶:

1) O modelo criado pela dupla Karen e Jorge:

A primeira dupla a apresentar o desenho indicou uma proposta diferente à feita pela pesquisadora. Os jovens procederam da seguinte maneira: desenharam o corpo de um jovem, com um traçado transversal ao desenho que o dividia ao meio, e todos os termos que colocaram num dos lados, colocaram também do outro. A justificativa foi a seguinte:

O primeiro pensamento da gente era: vamo trazer algumas idéias da juventude aqui dentro e tal e depois o que os outros pensam da juventude. Mas aí a gente pensou assim... nem trabalhou muito nessa lógica da juventude, mas trabalhou na lógica dos outros, na lógica de: quem são os outros, esses outros de fora? E a gente acabou chegando à conclusão de que esses outros também somos nós, porque da mesma forma que a gente é jovem, a gente também vê outros jovens e sempre fala “os outros, os outros, os outros, os outros”, e esses outros também se encaixam nessa categoria de juventude, então por isso que a gente dividiu a folha no meio, mudando um pouco do que você pediu pra gente fazer. E a gente fez uma brincadeira que é: se a gente também é o outro, do mesmo jeito que a gente, enquanto jovem, sente alegria, a gente vê a alegria, vê que as outras pessoas também são alegres. Se a gente diz que... se a gente se acha em alguns momentos e vê os outros violentos, então a violência existe dos dois lados [...] a gente brincou com a idéia de dividir o corpo humano, misturou as palavras, a gente não trabalhou com a idéia do dentro e fora, o que a gente pensa e o que os outros pensa, a gente repetiu (Karen).

Nesse caso, chama-nos a atenção que a tensão “jovens X os outros” não partiu dos jovens - como vinha ocorrendo no decorrer da pesquisa – mas da pesquisadora e de sua proposta de trabalho. A reação dessa dupla de jovens, contrária ao movimento de tensão e de rompimento que vinha sendo apontado até então por eles mesmos, indica uma tentativa de

⁴⁶ Muitos e curiosos termos foram utilizados pelos jovens. Nosso desejo é de proceder a uma grande análise e levantar discussões sobre essa construção, mas para não nos alongarmos, considerando toda a riqueza e amplitude de material que ainda temos a considerar, optamos por nos deter em apenas dois pontos de discussão, que nos pareceram bastante relevantes.

aproximação entre grupos distintos, em que não faz sentido pensar em dicotomias, desvirtuando a trajetória de argumentos até então central em suas falas.

2) A questão levantada pela pesquisadora, após a apresentação dos desenhos:

Encerradas as apresentações e debates, a pesquisadora perguntou aos jovens se alguns daqueles termos registrados do lado de fora do corpo - logo, apresentados como sendo noções de juventude dadas por outras pessoas - também poderiam estar do lado de dentro do corpo.

Todos os participantes responderam afirmativamente: começaram apontando timidamente uma ou outra característica que poderia se deslocar, e acabaram declarando que todas elas poderiam fazer parte da definição de jovens, por jovens participantes de movimentos sociais. Afirmaram que a diferença estaria apenas na intensidade com que se manifestam, ou na oportunidade (e também em sua falta) de acesso a informação.

Percebemos, assim, uma redução na força das tensões apresentadas na relação entre jovens participantes e não-participantes de movimentos sociais. Essa ponderação fica ainda mais evidente quando eles refletem sobre as próprias contradições entre o que discursam e o que efetivamente fazem⁴⁷.

Dessa forma, podemos notar que, embora pertençam a grupos diferentes e isso faça com que idéias, valores e hábitos não sejam partilhados, gerando distanciamentos e dificuldades de relacionar-se, o vácuo entre eles não é assim tão grande, afinal têm suas afinidades e vivências semelhantes, são jovens, cultivam expectativas e vivenciam suas próprias contradições.

6.4.3 *Investimento afetivo intenso e extenso*

Os jovens participantes de nossa pesquisa, ao construírem sentidos sobre juventude e participação política, atribuem às atividades realizadas por eles mesmos a necessidade de grandes investimentos, especialmente o investimento de tempo e de afeto. Advogam que “não é tarefa fácil lutar contra o sistema”, “não é pra qualquer um”⁴⁸ fazer parte de uma população que luta por mudanças político-sociais, que suas ações e investimentos acabam por cair na expressão “nadar contra a maré”⁴⁹. Nesse sentido, partilham da idéia de que atuar nos

⁴⁷ Também as educadoras que acompanham o “grupo de jovens e adolescentes mobilizadores do MAB”, com as quais a pesquisadora teve contato, afirmaram perceber uma diferença entre “teoria e prática” nos jovens: discursam muito bem, parecem ter claros os caminhos que querem seguir, contudo, na prática, acabam por perder-se em ações que refletem irresponsabilidade e descompromisso.

⁴⁸ Ambas as frases foram ditas pelo jovem Felipe, em nossa pesquisa.

⁴⁹ Esse termo aparece na fala de alguns dos jovens participantes da pesquisa, quando localizam o trabalho que realizam junto aos movimentos sociais.

movimentos sociais envolve lidar com intensos sentimentos em seu cotidiano: inconformismo, envolvimento, revolta, dor, tristeza, melancolia.

Em afirmações como essas, que foram sendo produzidas nas práticas discursivas dos jovens em diferentes momentos da pesquisa, localizamos o que Mary Jane Spink (2004) denomina gêneros de fala. Ao fazerem uso de jargões, ao usarem formas típicas de enunciados, vamos percebendo um rol de expressões que são próprias às práticas discursivas desses jovens.

Se essas regularidades lingüísticas são frutos do que se escuta nas atividades de militância ou tornaram-se lugar-comum na linguagem desses jovens por outras razões não podemos precisar, mas a impressão que fica é que, por vezes, essas declarações são reproduzidas de maneira irrefletida, remetendo-nos a uma expressão de James Wertsch (1991, p. 63) “é uma forma já pronta de empacotar a fala”.

Na questão temporal, indicam que são muitas as horas despendidas ao movimento social: dias, noites, semana e finais de semana. Tal dedicação, por vezes, acaba por afastá-los da família, de amigos, pois a maior parte de seu tempo é destinada a atividades como capacitações, seminários, reuniões, manifestos e atos públicos. Embora haja esse argumento, a literatura sobre juventude em contextos urbanos enfatiza o afastamento da família como estratégia de construção da identidade. Há que se considerar, ainda, a ênfase que nossos próprios informantes deram sobre os movimentos sociais como lugar privilegiado de construção de amizades, afirmando estarem nesse contexto seus vínculos mais fortes, seus melhores amigos.

Quando a pesquisadora acompanhou Jorge e Maria em um dia de sua rotina, teve a chance de conhecer seus lares e membros de sua família. Em ambas as circunstâncias, ouviu lamentações de familiares com relação à ausência destes jovens em casa, por conta do grande tempo dedicado a ações dos movimentos sociais.

Diante de tais circunstâncias, foi compartilhada entre os jovens a opinião sobre a importância e o investimento afetivo que há nas relações entre aqueles que fazem parte do movimento social. Nesse contexto, os vínculos de amizade ganham força não apenas pelo longo convívio, mas também – e principalmente – pelo apoio mútuo, identificação, causas e interesses em comum.

As relações interpessoais entre os jovens que fazem parte do movimento social são intensas e bastante valorizadas por eles. São, inclusive, usadas como um dos argumentos que contribuiriam com a relação de “vício e dependência” que declaram experienciar em sua

vinculação a tais espaços. Destacam, em suas falas, os aspectos positivos nos laços de amizade estabelecidos.

Por sua vez, as relações de conflito entre aqueles que fazem parte do movimento social apareceu muito discretamente. Essa pouca ênfase nas tensões entre os grupos, chamou-nos a atenção em virtude do que viemos acompanhando das relações interpessoais entre jovens ou mesmo entre aquelas pessoas (jovens ou não) que compartilham de um mesmo ambiente que, por definição, está pautado em assembléias, reuniões, discussões, atribuições de funções, como acontece no espaço dos movimentos sociais. Também na literatura, autores como Alberto Melucci (2001) e Maria da Glória Gohn (2004) discutem que relações conflituosas são usuais entre aqueles que atuam em movimentos sociais.

Cabe-nos aqui, contudo, apresentar os repertórios utilizados pelos jovens no decorrer desse estudo e, nessa ocasião, os laços afetivos intensos e prazerosos é que foram destacados, tal como indicado nos trechos abaixo. O contexto de produção desse recorte são discussões nas quais os jovens apontam vantagens em não ser apenas “um jovem estudante frequentador de escola pública”, mas associar a isso a participação em movimentos sociais:

Uma outra coisa também é você encontrar no movimento social um amigo que você não encontra no seu ambiente particular de convívio. Você tem abertura pra ver mais o humano das outras pessoas, eu acho que esse é o avesso da escola com o movimento social. Os laços de amizade são muito fortes (Karen).

E é muito gratificante quando você encontra com outras pessoas que pensam da mesma forma que você. Por exemplo, depois que eu comecei a participar das atividades da minha instituição e no ano passado eu comecei a participar do movimento, você vê que você não tá sozinha, que têm outras pessoas que pensam igual a você. E é justamente, eu acho, essa integração, essa união que o movimento deveria procurar, embora haja, algumas vezes, dentro do próprio movimento essa separação. Às vezes há alguma briga, até mesmo em busca de projetos e coisas assim. Mas eu acho que essa união diferente que ela forma, essa forma diferente de ver as coisas, acaba atraindo, meio que fisgando. Você acaba se viciando também. Você entra e pode até um dia acabar saindo, mas você não se desliga totalmente e aquilo ali permanece com você a vida toda, e as amizades que você faz são fundamentais (Catia).

Conforme indicamos no início da análise, apresentamos os repertórios lingüísticos de maneira separada apenas por uma questão de organização didática. No entanto, todos eles encontram-se conectados entre si. Falar dos investimentos afetivos e das relações de amizade, por exemplo, traz indiscutivelmente as relações interpessoais desenvolvidas entre aqueles jovens que participam e aqueles que não-participam de movimentos sociais, pois esta tensão é trazida à tona em todos os momentos das oficinas. Esta é também uma discussão que fica evidenciada nos trechos acima destacados, quando os jovens apontam o movimento social como *locus* em que as relações de amizade prioritariamente se manifestam e se intensificam. Estes são alguns dos aspectos positivos da ação militante destacados por eles. Mas há muitos outros a serem conferidos.

6.4.4 Consequências positivas, prazeres e orgulho

No decorrer das oficinas - especialmente no primeiro dia e nas primeiras horas do segundo encontro - percebemos que a maioria dos argumentos e posicionamentos dos jovens expressaram aspectos valorativos da participação juvenil em movimentos sociais.

Nesse sentido, podemos levar em consideração a orientação da palavra em função do interlocutor, conforme indica Mikhail Bakhtin (1997), afinal o contexto de produção do qual tratamos inclui uma situação de pesquisa em que esses jovens sabiam estar discutindo sobre juventude diante de uma pesquisadora. Havia, ainda, para alguns, a informação de que esta pesquisa se desenvolvia sob orientação de um professor que é também fundador de uma das ONG participante, um adulto ativista em juventude. Poderiam, assim, estar oferecendo respostas elaboradas com o intuito de mostrar o melhor de si, aí considerando destacar sua importância como membro político, militante, valorizando sua vinculação aos movimentos sociais.

Os participantes, ao debaterem determinados assuntos propostos pela pesquisadora ou levantados por eles mesmos nos diálogos, faziam questão de expressar vantagens na participação em movimentos sociais: destacavam sua formação crítica, a importância das ações dos movimentos sociais para a sociedade, o orgulho de fazerem parte de uma minoria da população que atua em direção à construção de um mundo melhor.

Diziam-se orgulhosos por serem identificados como “esquisitos, loucos e chatos”, pois esses termos assinalavam que eles eram tidos como diferentes daqueles que não têm qualquer ligação com os movimentos sociais ou, em outras palavras, eram distantes daqueles que não se implicavam na busca por mudanças no sistema social em que vivem.

Em suas falas e entonações, havia o orgulho de ser identificado como diferente, porque nesse aspecto estava sinalizado o orgulho de não ser acomodado a situações e organizações sociais que os colocam no lugar de submissos. Essa valorização do jovem como ator social, como sujeito coletivo já vem sendo apresentada por autores como Angelo Díaz e Luís Henrique Ramos (2006), Helena Abramo (1994), Marília Sposito (1997), Regina Novaes (2002, 2006); Rosilene Alvim (2002).

Podemos, aqui, também destacar a presença desses elementos - valor, *status* e orgulho - nas atividades corporais. Nas encenações, a instrução era de que os jovens buscassem trabalhar em grupo, expressando corporalmente relações sociais desenvolvidas entre eles ou com outros grupos sociais: família, amigos, instituições públicas ou privadas, jovens sem afinidade com os movimentos sociais ou qualquer outra pessoa ou instituição que desejassem.

O resultado dessa proposta foi a encenação de duas histórias diferentes, mas com algo em comum: em ambas as situações os jovens participantes de movimentos sociais protagonizavam o lugar de pessoas privilegiadas, mais bem informadas, críticas e atuantes, em contraposição a outros jovens – no caso, aqueles sem vinculação a movimentos sociais – encenados como alienados e mal-informados acerca de seus próprios direitos. Conheçamos como se desenvolveu a ENCENAÇÃO 1, ressaltando as restrições próprias da passagem da linguagem expressa por movimentos corporais à codificação da linguagem escrita.

Há 3 pessoas sentadas de costas para o público, e em suas costas há colada a frase: "fora do movimento" [essa referência indicava o cenário em que se passaria a cena]. Nesse cenário, uma jovem anda pela sala, passa pelas costas dos jovens em que essa frase está escrita, lê o seu conteúdo e arranca todos esses papéis. Ela os convida para sentarem em círculo [ali representado como o cenário/contexto de participação em movimentos sociais]. A jovem pega outros papéis e cola em suas camisetas, no peito, outros nomes: saúde, educação, direitos, políticas públicas, DST/Aids e a cada um que ela coloca, o jovem se levanta, ficando maior e mais forte. Ela ergue os braços e sorri, esboçando em seus lábios a frase: "eu consegui". Assim ela faz com cada um daqueles que estavam anteriormente sentados no chão. Mostra todos de pé e com esses novos nomes estampados no peito. Mais uma vez sorri e esboça em seus lábios a frase: "eu consegui", indicando que agora esses jovens, graças a sua presença que os trouxe a fazer parte dos movimentos sociais, não são mais alheios a discussões sobre essas temáticas que passam a estampar em seus peitos.

Tal exemplo nos gera algumas reflexões que condizem com os repertórios associados a valor, prazeres, *status*, orgulho relacionados à participação juvenil em movimentos sociais, tal como verbalizado por nossos informantes. Nesta encenação, eles identificam a entrada no movimento social como uma mudança de rota na trajetória de vida então percorrida pelo jovem: é apenas nesse contexto que passa a haver uma formação crítica, uma compreensão de temáticas de seu interesse, como direitos individuais e sociais e políticas públicas, por exemplo.

É nesse sentido, também, que nossos participantes expressam sua função como membros ativos do movimento social: disseminar o espírito crítico, levar instruções e formações a outros jovens, pois, como declararam explicitamente, tais reflexões e questionamentos só são encontrados nesse ambiente específico. É por meio dessa função localizada que se nomeiam e se auto-posicionam como jovens multiplicadores, disseminadores, protagonistas. Podemos, nesse sentido, pensar nesses jovens como sujeitos sociais, levando em conta a definição utilizada por Ilse Scherer-Warren (1999) referindo-se à “relação de responsabilidade e de auto-criatividade positiva, não destrutiva, que o indivíduo estabelece consigo mesmo e com a sociedade em que vive” (p. 15).

Quando a pesquisadora acompanhou Maria em um dia de sua rotina, esteve com ela em uma aula-passeio promovida pelo curso ao qual é vinculada⁵⁰. Naquela ocasião, conheceu alguns de seus amigos e pôde perceber como ela se posicionava diante deles como alguém com conhecimentos ampliados e formação privilegiada, fazendo referência a questões de políticas públicas, de direitos dos adolescentes, falando de sua participação em grupos artísticos e movimentos sociais, assumindo postura de liderança entre seus pares. Ela inclusive fez questão de apresentar a pesquisadora a todos, professores e colegas, aparentemente expressando orgulho por estar sendo acompanhada pela mesma naquele dia, afirmando estar “fazendo parte de uma pesquisa”, o que indicaria, possivelmente, diante de seus amigos, a sua importância como militante do movimento social.

Uma outra discussão que se faz importante abordar é que, ao localizarem o movimento social como espaço de formação privilegiada, os jovens refletem e situam - criticamente - o lugar ocupado pela escola pública na formação de crianças e jovens de baixa renda. Quando o grupo participante da ENCENAÇÃO 1 falou sobre as idéias que os conduziram à montagem da apresentação da cena acima descrita, disseram que o grupo de pessoas com que buscaram se relacionar foram os jovens de escola pública, que não têm qualquer vinculação com o

⁵⁰ Maria já concluiu o ensino médio e agora faz um curso técnico em eletricidade, de onde recebe uma bolsa de estudos para ajudar nas despesas da casa, conforme afirmou.

movimento social e, portanto, não têm acesso a uma formação crítica, diferenciada. Segue um trecho da primeira oficina, que se passa no contexto da discussão sobre a cena apresentada:

Pesquisadora: Então deixa eu entender melhor. Aqueles que estão fora do movimento social vocês colocaram foi pensando nos alunos da escola, nos alunos que estão fora dessas discussões? Porque aí quando a Maria entra, que começa a fazer parte desse movimento social é que ela começa a aprender tudo. Ou seja, é como se o movimento social oferecesse ao jovem mais informações do que aquelas que a escola pública pudesse oferecer? É isso?

Karen, Maria, Nelson, Erasmo: Hum-Hum! [Todos também sinalizam isso balançando a cabeça afirmativamente];

Nelson: Num primeiro momento os discursos são iguais, ne? Mas aí os movimentos sociais oferecem coisas que as escolas não oferecem. Se fosse só pela educação da escola a gente não tava aqui hoje discutindo juventude, violência, políticas públicas, prevenção, essas coisas. É isso mesmo, é pensar num encontro dos jovens com o movimento, ne? O que é que o movimento dá pra juventude? O que é que a escola dá pra juventude? O que é que a escola poderia dar pra juventude, entendeu?

Pesquisadora: Então com isso a gente pode pensar que o jovem que participa de movimento social, ele tem uma discussão mais forte das preocupações com as questões de política, do social, ta mais preocupado com isso do que o jovem que só vai pra escola?

Nelson: Normalmente sim, ne?

Karen: Eu acho que nem tanto porque às vezes aquele jovem que ta indo só pra escola, ele tem uma capacidade de ta realizando discussões, ele só não tem aquela oportunidade.

Nelson: Normalmente é isso que a gente encontra, porque capacidade todo mundo tem.

Pesquisadora: Então é a oportunidade que vai diferenciar?

Cátia: Mas alguns tipos de informação você só passa a perceber ou até mesmo a ver de uma outra forma quando você ta dentro do movimento...

Erasmo: É, isso é verdade.

Cátia: Porque, por exemplo, na escola, sei lá, se a professora passa um trabalho sobre DST/Aids e você vai fazer uma pesquisa é uma coisa, agora outra coisa é você ver o problema da DST/Aids como problema, é outra coisa. Você ter a

oportunidade de debater, você ter a oportunidade de ter o contexto social, quem são as maiores vítimas, o porquê que isso acontece, o porquê que o Brasil tem um número elevado de pessoas que são soropositivas, porque a África tem o maior número do mundo, enfim, você tem um debate ampliado, e você não tem isso na escola. Na escola é tudo muito restrito, você tem que seguir aquele cronograma, você fica alienado. Tem muita coisa que você só começa perceber isso quando tá dentro do movimento, quando você tem a oportunidade de tá discutindo.

Em discussões e diálogos como o que ora apresentamos, podemos perceber como os jovens evidenciam conseqüências positivas dessa participação junto a grupos e/ou movimentos sociais. Sua formação crítica, o envolvimento em debates, em manifestos, em discussões, em cursos de capacitação, é destacada como uma maneira de ampliar seus olhares sobre a conjuntura político-social em que vivem, permitindo que possam compreender e avaliar criticamente a situação político-econômica do país. É também por meio dessa rede que os jovens passariam a conhecer seus direitos garantidos pela legislação, porém negligenciados no cotidiano daqueles que vivem em situação de vulnerabilidade pessoal e social.

Partindo dessa formação ampliada, o jovem diz-se capaz de propagar essas discussões entre aqueles que não têm acesso ao que chamam “consciência política”, daí outra conseqüência positiva da participação em movimentos sociais é ser capaz de multiplicar discussões em suas comunidades, promovendo reflexões com o intuito de “unir forças” para provocar mudanças políticas. Outro lugar que assumem, como membros representantes do movimento social, pode ser visto num trecho de fala de Nelson: “aí acaba que um dos papéis do movimento é fazer o papel que o sistema não garante, né?”

Por ocasião do acompanhamento de um dia do cotidiano de Jorge, a pesquisadora teve a oportunidade de participar dos preparativos de um evento que ele, junto com outros jovens de sua comunidade⁵¹, estavam promovendo. Pôde acompanhar de perto as últimas etapas da preparação do evento: contato com palestrantes, busca das camisetas, organização dos materiais a serem utilizados, divulgação, preparação do local. Nesse instante, a pesquisadora teve o privilégio de ver acontecer esse papel político do jovem atuante em movimentos sociais, pois eles tiveram a idéia, buscaram por apoio e organizaram um evento público que tinha por fim disseminar discussões de interesse de todos⁵².

⁵¹ Todos eles eram vinculados a um mesmo Grupo Social, articulado a movimentos sociais.

⁵² A idéia do evento era discutir as políticas de educação, buscando garantir o ensino de educação sexual nas escolas.

Estes aspectos de atuação política do jovem sinalizam para uma diferenciação dos sentidos de ser jovem nas décadas de 1980 e 1990 ilustrados em pesquisas acadêmicas e na mídia desse período. Segundo Helena Abramo (1997), nestes documentos, os jovens tendem a aparecer como apáticos e desmobilizados, e sua presença nas ruas estaria mais relacionada a atos de individualismo e/ou vandalismo do que vinculados a uma participação ativa e questionadora quanto aos processos político-sociais. E não são esses os sentidos que vamos percebendo nas construções dialógicas desse estudo.

Ora se assumindo como aqueles que vão ocupar o papel e as funções do Estado, ora se posicionando como disseminadores de discussão ou, em outros momentos, identificando-se como protagonistas juvenis propositores de políticas públicas, os jovens ativistas com quem dialogamos dizem “abraçar a causa” movidos pela esperança de que “um outro mundo é possível⁵³”, o que identificamos como sendo, na perspectiva dos jovens, a consequência possível mais positiva de sua participação em movimentos sociais. Vejamos um indicativo de como essa expectativa é criada e alimentada, considerando o seguinte trecho:

Pesquisadora: Como assim? Que tipo de expectativa você acha que é gerada dentro do movimento que não é gerada fora?

Felipe: Tem uma expectativa que é muito forte que o movimento bate muito, sabe? Ele fascina a gente, na verdade o movimento fascina muito a gente, que é pra uma mudança prum mundo melhor, sabe? Acho que é aquela frase do hino, do filme, do vídeo, da música que a gente escuta sempre dentro do movimento: “um outro mundo é possível”. Aí você começa a criar várias expectativas, várias e várias e várias e várias, que é da mudança que você acha que deve ser, que deve acontecer. Tem a mudança que o movimento traz. Tem a mudança que com certeza você reflete, que “não, eu acho que devia ser de tal forma e não dessa”. É aí onde entram os conflitos, as confusões e as preocupações e outras séries de coisas [...]

Vemos, do exposto, que a expectativa de que um mundo melhor seja possível é cultivada nos discursos dos integrantes do movimento social. Esse termo lugar-comum, uma

⁵³ “Um outro mundo é possível” é o lema do Fórum Social Mundial, um evento de âmbito mundial, organizado por movimentos sociais com objetivo de celebrar a diversidade, discutir temas relevantes e buscar alternativas para questões sociais. Acontece anualmente, desde 2001 (WIKIPÉDIA - A Enciclopédia Livre). Consultar: www..wikipedia.org. Acesso em 10/01/2008.

vez utilizado e reforçado, contribui para que, mesmo diante de aspectos que desestimulem os jovens, estes se mantenham vinculados à rede, movidos pela esperança de mudanças⁵⁴.

Conheçamos, então, quais aspectos são apresentados pelos jovens como dificuldades ou obstáculos à manutenção do vínculo junto aos movimentos sociais.

6.4.5 Dificuldades, desestímulos e sofrimentos

Antes de adentrarmos nos conteúdos dos enunciados que compõem este repertório lingüístico, é importante destacarmos seu contexto de produção. Tais conteúdos só surgiram na última hora da última oficina porém, uma vez levantados, os temas relacionados a dificuldades ou obstáculos à participação juvenil em movimentos sociais tornaram-se centrais. Como dito anteriormente - no âmbito das discussões sobre o relacionamento interpessoal entre jovens - pareceu-nos que este tema só pôde vir à tona no final da segunda oficina por ter sido este o instante em que um maior clima de confiança foi estabelecido. Esse foi, também, o momento final, quando os jovens sabiam que estávamos próximos de encerrar os debates sendo, portanto, aquela a última oportunidade para se expor assunto tão polêmico, pondo-o em debate.

Foi também este tema o maior mobilizador de debates, quando todos os jovens presentes discutiram, emitindo opiniões⁵⁵. Embora tais discussões tenham se iniciado de maneira bastante tímida, logo ganhou repercussão e a inclusão de todos os presentes no debate.

Dada a surpresa provocada diante de sua aparição, bem como considerando-se a polêmica gerada em torno do tema, acreditamos que a discussão desse repertório seja um dos pontos mais relevantes dessa. É importante também destacarmos que discussão semelhante não foi encontrada em nenhum dos produtos acadêmicos levantados e estudados por ocasião da revisão bibliográfica realizada para essa pesquisa.

Foram consultados livros, revistas, artigos, dissertações, teses, mas em nenhum desses materiais vislumbramos discussões afins à temática das dificuldades dos jovens em sua participação junto a movimentos sociais; ao contrário, são sempre reforçados os aspectos positivos e estimulantes dessa participação. Desta maneira temos, então, mais razões para considerar tal debate como uma das maiores contribuições desse estudo à produção do conhecimento sobre jovens, atuação política e participação em movimentos sociais, pois além

⁵⁴ Lembramo-nos, aqui, uma vez mais, das discussões sobre gêneros de fala apresentadas por Mary Jane Spink (2004).

⁵⁵ Até então, os debates se centralizaram, principalmente, em torno de quatro participantes.

de apresentarmos aspectos desestimulantes da ação juvenil engajada, discutimos a tensão entre a realização e o sacrifício presentes nesta vinculação.

Começamos por discutir, uma vez mais, a questão da nomeação de jovens participantes de movimentos sociais por pessoas não-vinculadas a tais movimentos. Segundo os jovens participantes, a ênfase na nomeação colocada sobre si tem, geralmente, conotação negativa. Destacam termos como: vagabundo, baderneiro, revoltado, maloqueiro, rebelde, subversivo, chato, esquisito, louco. Consideram que estas são definições ligadas a eles pelo fato de serem pessoas que lutam pela defesa e garantia de seus direitos, indo às ruas, contribuindo para a construção de políticas públicas, sendo “diferentes”, por fugirem ao senso comum; por esta razão seriam “baderneiros ou subversivos”, por rejeitarem o modelo político-econômico vigente e provocar a transformação social.

Em outras palavras, acreditam que tais rótulos surjam no bojo de suas reivindicações e ações públicas, pelo desejo e busca de transformações em que se engajam. Situam essas referências negativas como um dos aspectos desestimulantes da participação em movimento social, posto que gostariam de ser identificados pelas qualidades que os fazem não desistir de buscar por “um mundo melhor”, e não por sentidos pejorativos dessa atuação.

Helena Abramo (1994, 1997) faz uma crítica a autores que, segundo afirma, parecem ter ficado fixados numa imagem idealizada de juventude das décadas de 1960 e 1970. Nesta crítica, aponta a criação de uma “essência juvenil” que seria questionadora, inquieta e participativa e, portanto, valorizada.

Escutando esse grupo de jovens, observando suas performances, ficamos a nos indagar se também eles não teriam “comprado essa imagem”, se não têm se mantido, também, num investimento ou numa necessidade de demonstrar à sociedade contemporânea o perfil revolucionário guardado e mantido das décadas de 1960 e 1970. Refletimos esse aspecto diante de afirmações nas quais declaram o desejo de abandonar os grupos ou movimentos sociais a que se vinculam, mas já não conseguem posto que ser um jovem ativista tornou-se algo viciante a eles. Também refletimos este aspecto diante de declarações dos jovens acerca dos lugares e posições que ocupam, tendo que assumir responsabilidades e compromissos pelo fato de serem jovens ativistas, engajados em atividades e lutas dos movimentos sociais.

Tratando, ainda, dos obstáculos que se apresentam à participação em movimentos sociais, indicam o excesso de investimentos que têm que fazer, destacando-se os investimentos temporais e afetivos já citados. Na questão temporal, fazem referência ao elevado número de participações em reuniões, capacitações, seminários, atos públicos. Embora sinalizem que esses envolvimento são positivos por contribuírem para sua formação

crítica, declaram também que são necessárias muitas horas para tanto, o que os deixa cansados, distantes dos amigos e da família, além de trazerem à tona o excesso de compromissos e responsabilidades assumidos nessas ocasiões.

Destes compromissos assumidos, incluem a participação “na construção de um mundo melhor”, o que em si mesmo já traz, segundo relatam, a sensação de “peso”, tendo em vista que assumem para si parte da responsabilidade pela transformação político-social, na “luta contra o sistema”. Mais uma vez a relação é de tensão, pois se orgulham de fazer parte de uma parcela da população diferenciada pelo ativismo e vontade política, ao mesmo tempo em que discutem as dificuldades e desestímulos diante desta posição assumida.

Com relação aos investimentos afetivos, destacam sentimentos como revolta, dor, tristeza, melancolia, inconformismo, pois eles “abraçam causas” e realmente se implicam nas questões envolvidas de forma que ficam sensibilizados na provocação de mudanças, mas sofrem diante da não-realização de grande parte de seus sonhos.

Nesse sentido, fazem referência a “sonhos utópicos”, referindo-se a desejos e esperanças de mudanças que cultivam, mas sem muitas expectativas de realização. Comparam, então, seu investimento com o ato de “construir castelos de areia”, fazendo referência a um longo trabalho de dedicação, de construções, que se desfazem facilmente a partir de elementos que lhes fogem à possibilidade de ação. Não obstante a isso se mantêm em seus objetivos e trajetórias. Essa persistência nos remete a um estudo realizado por Luciana Leão (2005) em que a autora constrói, com seus informantes, reflexões acerca da utopia: “a utopia, para alguns, no entanto, não é um sonho inalcançável, é mesmo uma condição para se aproximar do considerado ideal, para aquilo que se almeja” (p. 111).

É nesse contexto que um dos jovens traz à tona o termo “suicida”, dizendo identificar-se com ele, “pois só um suicida entraria nessas histórias de horrores, lutas e brigas com o sistema”⁵⁶; é nesse âmbito também que a palavra “louco” aparece, com justificativas semelhantes. O termo “viciado” é outro construído permeado de controvérsias: o movimento social é algo que vicia porque oferece coisas boas, como acolhimento, discussão, formação, esperança, laços afetivos, encontro entre pessoas afins; simultaneamente, pelo “pesar” trazido pelos compromissos e responsabilidades firmados entre jovens em contribuir com a mudança do mundo, o movimento social traz em si a conotação de um lugar de onde se quer sair, mas já não se consegue, dada a existência da dependência, do vício.

⁵⁶ Discussão introduzida por Felipe e levada adiante pelos demais jovens presentes, que exprimiram concordância com a reflexão proposta por ele.

Refletindo sobre essa noção de vício do movimento social, declarado por parte de nossos informantes, ficamos a pensar na idéia das paixões que mobilizam as pessoas em projetos coletivos, em ações políticas, conforme destaca Chantal Mouffe (2001, 2003). Nesse contexto, em que jovens manifestam o desejo da desvinculação ao movimento social, mas indicam a impossibilidade de fazê-lo pela dependência com o mesmo, ficamos a nos perguntar: seriam as paixões que moveriam estes jovens em seus projetos e ações políticas ou estariam atuando a serviço do movimento social, em nome do engajamento e convicção de outrora? Estariam, nessas posturas e atitudes, a reatualizar os jovens ativistas das décadas de 1960/1970? Seria uma persistência em nome da manutenção de benefícios alcançados junto às instituições a que se vinculam (acesso a internet, biblioteca, etc), considerando sua escassa situação financeira?

Após reunirmos e apresentarmos tantas informações e argumentos construídos com o repertório lingüístico das dificuldades enfrentadas pelos jovens em sua participação junto a movimentos sociais, deixemos agora um espaço de reflexão a partir dos enunciados dos próprios jovens. Nesse instante, na segunda oficina, os jovens discutiam sobre as dificuldades financeiras enfrentadas por não poderem trabalhar, já que estavam envolvidos em atividades do movimento social:

Pesquisadora: Eu queria entender melhor esse lance que você, Felipe, falou sobre o jovem suicida. Eu achei uma idéia bem interessante de você pensar: “pô, eu olho pro meu irmão, eu vejo ele lá sem fazer nada e eu fico pensando, pôxa, eu tenho vontade de parar”. O que é que tem na vida desse seu irmão, ou desses seus amigos que não tão no movimento e que você olha e fica com vontade de sair?

Felipe: Bom, o que tem é tristeza, sabe? É mal-estar, é melancolia... não tem melancolia na vida do meu irmão, sabe? Ele é alto-astral e eu acho que é tudo isso que eu, pelo menos, chego a sentir inveja e tal.

Pesquisadora: E o que é que te causa melancolia dentro do movimento?

Felipe: Pôrra é foda, é muito...

Nelson: É melhor perguntar o que não causa, ne? O que é que não causa melancolia?

Felipe: Na verdade, são uma série de coisas aí que você vem observando e que, por exemplo, o que o movimento prega, sabe? E se dispõe a isso e que na verdade ele se torna reprodutor de todas as instituições e articulações que tão fora da proposta de bem-estar. É como se a gente colocasse a delicadeza com uma série de coisas ruins por trás, sabe? Você é carinhoso aqui, pra um pouquinho mais na

frente você desabar com violência e uma série de coisas. Então, eles normalmente fazem a gente acreditar que ao mesmo tempo... ele faz com que a gente se contradiga, que fique no conflito pra que você não acredite mais, sabe? Porque é muito doido, velho, é muito louco mesmo, porque eu preferiria num ta lá. Mas agora não tem jeito, eu sou um viciado. Mas eu preferiria não ter que passar por esses conflitos existenciais e tal. Eu queria assistir televisão só por assistir, não por entender, mas só por sentar ali e assistir e pronto, beleza. E sair na rua e ver as coisas só por ver, eu queria ta aí.

Pesquisadora: E esse outro lado que não só você, mas todos vocês tão falando desde a segunda-feira, colocando que o movimento social traz essa expectativa de que um outro mundo é possível, vocês tavam colocando isso, ne? E pra quem ta de fora, há essa expectativa de um outro mundo possível?

Nelson: Num sei não. Acho que é uma questão de... pegando isso que ele falou agora, eu concordo com ele, acho até que aderi essa forma de ver e tal, que é às vezes você ta vendo uma televisão e aparece um milhão de coisas, fome e guerra e tal. Aí passa meu irmão lá, olha pra televisão e “vamos tomar cachaça, véi, eu vou curtir com meus amigos”, enquanto você ta ali fudido, tentando arrumar uma solução porque aquilo ali ta rolando e...

Maria: Fica se preocupando...

Nelson: Aí às vezes eu fico me perguntando qual é o mais vantajoso... se é você ser feito o irmão dele que ele tava falando e tal, se é você olhar pra tudo isso e tentar ser feliz vivendo dentro disso mesmo, sendo uma boa pessoa, mas sem ta nem aí pra política, pra nada do que ta acontecendo... ta curtindo, você trabalha aí todo dia, 5 ou 6 dias por semana, aí tem o dia pra folgar, que é pra você curtir, pra beber e pronto. Ou você ta a semana todinha lá, uma reunião aqui, uma reunião ali e pá e pá, aí tem a televisão, vem uma reeleição de Paulo Maluf...

Jorge: Eu acho que às vezes é assim, eles também querem um outro mundo, mas eles esperam que outras venham e façam isso, porque atitudes eles não têm.

Felipe: Eu acho que essa galera também fica comovida ou comovido, surpreendida ou surpreendido, mas certamente eles não vão ter o nível de decepção que a gente que ta aqui, porque a gente tem que ta praticando, então é como se você tivesse aqui construindo um castelo de areia e passasse 3, 4 horas pra montar e aí a água vem e desaba. E você vem e monta um castelo, deixa lá aí no outro dia uma pessoa vem e começa a brincar com o castelo, aí a água vem e

desaba. Ela vai ficar triste e tal, mas, beleza! Ela chegou ali e brincou e pronto. Não foi ela quem montou aquilo ali, sabe, que passou dias tentando construir, semanas, meses, eu não sei. Então eu acho que essa é uma grande diferença, fazendo uma analogia de uma história que você faz, é uma grande diferença de sentimentos. A gente tá ali, sabe? A gente tá trabalhando diretamente com as pessoas ligadas com a violência, com as pessoas que sofrem a violência, com as pessoas que praticam a violência, então é muito louco isso. Então você se torna enganado o tempo todo. Você começa a acreditar e depois os fatos fazem com que você descredite, aí volta a acreditar de novo, aí descredita, vai desgastando sua pilha, sabe?

Este grande recorte nos possibilita o acesso ao contexto de produção das falas, já que inclui a interanimação dialógica, com os endereçamentos dos enunciados e as respostas a eles. Permite-nos, também, uma série de reflexões. A primeira delas traz um aspecto que nos pareceu implícito em grande parte das verbalizações dos jovens, que é o lugar dos movimentos sociais como uma religião, uma igreja. Na terceira fala do jovem Felipe, neste recorte, temos a afirmação de que “o movimento prega”. Ora, quem prega não é a igreja? Jovens como fiéis seguidores dos movimentos sociais, respondendo às suas demandas, ainda que por vezes desestimulados e descrentes é algo salutar nessa relação.

Além de trazerem experiências e reflexões sobre os próprios obstáculos enfrentados - inclusive materiais, evidenciando sua fragilidade econômica – o que, por vezes, geram desmobilização e questionamento acerca de sua participação no movimento social, há também nas práticas discursivas dos jovens referências a ex-ativistas como aspecto desestimulante. Tratam-se, os ex-ativistas, daquelas pessoas que desistiram de participar dos movimentos sociais.

Sobre essas figuras desistentes também percebemos posicionamentos juvenis que indicam conflitos: por um lado há a crítica sobre os que não foram adiante nos projetos coletivos em que se envolveram, os que foram “fracos” por não suportar as dificuldades, “abandonando a causa”; por outro lado, constroem referências sobre essas pessoas como aquelas que foram capazes de desistir de investir em algo que já não acreditavam, indicando aí atos de coragem, posto que romperam com a “dependência” causada pelos movimentos sociais.

A presença simultânea de admiração e crítica às pessoas e ações dos grupos e movimentos sociais, também pode ser percebida na fala dos jovens quando se referem à

organização dos mesmos. Em suas práticas discursivas, fazem referência à desorganização política dos movimentos sociais, especialmente quando constroem argumentos em torno das ações “de rua” que desenvolvem, ou seja, quando se reúnem em espaços públicos para reivindicarem por alguma causa social, advogando em favor de lutas sociais em busca da garantia de direitos.

Também a questão da desorganização política é apontada quando, em suas reflexões, parte dos jovens com quem dialogamos, traz à tona situações da política partidária. Mais especificamente, tratam da ocupação de militantes do movimento em cargos do governo (referem-se desde as pessoas que se tornaram forças locais, como os vereadores, até aquelas que ocupam cargos nacionais como deputados e até a presidência da república). Nestes casos, a desorganização é apresentada como consequência da “desunião dentro do próprio movimento”⁵⁷. Esta desunião seria ocasionada por brigas internas em busca do poder dentro do movimento, o que repercutiria em pouco apoio - ou pouca união como força opositora de pressão - junto àqueles que chegaram a ocupar cargos do governo, tornando-se representantes da nação.

Outro aspecto desse mesmo tema da desorganização política dos movimentos sociais foi ressaltado por um dos interlocutores, que chamou a atenção sobre o pouco lugar destinado ao jovem na participação e ocupação de cargos políticos. Ele argumentou que parte da responsabilidade por esse pouco espaço atribuído ao jovem reside, uma vez mais, na pouca organização interna dos movimentos sociais, quando seus membros não se agregam para investir na capacitação e formação política do jovem, não apostando em sua capacidade de assumir espaços e/ou cargos no governo.

Vejamos um trecho de fala de Erasmo que ilustra parte dessas reflexões. Trata-se de um recorte de seu posicionamento diante da pergunta da pesquisadora sobre que atitudes os jovens poderiam ter para diminuir a imagem negativa da juventude, que eles próprios apontam como sendo repertórios sobressalentes e repetitivos no discurso midiático:

Eu acho assim, é preciso uma reforma política tão grande nisso aí, tem que começar a implantar uma política pra juventude, e não apenas uma política pública, mas uma política partidária pros jovens começar a ter acesso e poder dar, poder ir penetrando dentro da política, na política partidária mesmo. Porque eu vejo que o jovem não participa. Aqui em Pernambuco mesmo foi criada a secretaria da juventude, coisa que outros estados não têm. Onde eu moro tem a

⁵⁷ Trecho recortado da fala de Erasmo, quando reflete sobre a necessidade de reformas políticas e reconfigurações na organização interna dos movimentos sociais.

diretoria da juventude, mas ela não tá junto com o jovem nem com a juventude. Não botaram o jovem político que a juventude escolheu ele, botaram o jovem que eles viram e pegaram. Por quê? Esse jovem já tava, ele não é uma pessoa que tá lá junto da gente. Ele é uma pessoa que eles viu e “ah, esse aí já tá alienado, esse aí tá bem estruturado pra discursar do mesmo jeito da gente e pronto”. Por que que eles num pegaram e “vamos fazer uma assembléia, vamos escolher o líder da juventude aqui no Recife”, vamos convidar a juventude e botar o governo pra escolher uma pessoa da juventude pra ser o secretário da juventude?” Por que isso num acontece muito? Porque também tem a juventude que é organizada, que é pequena, mas eles também, eles mesmo faz um acesso difícil, eles não têm política pública.

[...]

A gente vê gente do movimento social que tá dentro do sistema político entrando na política, aí é que é difícil! Porque ela não leva a massa com ela, ela só leva ela só, ele só. A gente tem a diretoria da mulher, também feita por uma pessoa que participa do movimento social, e a gente vê pouco desenvolvimento. Por que a gente vê pouco desenvolvimento? Porque ela levou ela só, ela não levou uma estrutura, tá entendendo o que eu quero dizer? Ela não levou uma estrutura dela, a gente precisa ter uma estrutura de base, as instituições se reúne, tá entendendo? Porque isso foi discutido no ENA. A gente tem que botar gente, tem que botar cadeira no plenário, no governo federal. E aí é interessante ver que num tem nenhum estrutura. Quando eu penso, quando entra uma pessoa só ela num vai ter como... as pessoas... ela vai se corromper por quê? Ela tá só lá dentro! Ela vai se perder no meio de uma multidão. Mas quando ela entra em conjunto, como eu disse, quando todas as instituições tiver junto... aí pode até ser que ela se corrompa lá dentro, mas a instituição vai quebrar ela. Entendesse?

Passemos, então, a um último aspecto do desestímulo à participação juvenil em movimentos sociais, que foi bastante enfatizado em todas as etapas da pesquisa – observação participante das reuniões, oficinas com expressões verbalizadas e não-verbalizadas, acompanhamento de um dia do cotidiano dos jovens – e também foi o aspecto que mais gerou concordância entre os informantes. Trata-se da referência a dificuldades financeiras. Vale ressaltar, uma vez mais, que os jovens que compunham a população participante dessa pesquisa vivem em situação de fragilidade social, são moradores de comunidades de baixa-

renda e experimentam em seu cotidiano limites estruturais pois, além da falta de dinheiro, o acesso à educação, à saúde, ao lazer, são deficientes, dada a baixa qualidade oferecida pelos serviços públicos.

Quando esses jovens associam as dificuldades financeiras à sua participação em movimentos sociais, esse aspecto surge como uma queixa ao trabalho não-remunerado que, segundo eles, realizam nesses espaços. Embora afirmem ter muitos ganhos com essa participação - acesso a uma formação crítica diferenciada, laços afetivos, conquistas em prol de mudanças político-sociais que acabam por beneficiá-los - lamentam que tanto investimento⁵⁸ deveria, também, gerar-lhe renda.

Esta crítica com relação a não-remuneração dos jovens que se envolvem e se dedicam a atividades dos movimentos sociais apareceu também nas práticas discursivas dos familiares com quem tivemos contato. Tanto no dia em que estivemos com Maria, como no dia em que estivemos com Jorge, acompanhando-os, pudemos conhecer suas famílias e em ambas as situações escutamos de seus parentes mais próximos queixas com relação à dificuldade financeira vivenciada no lar. Nesta ocasião, familiares dos jovens afirmaram desejar que os mesmos se desvinculassem do grupo ou movimento social a que se vinculam, a fim de buscarem emprego que lhes garantisse renda.

Nossos informantes também fizeram referência a experiências de outros jovens que têm vontade de ingressar nos movimentos sociais ou já o fizeram, mas acabaram por desistir, (des)motivados pela necessidade de ajudar na renda familiar. Nesse contexto, fazem referência ao capitalismo e às cobranças familiares por essa entrada na “adulter” e, com ela, a participação financeira nas despesas da casa.

Se nos voltarmos a refletir na idéia de “moratória social” defendida por Contardo Calligaris (2000) como sendo uma espécie de limbo na preparação para a entrada no mundo adulto, perceberemos que essa fase possivelmente não existe na vida desses jovens, pelo menos não de uma forma idealizada. Trata-se de jovens em situação de fragilidade social, em que não há o tempo de estudar para, em seguida, haver o tempo de procurar por emprego e, então, chegar o tempo de trabalhar, por exemplo. A necessidade financeira da família remete à necessidade de geração de renda por parte desse jovem, o que, por vezes, acaba por dificultar sua entrada e/ou manutenção junto ao movimento social.

Também o discurso recorrente da falta de dinheiro é, para esses jovens, lugar-comum. No caso deste estudo, nossos informantes falam do lugar de jovens ativistas, mas falam,

⁵⁸ Aqui a referência é aos investimentos afetivos e temporais, conforme já apresentamos anteriormente.

também, da posição de jovens pertencentes a um estrato social de baixa-renda. Assim, a má situação financeira típica e partilhada também reverbera em expressões lingüísticas típicas e regulares, que se repetem. É assim que localizamos mais um exemplo de gênero de fala, pois como nos faz refletir Mikhail Bakhtin (1986, *apud* WERTSCH, 1991): “um gênero de fala não é uma forma de linguagem, mas uma forma típica de enunciado: sendo assim, o gênero inclui também um certo tipo de expressão que se torna inerente a ele” (p. 54).

A pesquisadora buscou registrar uma discussão que se passava com os jovens enquanto observava as reuniões de que eles participavam. Tratava-se, àquela ocasião, de um momento em que a facilitadora do “grupo de jovens e adolescentes mobilizadores do MAB” punha em questionamento as ausências dos jovens nas reuniões, chamando-lhes a atenção pelo não cumprimento dos compromissos marcados.

Em meio às várias justificativas que traziam, alguns dos jovens fizeram referência às dificuldades financeiras vivenciadas⁵⁹. O jovem Nelson evidenciava isso em uma de suas falas: “Tem o problema da dispersão do movimento pras lojas, é o problema do capitalismo”, aqui se referindo aos sub-empregos a que se submetem, fazendo “bicos” para sanarem dificuldades financeiras, o que por vezes acaba por impossibilitar sua presença nas atividades assumidas junto ao movimento social.

Na dinâmica dessa reunião, inclusive, foi iniciada pelos jovens uma discussão sobre a possibilidade de se aventurarem na elaboração de projetos sociais que previssem remuneração financeira para aqueles que estão envolvidos. Essa atitude indicou-nos uma postura mais crítica e autônoma dos jovens, buscando soluções para as próprias dificuldades.

Também Cátia, já no contexto das oficinas realizadas, contribuiu para essa reflexão sobre a necessidade de ter dinheiro num contexto sócio-econômico capitalista:

E é difícil você lutar até mesmo por conta desse modelo capitalista, ne? Porque enquanto a gente ta aqui discutindo e debatendo coisas que seriam interessantes, por exemplo, eu que to aqui com a minha idade, com 18 anos, ta Nelson com 20 e poucos, então você em casa você é cobrado pelos seus pais: você tem que conseguir emprego, você tem que conseguir alguma coisa que traga alguma remuneração, ou um curso profissional e aí quando aparece um emprego você acaba saindo do movimento.

⁵⁹ Para participar desse projeto sobre saúde sexual e reprodutiva, sob o qual estes jovens se vinculam como “grupo de jovens e adolescentes mobilizadores”, não há remuneração financeira, mas recebem apenas o vale-transporte para ir e vir e lhes são servidos lanches.

Há trechos de discussões dos jovens em que eles chegam a expressar raiva ou indignação pelo fato de fazerem parte de uma pequena parcela que ainda vive de “filantropia” (termo utilizado pelos dos jovens). Mas também aí, uma vez mais, deixam escapar os conflitos vivenciados: ficam insatisfeitos por não serem remunerados, mas assumem o orgulho diante do posicionamento assumido de lutar por objetivos coletivos - ainda que indiquem que estão a fazer o que seria obrigação do Estado. Vejamos alguns trechos que ilustram tal discussão:

Nelson. O movimento pra mim, na minha visão, ele faz o papel que é do Estado fazer. O Estado é que deveria garantir, mas por que é que a gente faz na filantropia? A gente faz trabalho filantrópico e ... vai, ta massa... a gente vai aqui, vai ali, dá oficina aqui, conversa com alguém ali e vive liso! (todos riem). É a filantropia da gente, é só a gente que é filantrópico, mas não tem mais instituição filantrópica, num tem mais nada filantrópico não, véi. Isso é o Brasil!

Maria. É só a gente mesmo!

Nelson. É só a gente que é filantrópico mesmo e isso é porque só tem esse caminho pra seguir porque se a gente não enfrentar a prefeitura, a gente vai se corromper também. É assim, ou se corrompe, ou sai, ou morre! O modelo político num é assim? O Brasil num ta assim?

Diante do problema financeiro, parte dos jovens com quem dialogamos nessa pesquisa também fez queixas acerca da falta de acesso a “lazer de qualidade” ou a recursos educacionais que lhes proporcionassem uma educação ampliada: acesso a biblioteca, a computador e internet⁶⁰. Com relação ao lazer, falam de seus desejos de poderem assistir a peças em grandes teatros, a filmes nos cinemas, a shows musicais de cantores e cantoras clássicos, da música popular brasileira, mas que o acesso a cada um destes espaços ou eventos é bastante oneroso e impossível para eles. “Resta os shows de brega, que a gente paga três reais e vê um monte de banda a noite toda e ainda sobra uns trocados pra beber alguma coisa⁶¹”.

Uma vez mais refletem sobre a necessidade de se criar alternativas a lidar com a questão das dificuldades financeiras e o (não)acesso ao “lazer de qualidade”. Também nesse contexto reivindicam a validade do Estatuto da Criança e do Adolescente, que prevê a garantia de acesso ao lazer; criticam a postura do governo que não investe em políticas

⁶⁰ A inserção em ONG, grupos e movimentos sociais acaba funcionando, também, como possibilidade de acesso a esses recursos tecnológicos e materiais de qualidade.

⁶¹ Trecho recortado da fala de Maria.

públicas que propiciem melhorias na qualidade de vida da população de baixa renda; sugerem reformas em projetos como “Escola Aberta” proposto pelo governo federal, no qual, segundo eles, deveria haver incentivos de lazer para a população desfrutar aos domingos no espaço público da escola, mas, segundo relatam, o que acontece é apenas os portões abertos de uma escola onde nada funciona e nenhum trabalho sócio-educativo ou artístico-cultural se desenvolve.

Um último aspecto a ser ressaltado sobre a questão financeira remete aos instantes finais da última oficina. Para concluir os encontros e a parte da pesquisa que se desenvolvia com o grupo de jovens, propusemos que cada participante pudesse compartilhar com o grupo de um sonho seu.

Ainda com a esperança de que “um outro mundo seja possível”, mas ao mesmo tempo com a idéia de que investir nesses sonhos de mudança é como “construir castelos de areia”, os jovens, diante da proposta da pesquisadora, reagem de diferentes formas, mas sempre com expressões de surpresa. Reagem entre “Pôxa! Agora você me pegou!”; “Essa foi a pergunta mais difícil que você fez” até “Essa eu num quero responder não”, chegando a perguntas mais objetivas, como: “Pode ser sonho utópico ou tem que ser um sonho que seja real de acontecer?”

Tendo a liberdade de expressarem o sonho que desejassem, chamou-nos a atenção que os sonhos da maioria passavam, inicialmente, pelo desejo de um mundo melhor, acompanhado da expectativa por ações de solidariedade de outras pessoas em busca dessa melhoria, ao que brincavam “uma andorinha só não faz verão”.

Em seguida, a partir da fala de um deles que remetia a “um desejo consumista”, conforme definiu, abriu-se um espaço em que todos se colocaram desejosos de melhores condições financeiras. Foi curioso que, ao trazerem à tona a questão econômica, também o fizeram relacionando esse desejo ao movimento social: expressavam claramente que o sonho era de ganhar dinheiro atuando junto aos movimentos sociais.

Embora a idéia de propor falar de sonhos e desejos para concluir a oficina passasse por uma expectativa da pesquisadora em falar de coisas leves, felizes, trazendo a sensação de bem-estar aos jovens, ainda assim aspectos de “peso” voltaram a aparecer, como indica o trecho abaixo:

Felipe: Você não sabe o quanto foi difícil, no começo, colocar em uma palavra algo que expressasse alegria⁶², agora tá ainda mais difícil falar sobre um desejo...

Maria: É muito difícil mesmo pensar no desejo!

Felipe: Acho que dentro do movimento tá quebrado, se pensar nas expectativas...

[sinaliza com as mãos como se não houvesse nada com que criar expectativa]

Nelson: E é interessante porque se aqui tivesse jovens que não tão inseridos no movimento, com certeza sairiam outras coisas aqui, coisas mais...

Felipe: Com mais facilidade mesmo as coisas sairiam...

Nelson: É, com mais facilidade.

Felipe: Eu acho que as instituições, os movimentos precisariam fazer um trabalho de investir na auto-estima.

Nelson: Pode crer, velho. Precisa mesmo fazer um trabalho com a auto-estima!

Unindo-se essas informações, estando, nós, atentos ao processo de construção de sentidos sobre juventude a partir das práticas discursivas desse grupo privilegiado de informantes, pudemos perceber como são amplas e diversas as possibilidades de definição de juventude.

De forma semelhante, buscar compreender as noções de participação política desses jovens implica em buscar conhecer os seus repertórios, estando atentos aos consensos, mas também aos dissensos que vão sendo produzidos. Foi o que pudemos conferir em todas as etapas da pesquisa, a exemplo das recém-destacadas reflexões originadas no contexto do fechamento da oficina, quando as oscilações entre metas possíveis e “sonhos utópicos” foram indicados; quando as expectativas de que um mundo melhor seja possível coexistiram com falta de expectativas; quando, enfim, os prazeres e orgulhos de atuar junto aos movimentos sociais convivem com a baixa auto-estima e os obstáculos e sofrimentos derivados dessa imersão.

⁶² A oficina desse dia foi iniciada pedindo que cada um se apresentasse novamente, para que todos pudessemos relembrar os nomes e também porque houve um jovem que só participou da pesquisa nesse dia. Enquanto se apresentavam, eram solicitados a dizerem uma palavra que referisse algo que indicasse alegria em suas vidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando as práticas discursivas e as expressões corporais desse grupo de informantes, pudemos perceber como o espaço de articulação juvenil junto a movimentos sociais traz-lhe benefícios, orgulho, alimenta sonhos de busca por mudanças sócio-políticas. Chama-nos a atenção o quanto o movimento social é ressaltado no lugar de propiciador ou estimulador de uma formação crítica diferenciada, parecendo ser esta a consequência mais positiva da vinculação juvenil junto aos movimentos sociais.

Contudo, embora esse se mostre um ambiente privilegiado de desenvolvimento humano, ficou a impressão de que ainda há carência de reflexões críticas acerca dos próprios jovens, de seus projetos de vida, das implicações de suas ações junto ao movimento social. Proporcionar aos jovens um espaço de debates sobre a juventude e atuação política de jovens, indicou-nos um caminho de reflexão acerca dessa participação junto aos movimentos sociais, até então desconhecido ou pouco discutido, em que “nem tudo são flores”.

Passamos a considerar a importância deste viés por levar em consideração que vez por outra o tema do desestímulo à participação em movimentos sociais fez-se presente, e com bastante força argumentativa, com ênfases diferentes das que os jovens vinham indicando até então e diferentes também do que a literatura vem apontando, conforme percebemos em nossa revisão bibliográfica.

Esses aspectos do obstáculo, desestímulo ou sofrimento, chamaram-nos a atenção por algumas questões: 1) tais reflexões foram suscitadas mais fortemente pelos jovens nas últimas horas do último encontro que tivemos; 2) essas reflexões indicam o avesso das idéias absolutamente valorativas enfatizadas pelos jovens informantes sobre o lugar dos movimentos sociais em sua formação e em sua vida; 3) quando tal discussão finalmente foi focada nos diálogos entre jovens e pesquisadora, foi iniciada de maneira muito tímida e inexpressiva, porém rapidamente ganhando destaque e concordância nas falas da maior parte dos jovens ali presentes, inclusive daqueles que se mantiveram mais calados no decorrer das oficinas; 4) por

fim, tais reflexões destacaram-se a nós por indicar a convivência das tensões e divergências nas relações desenvolvidas pelos jovens junto aos movimentos sociais.

No que concerne à atuação política desses jovens, estes atos parecem estar presentes em seu fazer cotidiano, e não apenas como um discurso formatado, embora também esse aspecto tenha se evidenciado. Em alguns momentos, chamou-nos a atenção o uso de chavões, ou expressões do tipo lugar-comum, ou pensando numa perspectiva construcionista, percebemos “gêneros de fala”, quando regularidades lingüísticas se fizeram presentes (SPINK; MEDRADO, 1998). Expressões recorrentes como “o jovem tem direito a vez e voz”, “um outro mundo é possível”, “uma andorinha só não faz verão” ou a metáfora da atuação em busca de reformas políticas como “construir castelos de areia”, “lutar contra o sistema”, indicam essa repetição de frases prontas, por vezes isentas de reflexão.

Também outras expressões nem tão cristalizadas assim em nossa cultura nos fizeram suspeitar de repetições discursivas pouco reflexivas. Este é o caso do posicionamento deles, jovens ativistas, como aqueles que têm por função disseminar discussões, protagonizar atitudes de não-aceitação e luta por um mundo melhor, sendo co-responsáveis por mudanças sociais e políticas, conforme afirmam.

Em alguns trechos de suas falas, percebemos um vazio de conteúdos, como “frases de fachada”, reproduzidas por sua suposta força e impacto, buscando reafirmar a importância de suas ações, posicionando-os num espaço de reconhecimento como parcela privilegiada da população. Lembramo-nos, então, das *palavras de ordem* a que se referiam Gilles Deleuze e Felix Guattari (2004): palavras que decretam um espírito que não está na pessoa que fala, mas ela se torna a partir do momento que a profere e a toma para si. Há, assim, a repetição com uma intenção explícita, mas cuja construção não é deliberadamente sua ou condizente com sua experiência.

Chamamos *palavra de ordem* não uma categoria particular de enunciados explícitos (por exemplo, no imperativo), mas a relação de qualquer palavra ou de qualquer enunciado com pressupostos implícitos, ou seja, com atos de fala que se realizam no enunciado, e que podem se realizar apenas nele. As palavras de ordem não remetem, então, somente aos comandos, mas a todos os atos que estão ligados aos enunciados por uma “obrigação social”. Não existe enunciado que não apresente esse vínculo, direta ou indiretamente (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 16, grifos dos autores).

Embora haja recorrência destes termos ou expressões, há que se considerar, contudo, que nosso estudo em sua perspectiva construcionista não tem por fim apenas buscar regularidades ou consensos, mas também tensões e, principalmente, polissemias de sentidos.

Desse modo, não podemos deixar de ressaltar impressões opostas às que viemos apontando acerca das fragilidades dessa participação política.

Em certos momentos da pesquisa, levando em conta suas práticas discursivas, suas expressões corporais, seus desenhos, encenações e posturas diante das reuniões em que se encontravam, havia consistência no que aquele grupo de jovens dizia. Eles assinalavam estruturas sociais enrijecidas, com ganhos apenas para uma minoria da população; discutiam essas situações e indicavam posturas necessárias a mudanças nesse paradigma, ao mesmo tempo em que nos conduziam a pensar em caminhos possíveis: de articulação, de reforma política, de participação social. Nesses instantes, havia, além de discursos por vezes institucionalizados ou vazios, reflexões legítimas do teor que se apresentava e se discutia.

Além do aspecto do discurso - formalizado ou não -, há que se considerar as participações desses jovens em espaços públicos, como indicadores de sua postura e atuação política: estes jovens têm estado implicados em manifestações de rua como passeatas, atos públicos, vigílias; têm ocupado lugares de discussão privilegiada como o Fórum das Juventudes e o Encontro Nacional de Adolescentes; têm levado reflexões para sua comunidade, disseminando conhecimentos; têm estado em espaços de formação e incidência política, além da presença em contextos e apresentações de arte e cultura, fazendo uso de outras formas de expressão.

Embora suas atitudes indiquem postura política, ainda que suas reflexões passem por uma formação diferenciada, chamou-nos a atenção, também, a relação de “vício” que dizem estabelecer com o movimento social, a qual lhes retiraria, nesse contexto, a possibilidade de escolha.

Mesmo que a participação junto a grupos e movimentos sociais seja avaliada positivamente pelos jovens - por meio deles pode-se questionar o mundo e buscar por mudanças -, por outro lado, a possibilidade de escolhas sucumbe ao vício, quando já não é possível optar por estar ou não fazendo parte daquele movimento e de suas lutas. É como se o jovem se vinculasse ao movimento social por opção, mas em dado momento se mantivesse articulado a ele por falta de opção. Essas reflexões suscitaram-nos, então, algumas perguntas: o que é da vontade do jovem? Por que não sair, se essa é a vontade?

Outras questões que construímos diante da pesquisa realizada com esses jovens militantes envolvem a relação conturbada que afirmam existir entre eles e jovens que não se vinculam a movimentos sociais. Embora estes últimos sejam por eles criticados, acusados de manterem-se na ignorância, “na alienação”, acomodando-se ao “sistema” como está posto, são ressaltadas a felicidade e a leveza como marcas da vida daqueles jovens não-participantes

de grupos e movimentos sociais. Fica implícita, então, a tristeza na vida desses jovens que se envolvem demasiadamente com atuações políticas em busca da conquista de “um mundo melhor”. Não seria possível a esses jovens desenvolver ações e investimentos pautados numa maior leveza ao reivindicar por um mundo melhor?

Quando iniciamos nosso estudo, partimos de uma pluralidade de sentidos sobre juventude encontrados na literatura especializada. Percebemos, também, que essas noções distintas eram quase sempre elaboradas numa perspectiva “adultocêntrica” e enfatizavam construções que punham os jovens identificados como problema social; noutra conotação, em que se privilegiavam aspectos mais positivos de juventude, estes mesmos jovens apareciam, freqüentemente, como sujeitos políticos vinculados aos movimentos sociais.

Eis que optamos, então, por dialogar com um grupo privilegiado de atores sociais, no caso lideranças juvenis do MAB, vislumbrando a oportunidade de compreender processos de construção de sentidos sobre juventude e participação política juvenil. Chegamos, enfim, a um ponto de saturação de informações, em que elas passaram a girar em torno de aspectos aos quais já viamos acessando no decorrer da pesquisa e não nos surpreendemos por nos deparar com novas concepções e, mais uma vez, com a reunião de plurais sentidos sobre juventude e atuação política juvenil na contemporaneidade.

Não ficamos surpresos com esse resultado porque não buscávamos por consensos, logo, a pluralidade já era por nós esperada. Contudo, acreditamos que avançamos ou ampliamos nosso olhar porque temos a possibilidade, agora, de acessar um viés da produção de sentidos sobre participação política juvenil por meio do diálogo com os principais atores sociais envolvidos nessa discussão: os próprios jovens.

Como em nosso estudo priorizamos como informantes jovens atuantes em movimentos sociais, pudemos, então, entender e participar da construção de sentidos sobre juventude a partir de práticas discursivas dessa parcela da população. Nesse sentido, foi-nos possibilitado conhecer diferentes jogos de posicionamento que culminavam em diferentes nomeações possíveis de juventude, que dependiam do lugar de onde se falava.

Assim é que esse estudo nos possibilitou adentrar em universos plurais, nos quais jovens ora são apresentados como protagonistas, multiplicadores, ativistas; noutras circunstâncias são loucos, dependentes, “suicidas”, são chatos e revolucionários; há ainda percepções que indicam jovens baderneiros, “maloqueiros”, revoltados; isso sem falar naquelas definições que atribuem sentidos de alienação e massificação, em contraposição ao desenvolvimento de estratégias de singularidade e autonomia. Cada nomeação, definição ou

posicionamento situado em seu contexto de produção: quem fala, quando fala e para quem se fala.

Sobre as construções de sentidos acerca da participação política juvenil, gostaríamos de destacar pelo menos dois aspectos. O primeiro é que, embora as formas de atuar politicamente venham se modificando, incluindo expressões artístico-culturais, capacitações e proposições a reformas políticas, a ênfase parece continuar nos tradicionais manifestos de rua e reivindicações mobilizadas pelo movimento estudantil, com seus “gritos de guerra”, lutando em favor de “minorias sociais”. Embora novas configurações possam ser observadas, a marca de engajar-se e atuar politicamente do jovem é ainda bastante pautada nos modelos de juventude alavancados pelas décadas de 1960/1970, ainda que já não tenhamos, por exemplo, uma ditadura como forma de governo e militares nas ruas contra os quais lutar.

O segundo aspecto a dialogarmos diz respeito às implicações de atuar politicamente junto a movimentos sociais, construídas pelos jovens participantes desse estudo. As tensões entre o orgulho e prazer *versus* as dificuldades e sofrimentos atribuídos por estes informantes a essa vinculação nos parece relevante por estar diretamente relacionado às noções de política produzidas. Essas noções giram em torno da necessidade de serem sujeitos sociais, de assumirem responsabilidades pela transformação política e social vivenciada; embute a necessidade de capacitações para se envolver em espaços de discussão e luta, ainda que, para tanto, releguem parte da convivência familiar, do lazer, investindo demasiado tempo e afetos; incute críticas àqueles que não têm o desejo de se vincular aos movimentos sociais; engloba, enfim, relações de amor e ódio, “dependência”, “loucura”, como pudemos conferir nos cinco repertórios lingüísticos destacados na análise dessa pesquisa.

Sabemos, todavia, - e não é essa a nossa intenção - que essa discussão não se esgota por aqui. Acreditamos que se hoje fôssemos realizar essa pesquisa, seguindo os mesmos procedimentos metodológicos, outros dados encontraríamos: os jovens seriam os mesmos, mas talvez com outras construções e reflexões; a pesquisadora poderia ser a mesma, mas também já com outra noção do que se pretendia pesquisar. Enfim, nem buscamos que este estudo seja replicado - característica tão cara às ciências positivistas - nem tampouco buscamos oferecer verdades. Nossa intenção é apresentar outras versões possíveis do entendimento de juventudes e participação política juvenil.

Compreender os jogos de posicionamento implícitos e explícitos, auto-referidos ou relacionados aos outros, permite-nos um (novo) olhar, agora ampliado, construído e reconstruído; dá-nos, enfim, a possibilidade de melhor compreender o que jovens vêm dizendo, absorvendo e formulando sobre si mesmos e sobre outros jovens, considerando as

relações estabelecidas entre si, com seus pares e com aqueles a quem, por vezes, sinalizam como opositores.

Por fim, gostaríamos de ressaltar que acreditamos que o acesso a esse universo de informações só foi possível graças à perspectiva da multimodalidade adotada. Não tínhamos a intenção de confrontar ou complementar informações encontradas, mas, por meio de métodos distintos, tínhamos o intuito de ampliar o olhar sobre nosso objeto de estudo. Seja por meio das verbalizações das práticas discursivas dos jovens, seja com base nas observações participantes de suas reuniões ou do acompanhamento de um dia do cotidiano de dois jovens, ou ainda considerando suas expressões corporais, desenhos e encenações, acreditamos, então, contar com uma pluralidade de informações acumuladas e sentidos construídos acerca de jovens e participação política juvenil.

Para nossa insatisfação, parte dos registros teve sua análise limitada, se comparada ao tratamento e cuidado que gostaríamos de ter, ainda, acrescentado a este estudo, se tivéssemos mais tempo disponível. Acabamos por centralizar nossa análise nas falas dos jovens. As imagens, vídeos, desenhos e expressões corporais não tiveram um procedimento analítico particular como intencionávamos; outrossim, serviram de base para uma compreensão melhor situada das falas, residindo aí sua maior contribuição à pesquisa.

Há também que sinalizar dificuldades no que concerne ao uso do construcionismo social como abordagem de referência. Apenas nos últimos dois anos a pesquisadora iniciou os estudos sobre esta perspectiva, estando, dessa forma, ainda se aproximando e conhecendo o referencial adotado. Assim é que desde a postura como pesquisadora até os termos habitualmente utilizados entraram, por vezes, em conflito com a abordagem construcionista. Não há como negar a força de hábitos positivistas no desenvolvimento de pesquisa científica, o que a levava a escrever e reescrever os capítulos da dissertação, imbuída de intenção de “construir sentidos” e não “representar realidades”; de “registrar informações” e não “coletar dados”; de “dialogar com os participantes” e não “colher informações dos sujeitos”.

Apesar destas dificuldades, levando em conta os limites que circundam uma pesquisa científica, considerando o período de apenas dois anos de duração de um mestrado, ainda assim temos a clareza de que nos centramos em um conjunto de informações, construções e análises possíveis.

As vivências e registros dessa pesquisa permitem, por um lado, imprimir aos jovens um olhar ampliado, construindo contribuições sociais; por outro, nos proporciona a possibilidade de reunir questões que não pudemos responder, mas nos remetem à necessidade de outros estudos.

Sobre as contribuições dessa pesquisa gostaríamos de ressaltar que, além da possibilidade de contribuir academicamente, ampliando estudos sobre juventude e participação política juvenil, oferecendo informações e discussões acumuladas sobre o tema, acreditamos poder contribuir também com outros atores sociais. Para aqueles que trabalham com o público jovem, especialmente no contexto de políticas públicas, grupos e movimentos sociais, apresentamos entendimentos, sentidos e indagações em construção pelos próprios jovens sobre as implicações dessas instituições em seu cotidiano e em seus projetos de vida, o que acreditamos serem relevantes informações a esses coletivos sociais.

Gostaríamos de ressaltar, por fim, possíveis contribuições desse trabalho aos jovens, especialmente àqueles que participaram diretamente da pesquisa, ajudando a construir questões e reflexões. Acreditamos que, facilitando aos jovens o acesso a essa produção, poderemos contribuir para que reflitam suas práticas e escolhas.

Acessando suas próprias falas, os debates em que se implicaram, as questões e queixas que construíram, os termos de que fizeram uso pra falar de si e do outro, nesses registros os jovens poderão encontrar produções elaboradas conjuntamente que favoreçam reflexões pessoais e coletivas. Estes jovens encontrarão, neste estudo, a exposição de seus consensos e dissensos, os estímulos e desestímulos, as conseqüências positivas e o “pesar” de optar por atuar politicamente junto a grupos e movimentos sociais. Acreditamos, assim, que todos esses elementos reunidos num só material provocarão neles reflexões sobre a própria vida e trajetórias a serem seguidas.

Com o intuito de atuar ética e politicamente, levando de volta essas discussões construídas aos jovens que participaram dessa pesquisa, disponibilizaremos essa dissertação nas bibliotecas das instituições a que se vinculam e também na biblioteca virtual do MAB. Temos, ainda, a intenção de reuni-los uma vez mais para apresentar-lhes estas discussões, oferecendo-lhes a possibilidade de refletir conjuntamente sobre questões então trabalhadas nesse estudo. Acreditamos, inclusive, que a devolutiva dos resultados e discussões dessa pesquisa podem constituir novas oportunidades de produção de novos sentidos sobre participação política juvenil por esse grupo de jovens.

Sobre outras perguntas suscitadas nesse estudo, provocadoras de novos estudos, indicamos:

1) os jovens participantes de movimentos sociais referem-se a outros jovens que não se articulam a esses espaços como seus opositores, enfatizando tensões entre eles. Será que também os jovens não-participantes de movimentos sociais percebem relações tensas com aqueles outros? Será que fazem referências àqueles ao pensarem sobre juventude?

2) os espaços possíveis de ação reservados aos jovens nos movimentos sociais parecem ser restringidos por adultos que organizam tarefas, distribuindo-as entre seus participantes; até mesmo a idéia do “protagonismo juvenil” é criada por adultos; ao mesmo tempo, fala-se na formação de “cidadãos críticos, autônomos, atuantes”. Não seriam essas idéias incongruentes entre si? Estes aspectos teriam influência no desestímulo à participação juvenil junto aos movimentos sociais?

3) qual o lugar do jovem nos movimentos sociais, sob o viés dos adultos que os organizam?

4) quais as percepções do movimento social e do engajamento de jovens junto a esses espaços, na perspectiva dos familiares desses jovens?

Enfim, essas são algumas das questões suscitadas por esse estudo, que abrem portas a outras pesquisas que possam contribuir na construção do conhecimento científico e na ampliação do olhar dirigido aos jovens.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena. **Cenas Juvenis: punks e darks** no espetáculo urbano. São Paulo: Scritta, 1994.

_____. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**. Número especial: Juventude e Contemporaneidade. Rio de Janeiro, n. 5 e 6, p. 25-36, mai./dez. 1997.

_____. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, Helena; BRANCO, Pedro Paulo (Org.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Instituto Cidadania: Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 37-72.

ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary; SILVA, Lorena. **Juventudes e Sexualidade**. 2. ed. Brasília: UNESCO, 2004.

ALVIM, Rosilene. Olhares sobre a juventude. **Comunicações do ISER. Edição especial: Juventude, cultura e cidadania**. Rio de Janeiro, ano 21, 2002.

ARENDT, Hannah. **A dignidade da política: ensaios e conferências**. 3. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1993 (Tradução: Helena Martins et al.).

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

BAKHTIN, Mikhail. Interação Verbal. In: BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1997. p. 110-127.

BAUER, Martim.; GASKELL, George.; ALLUM, Nicholas. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento: evitando confusões. In: BAUER, Martim.; GASKELL, George. (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 17-36.

BOGDAN, Robert.; TAYLOR, Steven. **Introdução aos métodos da pesquisa qualitativa**. Fortaleza, 1980. (Tradução de Tereza Haguete - mimeo).

CALLIGARIS, Contardo. **A Adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.

CARDOSO, Ruth.; SAMPAIO, Helena. **Bibliografia sobre a juventude**. São Paulo: EdUSP, 1995.

CARLINI-COTRIM, Beatriz. Potencialidades da técnica qualitativa *grupo focal* em investigações sobre abuso de substâncias. **Revista de Saúde Pública**. São Paulo, v. 30, n.3, jun., p. 27-35, 1996.

CASTRO, Lucia Rabello.; MENEZES, Jaileila. Subjetivação Política: novos contornos no contemporâneo. **Praia Vermelha: Estudos de Política e Teoria Social – Pós-Graduação em Serviço Social do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, n. 7, p. 58-121, jul./dez. 2002.

CASTRO, Mary Garcia. et al. **Cultivando vida, desarmando violências**: experiências em educação, cultura, lazer, esporte e cidadania. Brasília: UNESCO, 2001.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1995.

CORDEIRO, Rosineide. **Além das secas e das chuvas**: o uso da nomeação *mulher trabalhadora rural* no sertão central de Pernambuco. 2004. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

COSTA, Jurandir Freire. Perspectivas da juventude na sociedade de mercado. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (Org.). **Juventude e Sociedade**: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 75-88.

_____. **A Subjetividade Exterior**, 2004. Disponível em: www.jfreirecosta.hpg.ig.br
Acesso em: 15/10/2006.

CRUZ, Rossana. **Emergencia de culturas juveniles**: estratégias del desencanto. Buenos Aires - Argentina: Norma, 2000.

DAVIES, Bronwin.; HARRÉ, Rom. Positioning: the discursive production of selves. In: **Journal for the Theory of Social Behavior**, v. 20, n. 01, p. 43-63, 1990. (Tradução: Mary Jane Spink- mimeo).

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. v. 2. Rio de Janeiro: 34, 1995. (Tradução: Ana Lucia de Oliveira e Lucia Claudia Leão).

DÍAZ, Angelo; RAMOS, Luís Herique. Movimientos Sociales Juveniles en Latinoamérica. **Conciencia Latinomaericana**. Edición Especial: Movimientos Sociales: una nueva esperanza para América Latina. México, v. XV, n. 13, Abr., 2006.

FÓRUM DAS JUVENTUDES. **Juventude é atitude**: qual é a sua? Pesquisa: organização e grupos juvenis no Recife. Recife, 2003.

FOUCAULT, Michel. **História da Loucura**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002. (Tradução: José Teixeira Coelho Neto).

_____. **A ordem do discurso**. 15. ed. São Paulo: Loyola, 2007. (Tradução: Lula Fraga de Almeida Sampaio).

FRANCH, Monica. Nada para fazer? Um estudo sobre atividades no tempo livre entre jovens de periferia no Recife. **Revista Brasileira de Estudos de População**. p. 117-134. ABEP, 2002.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martim.; GASKELL, George. (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 64-89.

GERGEN, Kenneth. The social constructionist movement in modern psychology. In: *American Psychologist*, v. 40, n. 3, p. 266-275. 1985. (Tradução: Ercy José Soar Filho).

GILL, Rosalind. Análise de discurso. In: BAUER, Martim.; GASKELL, George. (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 244-270.

GOHN, Maria da Glória. Movimentos Sociais na atualidade: manifestações e categorias analíticas. In: GOHN, Maria da Glória (Org.). **Movimentos sociais no início do século 21: artigos e novos atores sociais**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 13-32.

_____. Uma proposta teórico-metodológica para a análise dos movimentos sociais na América Latina. In: GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos Movimentos Sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. São Paulo: Loyola, 2004. p. 241-269.

GROPPO, Luís Antonio. **Juventude: ensaios sobre Sociologia e História das juventudes modernas**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

GUATTARI, Felix.; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.

GUZZO, Marina. **Risco como Estética, Corpo como Espetáculo**. 2004. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

IÑIGUEZ, Lupicinio. A linguagem nas ciências sociais: fundamentos, conceitos e modelos. In: IÑIGUEZ, Lupicinio. (Coord.) **Manual de análise do discurso em ciências sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. p. 50-104.

KEHL, Maria Rita. A juventude como sintoma da cultura. In: NOVAES, Regina.; VANNUCHI, Paulo (Org.). **Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 89-114.

LACLAU, Ernesto. Universalismo, particularismo e questão da identidade. In: MENDES, Candido. **Pluralismo cultural, identidade e globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 229-250.

LEÃO, Luciana. **Saúde do adolescente: atenção integral no plano da utopia**. 2005. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

LEVI, Giovanni.; SCHMITT, Jean-Claude (Org.). **História dos jovens: da antiguidade à era moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. (Tradução: Claudio Marcondes, Nilson Moulin; Paulo Neves).

LÉVY, André. **Ciências clínicas e organizações sociais: sentido e crise do sentido**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. (Tradução: Eunice Dutra Galery, Maria Emília Torres Lima; Nina de Melo Franco).

LODI, Célia.; JOBIM-e-SOUZA, Solange. Juventude, cultura *hip-hop* e política. In: CASTRO, Lucia; CORREA, Jane. **Juventude contemporânea: perspectivas nacionais e internacionais**. Rio de Janeiro: NAU: FAPERJ, 2005. p. 135-159.

LYRA DA FONSECA, Jorge. **Paternidade adolescente: uma proposta de intervenção**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1997.

MARTINELLI, Maria Lucia. O uso de abordagens qualitativas na pesquisa em Serviço Social. In: MARTINELLI, Maria Lucia. (Org.). **Pesquisa qualitativa: um instigante desafio**. São Paulo: Veras, 1999. p. 19-27.

MATOS, Aécio. **Organização social de base: reflexões sobre significados e métodos**. Brasília: Abaré, 2003. (Debates e Ação - v. 4).

MEDRADO, Benedito. Das representações aos repertórios: uma abordagem construcionista. **Psicologia e Sociedade**. São Paulo, v. 10, n. 1, p. 86-103, 1998.

MEDRADO-DANTAS, Benedito. **Tempo ao tempo: a gestão da vida em idade**. Tese (Doutorado em Psicologia) –Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.

MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. **Revista Brasileira de Educação**. Número especial: Juventude e Contemporaneidade. Rio de Janeiro, n. 5 e 6, p. 05-14, mai./dez. 1997. (Tradução: Angelina Teixeira Peralva).

_____. Para uma teoria dos movimentos sociais. In: MELUCCI, Alberto. **A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas**. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 29-69. (Tradução: Maria do Carmo Alves do Bomfim).

MENEGON, Vera. **Menopausa: imaginário social e conversas do cotidiano**. 1998. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1998.

MENEGON, Vera.; MEDRADO, Benedito.; SPINK, Mary Jane. **Oficina como estratégia de pesquisa construcionista: focalizando a interanimação dialógica na produção de sentidos**, 2007. (Texto ainda não publicado- mimeo).

MENEZES, Jaileila. **Do si mesmo ao outro: vicissitudes da subjetivação política no contemporâneo**. 2004. Tese (Doutorado em Psicologia). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

MISCHE, Ann. De estudantes a cidadãos: redes de jovens e participação política. **Revista Brasileira de Educação**. Número especial: Juventude e Contemporaneidade. Rio de Janeiro, n. 5 e 6, p. 134-150, mai./dez. 1997.

MOUFFE, Chantal. Identidade democrática e política pluralista. In: MENDES, Candido. **Pluralismo cultural, identidade e globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 410-430.

_____. Democracia, cidadania e a questão do pluralismo. **Política & Sociedade: Revista de Sociologia Política / Universidade Federal de Santa Catarina de Pós-Graduação em Sociologia Política**. Florianópolis, v. 1, n. 3, p. 11-26, 2003.

MÜXEL, Anne. Jovens dos anos noventa: à procura de uma política sem “rótulos”. **Revista Brasileira de Educação**. Número especial: Juventude e Contemporaneidade. Rio de Janeiro, n. 5 e 6, p. 151-166, mai./dez. 1997.

NETO, Otavio. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, Maria Cecília. (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 51-66.

NOVAES, Regina. Juventude e participação social: apontamentos sobre reinvenção da política. In: ABRAMO, Helena et al. (Org.). **Juventude em Debate**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002. p. 46-69.

_____. Juventudes cariocas: mediações, conflitos e encontros culturais. In: Hermano Vianna (Org.). **Galerias cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003. p. 119-160.

_____. Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz a diferença? In: ABRAMO, Helena; BRANCO, Pedro (Org.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Instituto Cidadania: Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 263-290.

_____. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: ALMEIDA, Maria Isabel et al. (Org.). **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. p. 150-120.

OLIVEIRA, Carmen. **Sobrevivendo no inferno: a violência juvenil na contemporaneidade**. Porto Alegre: Sulinas, 2001.

PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Casa da Moeda, 1993.

_____. Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. In: ALMEIDA, Maria Isabel et al. (Org.). **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. p. 7-24.

PAIVA, Marcelo. Juventude e Mobilização. In: ABRAMO, Helena et al. (Org.). **Juventude em Debate**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002. p. 42-46.

POTTER, Jonathan. et al. Discourse: noun, verbo or social practice? In: **Philosophical Psychology**, v.3, n.2, p. 205-217, 1990. (Tradução: Juliana Spink – mimeo).

POTTER, Jonathan. and WETHERELL, Margaret. How to analyse discourse. In: **Discourse and social psychology: beyond attitudes and behavior**. London: Sage, 1987, p. 158-176. (Tradução: Oswaldo Rodrigues Junior – mimeo).

RASERA, Emerson.; JAPUR, Marisa. **Grupo como construção social: aproximações entre construcionismo social e terapia de grupo**. São Paulo: Vetor, 2007.

RIBEIRO, Renato Janine. Política e juventude: o que fica da energia. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (Org.). **Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 19-33.

ROLNIK, Suely. Toxicômanos de identidade: subjetividade em tempo de globalização. In: (LINS, D.) **Cultura e Subjetividade: saberes nômades**. Campinas, SP: Papirus, 1997.

SCHERER-WARREN, Ilse. **Cidadania sem fronteiras: ações coletivas na era da globalização**. São Paulo: Hucitec, 1999.

SOARES, Luiz Eduardo. O futuro como passado e o passado como futuro: armadilhas do pensamento cínico e política da esperança. In: ALMEIDA, Maria Isabel et al. (Org.). **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. p. 121-138.

SPINK, Mary Jane. A ética na pesquisa social: da perspectiva prescritiva à interanimação dialógica. **Revista Semestral da Faculdade de Psicologia da PUCRS**. Porto Alegre, v. 31, n. 1, jan./jul., p. 7-22, 2000.

_____. **Linguagem e produção de sentidos no cotidiano**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

_____. O poder das imagens na naturalização das desigualdades: os crimes no cotidiano da mídia jornalística. In: SPINK, Mary Jane e SPINK, Peter. (Org.). **Práticas cotidianas e a naturalização da desigualdade: uma semana de notícias nos jornais**. São Paulo: Cortez, 2006. p. 17-41.

SPINK, Mary Jane.; FREZZA, Rose. Práticas discursivas e produção de sentidos: a perspectiva da Psicologia Social. In: SPINK, Mary Jane. (Org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. São Paulo: 1998. p. 17-40.

SPINK, Mary Jane.; MEDRADO, Benedito. Produção de sentidos no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. In: SPINK, Mary Jane. (Org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. São Paulo: Cortez, 1998. p. 41-61.

SPINK, Mary Jane.; MENEGON, Vera. A pesquisa como prática discursiva: superando os horrores metodológicos. In: SPINK, Mary Jane. (Org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. São Paulo: Cortez, 1998. p. 63-92.

_____. Práticas discursivas como estratégias de governamentalidade: a linguagem dos riscos em documentos de domínio público. In: IÑIGUEZ, L.(Org.). **Manual de análise do discurso em ciências sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. p. 258-303.

SPINK, Peter. Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-construcionista. **Psicologia e Sociedade**. São Paulo: ABRAPSO, v. 15, n. 2, jul./dez., p. 18-42, 2003.

SPOSITO, Marília. Estudos sobre juventude em educação. **Revista Brasileira de Educação**. Número especial: Juventude e Contemporaneidade. Rio de Janeiro, n. 5 e 6, p. 37-52, mai./dez. 1997.

_____. Algumas reflexões e muitas indagações sobre relações entre juventude e escola no Brasil. In: ABRAMO, Helena.; BRANCO, Pedro (Org.). **Retratos da juventude brasileira:**

análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Instituto Cidadania: Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 87-128.

TRIVIÑOS, Augusto. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1995.

VELHO, Gilberto. Juventudes, projetos e trajetórias na sociedade contemporânea. In: ALMEIDA, Maria Isabel et al. (Org.). **Culturas jovens**: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. p. 192-200.

VIANNA, Hermano (Org.). **Galerias cariocas**: territórios de conflitos e encontros culturais. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

WERTSCH, James. Beyoung Vygotsky: Bakhtin's contribution. In: **Voices of the mind**. Cambridge: Harvard University Press, 1991, p. 46-66. (Tradução: Carola Ahlgrimm - mimeo).

APÊNDICES

APÊNDICE 01

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro que estou ciente de estar participando da pesquisa *Os jovens de cá e os jovens de lá”: compreendendo a construção de sentidos sobre juventude por jovens participantes e não-participantes de movimentos sociais*. Fica acordado que as informações por mim fornecidas não serão utilizadas para outro fim além deste.

Estou ciente que se trata de uma atividade voluntária, que posso desistir a qualquer momento e que a participação não envolve remuneração. Nestes termos, posso recusar e/ou retirar este consentimento, informando aos pesquisadores, sem prejuízo para ambas as partes a qualquer momento que eu desejar. Tenho o direito também de determinar que sejam excluídas do material da pesquisa informações que já tenham sido dadas.

Fui informado que a pesquisa não envolve riscos ou danos à saúde e que a equipe de pesquisa garantirá a confidencialidade e o anonimato. Minha participação será gravada em vídeo a fim de registro para estudos desta pesquisa, mas minhas imagens não serão exibidas ou utilizadas para outros fins.

A assinatura desse consentimento não inviabiliza nenhum dos meus direitos legais.

Caso ainda haja dúvidas, tenho direito de esclarecê-las agora, ou, em surgindo alguma dúvida no decorrer da atividade, esclarecê-las, a qualquer momento. A pesquisadora responsável por esta pesquisa é:

Érika de Sousa Mendonça.

Telefone de contato: (81) 8888-2937

Após ter lido e discutido com a pesquisadora os termos contidos neste consentimento esclarecido, concordo em participar como informante, colaborando, desta forma, com a pesquisa.

Recife, ____/____/20____.

Assinatura:

Nome completo:

Em caso de menoridade:

Responsável - Assinatura:

Nome completo:

Pesquisador - Assinatura:

Nome completo:

Testemunhas Assinatura:

Nome completo:

Assinatura:

Nome completo:

APÊNDICE 02

Ficha de Identificação sócio-demográfica

1. Nome completo			
2. Sexo	☐ Masculino	☐ Feminino	
3. Data de nascimento	____/____/____		
4. Qual seu estado civil? ☐ Solteiro ☐ Casado ☐ Separado/divorciado ☐ Viúvo ☐ União consensual (vive com alguém, moram juntos)			
5. Seguindo a classificação do IBGE, qual a sua cor ou raça? ☐ branca ☐ preta ☐ parda ☐ amarela ☐ indígena			
6. Com qual religião você mais se identifica? <i>[pode marcar mais de uma]</i> ☐ católica ☐ espírita/kardecista ☐ umbanda ☐ candomblé ☐ nenhuma ☐ evangélica. Qual? _____ ☐ outra. Qual? _____ ☐ Não sei			
7. Você estudou até que série? ☐ sabe ler e escrever ☐ ensino fundamental incompleto ☐ ensino fundamental completo ☐ ensino médio incompleto ☐ ensino médio completo ☐ ensino superior incompleto. Qual curso? _____ ☐ ensino superior completo. Qual curso? _____ ☐ mestrado/doutorado (em andamento ou concluído) Qual curso? _____			
8. Contato (telefone/e-mail)			
9. Qual a ONG (ou grupo) de que participa			
10. Há quanto tempo atua junto com esta ONG (ou grupo)?			
11. Atividades principais que você desenvolve nesta ONG (ou grupo)?			
12. Desde quando participa de movimentos sociais? Qual?			
13. Já participou de outra ONG? Qual(is)?			
14. Há quanto tempo faz parte do MAB?			
15. Como você se identifica no MAB: ☐ adolescente ☐ jovem ☐ educador ☐ outro. Qual? _____			

APÊNDICE 03

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro que estou ciente de estar participando de uma pesquisa que envolve discussões grupais sobre juventude. Fica acordado que as informações por mim fornecidas não serão utilizadas para outro fim além deste.

Estou ciente que se trata de uma atividade voluntária, que posso desistir a qualquer momento e que a participação não envolve remuneração. Nestes termos, posso recusar e/ou retirar este consentimento, informando à pesquisadora, sem prejuízo para ambas as partes a qualquer momento que eu desejar. Tenho o direito também de determinar que sejam excluídas do material da pesquisa informações que já tenham sido dadas.

Fui informado(a) que no decorrer da pesquisa posso me sentir constrangido por estar discutindo, em grupo, questões de juventude, sendo eu um(a) jovem. No entanto, também me beneficiarei desses instantes de discussão, por me ser dada a possibilidade de refletir e me posicionar diante de debates sobre a juventude. Fui informado(a) de que a pesquisadora garantirá a confidencialidade e o anonimato. Minha participação será gravada em vídeo a fim de registro para estudos desta pesquisa, mas minhas imagens não serão exibidas ou utilizadas para outros fins.

A assinatura desse consentimento não inviabiliza nenhum dos meus direitos legais.

Caso ainda haja dúvidas, tenho direito de esclarecê-las agora, ou, em surgindo alguma dúvida no decorrer da atividade, esclarecê-las, a qualquer momento. A pesquisadora responsável por esta pesquisa é:

Érika de Sousa Mendonça.

Telefone de contato: (81) 8888-2937

Após ter lido e discutido com a pesquisadora os termos contidos neste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, concordo em participar como informante, colaborando, desta forma, com a pesquisa.

Recife, ____/____/20____.

Participante - Assinatura: _____

Nome completo: _____

Pesquisadora - Assinatura: _____

Nome completo: _____

Testemunhas - Assinatura: _____

Nome completo: _____

Testemunhas - Assinatura: _____

Nome completo: _____

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro que estou ciente da participação do(a) menor _____ numa pesquisa que envolve discussões grupais sobre juventude. Fica acordado que as informações fornecidas por mim ou pelo(a) menor não serão utilizadas para outro fim além deste.

Estou ciente que se trata de uma atividade voluntária, em que eu ou o(a) menor poderemos desistir a qualquer momento e que a participação não envolve remuneração. Nestes termos, podemos recusar e/ou retirar este consentimento, informando à pesquisadora, sem prejuízo para ambas as partes a qualquer momento que desejar. Também temos o direito de determinar que sejam excluídas do material da pesquisa informações que já tenham sido dadas.

Fui informado(a) que podem haver momentos de constrangimento, já que os(as) jovens estarão discutindo, em grupo, sobre questões de juventude. No entanto, estas discussões grupais também trazem benefícios, por possibilitar a reflexão e posicionamento dos jovens diante de debates sobre a juventude. Fui informado de que a pesquisadora garantirá a confidencialidade e o anonimato do(a) menor. Sua participação será gravada em vídeo a fim de registro para estudos desta pesquisa, mas as imagens não serão exibidas ou utilizadas para outros fins.

A assinatura desse consentimento não inviabiliza nenhum dos meus direitos legais.

Caso ainda haja dúvidas, tenho direito de esclarecê-las agora, ou, em surgindo alguma dúvida no decorrer da atividade, esclarecê-las, a qualquer momento. A pesquisadora responsável por esta pesquisa é:

Érika de Sousa Mendonça.

Telefone de contato: (81) 8888-2937

Após ter lido e discutido com a pesquisadora os termos contidos neste consentimento esclarecido, concordo em participar como informante, colaborando, desta forma, com a pesquisa.

Recife, ____/____/20____.

Responsável pelo(a) participante - Assinatura: _____

Nome completo: _____

Nome do(a) menor: _____

Pesquisadora - Assinatura: _____

Nome completo: _____

Testemunhas - Assinatura: _____

Nome completo: _____

Testemunhas - Assinatura: _____

Nome completo: _____

APÊNDICE 04

Quadro com categorias e sub-categorias temáticas

Movimento social e formação de jovens	Mídia e imagens de juventude	Aspectos desestimulantes da participação em movimento social	Relações interpessoais	Rótulos de juventude	Juventude e lazer
Lugar privilegiado do movimento social na formação política de jovens: espaço de discussões e reflexões	Visão tendenciosamente negativa do jovem: a ênfase é na diversão, na bagunça, mas não se mostra suas atitudes e participações político-sociais	O trabalho do movimento social como um castelo de areia que se desfaz	Afinidades entre aqueles que procuram o movimento social	O jovem como louco	O jovem como problema social por ausência de lazer ou lazer de baixa qualidade por falta de dinheiro
Escola pública e formação alienada de jovens	Massificação da imagem juvenil	Participação em movimento social: muito tempo gasto, pouco ou nenhum dinheiro recebido	Compartilhamento de insatisfações e necessidades de uma luta social	Jovem como incapaz	
Escolas: preparar para o ambiente profissional X Movimento social: preparar para a vida		A desesperança em situações nas quais há a descrença de que um mundo melhor seja possível	Relações de liderança entre os membros do comitê	Jovem ativista como problema social	
Jovem ser alienado X estar alienado: a falta de oportunidades daqueles que dependem de iniciativas governamentais		Jovem ativista como suicida			
Mídia, políticos e professores como manipuladores dos jovens		O jovem como dependente, viciado pelo movimento social: quer sair, mas não consegue			
A necessidade de estimular e despertar interesses nas crianças e nos jovens		Ex-ativistas: aqueles que se cansam e desacreditam da possibilidade de construção de um mundo melhor			
		Juventude ativista e baixa auto-estima			

Participação política do jovem	O lugar do jovem e do movimento social nas políticas de juventude	Dificuldades financeiras	Jovens participantes e não-participantes de mov. sociais	Definições de juventude	<u>Falta de comprometimento dos jovens participantes MS</u>
Juventude como questionadora: luta pelos direitos básicos que são negligenciados	Necessidade de reforma política, especialmente na política voltada à juventude	Capitalismo e a necessidade de trabalhar e ganhar dinheiro cedo para ter condições mínimas de existência.	Da segregação à uniformidade nas características que definem os jovens participantes e não-participantes; as diferenças são de intensidade.	Juventude como etapa de experimentação .	Diferenças entre teoria e prática: o que querem fazer e o que realmente fazem
A função do jovem politizado e consciente: transmitir conhecimentos a outros jovens que não estão inseridos no movimento	Falta de oportunidade, de informação, de política de juventude	Juventude pobre e dificuldade de acesso à informação	A parcela de jovens que não se interessam pelos movimentos sociais: os que participam são chatos, esquisitos	A não-saciedade, a avidez da juventude	Não cumprimento dos horários de reuniões
Da força da ação coletiva propiciada pelo movimento social	O lugar do movimento social na vida dos jovens, substituindo o que devia ser garantido pelo poder público	Dedicação ao movimento social e nenhuma remuneração, nenhum retorno financeiro	Jovem que participa X jovem que não participa de movimento social: uma diferença de formação	Juventude como um estado de espírito e não como uma faixa etária	Pouca participação nos eventos e reuniões sistemáticas e assistemáticas
O espírito de luta e de inconformismo do jovem ativista	As dificuldades de fazer valer as discussões mobilizadas nos movimentos sociais	A luta diária pela subsistência: trocar vale-transporte por dinheiro	Ter atitude como característica do jovem que participa do movimento social.		Irresponsabilidade no cumprimento de acordos feitos no grupo
Rejeição à normatividade	O movimento social como substituto do poder público			Sonhos e expectativas de futuro	
O não questionamento sobre outra forma ou qualidade de participação: a deles já é boa o suficiente	Negação dos direitos de jovens como estratégias do Estado			“Sonhos utópicos”	
Caminho para a construção de uma imagem social positiva de juventude	Desorganização política das instituições			Expectativas de remuneração no trabalho junto a mov. Sociais	